



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICA DE QUIXADÁ**

**O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO EM  
LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**ENEDINA SOARES DA SILVA**

Linha de Pesquisa: Processos de Organização Linguística e Identidade Social.  
Orientadora: Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo

**RECIFE  
2021**

ENEDINA SOARES DA SILVA

**O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO EM  
LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, no Curso de Mestrado Acadêmico em Ciências da Linguagem, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo

**RECIFE  
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Católica de Pernambuco**

S586f Silva, Enedina Soares da.  
O funcionamento discursivo da diversidade de gênero em  
livros didáticos de língua portuguesa no ensino fundamental /  
Enedina Soares da Silva, 2021.  
193 f. : il.

Orientadora: Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da  
Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2021.

1. Análise do discurso. 2. Livros didáticos. 3. Igualdade.  
4. Identidade social. 5. Ensino fundamental. I. Título.

CDU 801

Pollyanna Alves CRB/4-1002

**ENEDINA SOARES DA SILVA**

**O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO EM  
LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Curso de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa **Processos de Organização Linguística e identidade social**, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo**.

Recife, 13 de dezembro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA:**



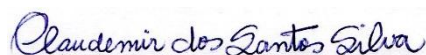
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP  
(Orientadora)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rossana Regina Guimarães Ramos Henz  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP  
(Examinadora Interna)



---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Claudemir Dos Santos Silva  
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE  
(Examinador Externo)



Aos meus pais: MARIA PEREIRA DA SILVA e ANTONIO SOARES DA SILVA, sempre vivos em mim, minhas maiores referências de seres humanos. Mamãe e papai, pessoas inspiradoras, passaram por esta vida e deixaram grandes exemplos de integridade, determinação, força, coragem e amor.

## AGRADECIMENTOS

Nessa caminhada chega o momento de externar nossa gratidão à todas as pessoas que contribuíram para a nossa construção enquanto ser humano. Acredito que sem a proteção de Deus, e as pessoas que foram chegando a nossa vida, não teria conseguido chegar até aqui, superando e aprendendo com todos os desafios vivenciados em nossa trajetória.

Minha eterna gratidão e homenagem aos meus pais, Maria Pereira da Silva e Antonio Soares da Silva, a eles dedico essa conquista. Foram eles que sonharam antes de mim, que eu me tornasse uma mulher independente, autônoma, livre... E, eles sabiam que o caminho seria pela educação. Não seria a mulher que sou hoje, se não tivesse tido esses pais incríveis! Sem muita formação escolar, mas com muita sabedoria de vida. Gostaria eu, de um dia alcançar tamanho conhecimento. Os levarei para sempre nas minhas melhores recordações e cada conquista será sempre em homenagem a eles.

Gratidão ao meu companheiro de caminhada, Ismael Silva, com quem partilho amor, responsabilidades, alegrias e tristezas. É aquela pessoa que quando a caminhada fica mais difícil, contar com o seu companherismo, generosidade e paciência, faz renovar as forças para seguir.

Gratidão à minha filha Maria Sofia, que me propocionou sentir a maior experiência de amor. Minha gratidão pela parceria, pela compreensão, por todas as trocas que fizemos até aqui: de olhares, de abraços, de carinhos, de conhecimentos, de descobertas.

Gratidão a Dores Soares, que sempre foi uma irmã muito presente, sempre se sentiu também responsável por mim, e é motivo de muita alegria estarmos concluindo esse mestrado na mesma turma. Assim, incluo também nossos familiares que sempre torceram por nós!

Minha gratidão por todo aprendizado proporcionado por todas as pessoas, sejam como funcionários, assessores ou dirigentes, que fazem o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Caucaia, a Federação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal do Ceará, Fetamce e suas entidades filiadas. Especialmente as mulheres dessas organizações que enfrentam em cada município os interesses de poderosos, e os desafios de ser mulher e falar em nome de uma

coletividade em uma sociedade marcada pelo patriarcado.

Gratidão à Internacional dos Serviços Públicos, que nos possibilitou conhecer a realidade de trabalhadores e trabalhadoras de outros países e também pelo Projeto Igualdade de Oportunidade, que fortaleceu a ação sindical voltada para a população negra, jovens, LGBTQIA+ e o Projeto de Equidade de Gênero.

Gratidão ao movimento sindical Cutista, que nos proporcionou conhecer a organização de trabalhadores e trabalhadoras de diferentes categorias profissionais e o esperar por unidade da classe trabalhadora para mudar a realidade.

Gratidão ao movimento feminista, por sua coragem de enfrentar o patriarcado em todas as suas formas de manifestações.

Gratidão à Rosilene Cruz e Rafael Mesquita, pessoas que por várias vezes recorri, trocamos ideias e pedi sugestões, ao pesar os rumos dessa pesquisa.

Gratidão à Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP e a Universidade Católica de Quixadá, por avançar em sua política de formação, criando a primeira turma de Mestrado Interinstitucional no Ceará.

Gratidão à professora Roberta Caiado, que tão bem coordenou a turma, desde o primeiro momento foi muito acolhedora, simpática, e conseguiu nos impulsionar rumo a novos conhecimentos. Estendendo nossa gratidão à todos os professores que contribuíram nesse processo e ao suporte do Lailson.

Gratidão à minha professora orientadora Nadia Azevedo, pela paciência de ter uma aluna militante em tempos bolsonaristas, em tempos de superação de perdas de pessoas amadas e dos efeitos dessa pandemia em nossas vidas. Sempre atenta e otimista. Sua metodologia enquanto orientadora, seu profissionalismo e a sua crença em minha capacidade de avançar na pesquisa, foi um reforço para priorizar a conclusão dessa pesquisa, mesmo com o cansaço físico e mental. Com tudo, foi muito especial fazer tantas descobertas sob a sua orientação. Sua leveza fez fluir e avançar o que pareceu por muitas vezes distante de concluir.

Ao companheiro Ailton Moreira, companheiro das lutas, diretor da Escola de Ensino Fundamental Luiza Távora em Caucaia, que gentilmente disponibilizou a coleção de livro didático para que pudéssemos realizar nossos estudos.

Gratidão à nossa primeira turma do Minter, pelas relações construídas de companheirismo, amizade, solidariedade, pela partilha de conhecimentos e aprendizagens durante a caminhada. Pela felicidade coletiva com a conquista de cada um. Podemos dizer que na nossa turma, ninguém soltou a mão de ninguém!

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,  
humanamente diferentes e totalmente livres.

Rosa Luxemburgo

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>FNDE</b>	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
<b>LD</b>	Livro Didático
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>CF</b>	Constituição Federal
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>TCTs</b>	Temas Transversais Contemporâneos
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>PE</b>	Planejamento Educacional
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático
<b>UNICEF</b>	União das Nações Unidas de Proteção a Inf
<b>LD</b>	Livro Didático
<b>LDLP</b>	Livro Didático de Língua Portuguesa
<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>Pisa</b>	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
<b>OCDE</b>	Organização para a Cooperaçã e Desenvolvimento Econômico
<b>AIE</b>	Aparelhos Ideológicos de Estado
<b>ARE</b>	Aparelhos Repressivos de Estado
<b>FD</b>	Formação Discursiva
<b>FI</b>	Fomação Ideológica
<b>FI</b>	Formações Imaginárias
<b>LI</b>	Linguagem Inclusiva de Gênero

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página 112.....	116
Figura 2 - Página 164.....	116
Figura 3 - Página 103.....	117
Figura 4 - Página 162.....	118
Figura 5 - Página 163.....	118
Figura 6 - Página 25.....	119
Figura 7 - Página 27.....	120
Figura 8 - Página 45.....	120
Figura 9 - Página 72.....	121
Figura 10 - Página 73.....	122
Figura 11 - Página 85.....	122
Figura 12 - Página 93.....	122
Figura 13 - Página 96.....	123
Figura 14 - Página 74.....	123
Figura 15 - Página 111.....	124
Figura 16 - Página 114.....	125
Figura 17 - Página 208.....	126
Figura 18 - Página 201.....	128
Figura 19 - Página 206.....	129
Figura 20 - Página 170.....	130
Figura 21 - Página 243.....	131
Figura 22 - Página 153.....	132
Figura 23 - Página 36.....	133
Figura 24 - Página 41.....	134
Figura 30 - Página 90.....	140
Figura 31 - Página 92.....	141
Figura 32 - Página 95.....	142
Figura 33 - Página 109.....	142
Figura 34 - Página 116.....	143
Figura 35 - Página 111.....	143
Figura 36 - Página 157.....	144

Figura 37 - Página 22.....	144
Figura 38 - Página 35.....	145
Figura 39 - Página 223.....	146
Figura 40 - Página 228.....	146
Figura 41 - Página 235.....	147
Figura 42 - Página 236.....	148
Figura 43 - Página 211.....	149
Figura 44 - Página 190.....	149
Figura 45 - Página 249.....	150
Figura 46 - Página 254.....	151
Figura 47 - Página 179.....	151
Figura 48 - Página 53.....	152
Figura 49 - Página 147.....	152
Figura 50 - Página 235.....	153
Figura 51 - Página 104.....	154
Figura 52 - Página 109.....	155
Figura 53 - Página 172.....	156
Figura 54 - Página 174.....	157
Figura 55 - Página 213.....	158
Figura 56 - Página 93.....	159
Figura 57 - Página 124.....	159
Figura 58 - Página 56.....	160
Figura 59 - Página 15.....	161
Figura 60 - Página 50.....	161
Figura 61 - Página 27.....	162
Figura 62 - Página 35.....	163
Figura 63 - Página 110.....	164
Figura 64 - Página 116.....	165
Figura 65 - Página 136.....	166
Figura 66 - Página 170.....	167
Figura 67 - Página 171.....	168
Figura 68 - Página 172.....	169
Figura 69 - Página 92.....	170
Figura 70 - Página 146.....	170

Figura 71 - Página 176.....	171
Figura 72 - Página 227.....	172
Figura 74 - Página 41.....	174



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro em que 1% da população mais rica de cada país detém da riqueza nacional .....	60
Quadro 2 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero .....	73
Quadro 3 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero .....	73
Quadro 4 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero .....	74
Quadro 5 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero .....	74
Quadro 6 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero com exemplo de adequação de redação de legislação considerando uma linguagem mais inclusiva .....	75
Quadro 7 - Série: 6 <sup>o</sup> ano.....	85
Quadro 8 - Série: 7 <sup>o</sup> ano.....	87
Quadro 9 - 8 <sup>o</sup> ano.....	89
Quadro 10 - Série: 9 <sup>o</sup> ano.....	91
Quadro 11 - Ausência das mulheres nos textos da seção Prática de Leitura. ....	94
Quadro 12 - As mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã .....	94
Quadro 13 - 1.1 Profissões exercidas por mulheres .....	96
Quadro 14 - 1.2.1 Profissões exercidas por mulheres .....	97
Quadro 15 - Mulher aparece associada ao casamento, namoro, amor.....	100
Quadro 16 - Ações, funções, iniciativas realizadas por mulheres .....	102
Quadro 17 - Comportamento das mulheres .....	103
Quadro 18 - 1.1 Faz referência ao corpo da mulher: estética; forma de vestir-se; sensualidade. ....	105
Quadro 19 - Diversidade Étnica Racial .....	107
Quadro 20 - Visibilizam as problemáticas sociais vivenciadas por mulheres .....	109
Quadro 21 - 1.2 Considerado coisas de mulher ou menina .....	110
Quadro 22 - Mulher heroína .....	111
Quadro 23 - Síntese das abordagens identificadas na coleção de LDLP .....	112
Quadro 24 - Identificação das autorias dos textos da seção Prática de Leitura .....	113
Quadro 25 - Análise das Autorias dos livros na Seção Ampliando Horizontes .....	115

## RESUMO

Este estudo analisou livro didático de língua portuguesa adotado nas redes municipais de educação dos municípios de Caucaia e Fortaleza no Estado do Ceará, da Coleção Tecendo Linguagens, do 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental, das autoras Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, da editora IBEP. Livro didático. Adotamos a pesquisa qualitativa, cujo método escolhido para atender aos fins deste estudo foi a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Nos recursos metodológicos, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo geral de Analisar o Funcionamento Discursivo da Diversidade de Gênero em Livros Didáticos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Tendo como objetivos específicos: Despertar uma percepção pedagógica crítica, com vistas às formações discursivas em torno das mulheres presentes no LDLP; Comparar as ideologias presentes nas representações sociais atribuídas às mulheres e aos homens no LDLP; Avaliar a posição-sujeito mulher no LDLP e seus efeitos discursivos; Significar os sentidos do silêncio atribuído às mulheres. Verificamos que as mulheres estão presentes nos livros didáticos, no entanto, quando são visibilizadas, na maioria das vezes, de forma estereotipada, reforçando uma superioridade masculina. Quanto à autoria dos textos e das indicações de leituras nas seções *Práticas de Leituras e Ampliando Horizontes*, constata-se uma ausência significativa de autoras mulheres, reflexo da histórica desigualdade de gênero imposta à mulheres. Constatamos também um silenciamento das problemáticas sociais que afetam a vida das mulheres. Concluimos que apenas o livro didático não reúne condições de despertar a criticidade e cultivar valores culturais que busque a igualdade de gênero. O papel da escola e dos educadores e educadoras são imprescindíveis, sendo necessária uma proposta pedagógica capaz de trabalhar a construção de uma educação crítica, libertária e emancipatória, baseada em valores igualitários de gênero, silenciados da coleção de livro didático.

**PALAVRAS-CHAVE:** livro didático, mulher, igualdade de gênero, análise do discurso de linha francesa.

## ABSTRACT

This study analyzed the Portuguese language textbook adopted in the municipal education networks of the municipalities of Caucaia and Fortaleza in the State of Ceará, from the Tecendo Linguagens Collection, from the 6th, 7th, 8th and 9th year of elementary school, by the authors Tânia Amaral Oliveira and Lucy Aparecida Melo Araújo, from the IBEP publishing house. Textbook. We adopted qualitative research, whose method chosen to meet the purposes of this study was the French Discourse Analysis (AD). In the methodological resources, we opted for a bibliographical and documental research, with the general objective of Analyzing the Discursive Functioning of Gender Diversity in Textbooks of Portuguese Language in Elementary School. With specific objectives: To awaken a critical pedagogical perception, with a view to the discursive formations around the women present in the LDLP; To compare the ideologies present in the social representations attributed to women and men in LDLP; To evaluate the female subject position in LDLP and its discursive effects; Meaning the meanings of silence attributed to women. We found that women are present in textbooks, however, when they are visualized, most of the time, in a stereotyped way, reinforcing a male superiority. As for the authorship of texts and reading indications in the Reading Practices and Expanding Horizons sections, there is a significant absence of female authors, a reflection of the historical gender inequality imposed on women. We also found a silencing of social issues that affect women's lives. We conclude that the textbook alone does not meet the conditions to awaken criticality and cultivate cultural values that seek gender equality. The role of the school and of educators are essential, requiring a pedagogical proposal capable of working on the construction of a critical, libertarian and emancipatory education, based on gender egalitarian values, silenced from the textbook collection.

**KEYWORDS:** textbook, woman, gender equality, French discourse analysis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO, DESIGUALDADES DE GÊNERO E ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA</b> .....	<b>25</b>
1.1 A EDUCAÇÃO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO .....	25
1.2 A ESCOLA COMO ESTRUTURA IDEOLÓGICA DE ESTADO .....	31
1.3 IDEOLOGIA, LIVRO DIDÁTICO E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA .....	34
1.4 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA .....	46
1.5 OPRESSÃO DAS MULHERES - A CULTURA DO PATRIARCADO E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO. ....	52
1.6 AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS: IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS ACERCA DAS MULHERES.....	64
1.7 A LINGUAGEM INCLUSIVA DE GÊNERO.....	70
<b>CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA: O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA</b> .....	<b>78</b>
<b>CAPÍTULO 3: DISCUSSÃO E ANÁLISE DISCURSIVA</b> .....	<b>85</b>
3.1 1ª ETAPA DE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO - COMO O LIVRO DIDÁTICO VISIBILIZA AS MULHERES OU PERSONAGENS FEMININOS NOS TEXTOS DA SEÇÃO PRÁTICA DE LEITURAS .....	93
3.2 2ª ETAPA DE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO – SEÇÃO AMPLIANDO HORIZONTES .....	114
3.3 3ª ETAPA DE ANÁLISE DAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO NA COLEÇÃO TECENDO LINGUAGENS. ....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>179</b>
<b>ANEXO 01 - LEI Nº 14.484, DE 30 DE JANEIRO DE 2014.</b> ....	<b>190</b>
<b>ANEXO 02 - DECRETO Nº 49.994, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.</b> .....	<b>191</b>
<b>ANEXO 03 - DECRETO Nº 49.995, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.</b> .....	<b>192</b>

## INTRODUÇÃO

No Brasil, estamos vivenciando momentos de profundos retrocessos, do ponto de vista democrático, político, econômico, educacional, social, cultural, ambiental, dentre outros. Vemos um avanço de um pensamento conservador que quer impor à escola uma censura na atuação dos professores, nos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, e cortes no financiamento da educação pública, seja na área do ensino, pesquisa ou extensão. Diversos fatos da história recente do nosso país afirmam essa censura na educação: podemos relatar as votações dos planos municipais, estaduais e nacional de educação em 2014, nas quais os parlamentares contrários impuseram vetos em trechos que fizessem referência à expressão “diversidades de gênero”<sup>1</sup>. Nessa perspectiva, seguiram as mudanças na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), construída sem nenhum diálogo com a comunidade escolar, a exemplo: o Projeto “Escola Sem Partido”.

Para Savianni (2017) a ampliação da crise política no Brasil a partir de 2013, com as mobilizações nas ruas de verde e amarelo, resultou no ano seguinte, na eleição da bancada mais conservadora no congresso nacional, fato que fragilizou as forças democráticas, ameaças constantes de intervenção militar por grupos de direita que ocuparam as ruas.

Após o golpe contra a presidenta Dilma, a primeira ação do governo Temer foi fazer a entrega do pré-sal, atingindo o financiamento da educação. O pré-sal<sup>2</sup>, descoberto em 2006, com lei garantindo investimentos de 75% dos *royalties*<sup>3</sup> para a educação e 25% para a saúde. Quando aprovado em 09 de novembro de 2016, o PL 4567/16, que definiu mudanças na Lei da Partilha, o Brasil já sofre com a quebra da patente da Petrobrás para a exploração e atinge o financiamento da educação e da saúde. De acordo com a reportagem de Eduardo Miranda, do jornal Brasil de

---

<sup>1</sup> Diversidade de gênero: gênero é concebido como uma construção social, pois se cria papéis sobre identidade de homens e mulheres, como menciona Scott (1995, p. 7). Assim, diversidade de gênero pode definido como um elemento construído pelas relações sociais, baseado nas diferentes orientações sexuais, que abarcam diversas relações de poder, permitindo romper com estruturas conceituais nos estudos sobre gênero.

<sup>2</sup> Pré-Sal: É um óleo leve (uma espécie de novo Petróleo), descoberto em grande quantidade e em águas profundas brasileiras. Com tecnologia da Petrobras. Considerada na história recente, uma das maiores descobertas do mundo, que despertou interesses internacionais para exploração.

<sup>3</sup> Royalties: São compensações financeiras devidas à União, aos estados, ao DF, e aos municípios beneficiados por empresas que exploram petróleo, pré-sal.

Fato<sup>4</sup>, Cloviomar Caranine, analista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), considera sobre o custo que:

[...] “nesse modelo de partilha, a empresa divide com a União o petróleo de lucro. Quanto menor o custo, maior a partilha. Como a Petrobras tem tecnologia, conhece e é a empresa que descobriu o pré-sal, ela tem um custo menor, então acaba sobrando mais recurso para a União”.

A reportagem mostra que a mudança sai mais caro para o país. A Petrobrás consegue tirar um barril de Petróleo do pré-sal a US \$7 enquanto as empresas privadas gastam entre US \$12 a US \$14 por barril. Tal fato mostra uma mudança na política internacional e econômica do país e impacta na soberania nacional, mostra uma submissão aos interesses do capital financeiro internacional, afetando as políticas sociais de educação e saúde nesse caso.

Nesses novos tempos, grupos reivindicam a primazia da família na educação dos filhos, e se desdobram em ataques a currículos, à criminalização da ação docente, às políticas inclusivas, às instâncias de administração e regulação da educação, às escolas e docentes em nome de um “direito à uma escola não ideológica”, “sem gênero”, “sem doutrinação” ou “sem partido”. Fundamentado nesse discurso estão os interesses de grupos fundamentalistas religiosos, que se intensificaram a partir da construção dos planos municipais, estaduais e nacional de educação em 2014.

Para Linhares e Baima (2019), “Ideologização” virou uma palavra mágica para explicar tudo o que há de ruim nas escolas. Justificado nessa construção de pensamento ocorre o corte nas verbas para a educação pública, sob o pretexto de que os baixos índices alcançados pelas escolas nos rankings seriam fruto de uma suposta degradação ideológica do ambiente escolar, como afirmam os autores supracitados:

A censura ao ato de lecionar é muito anterior aos projetos de lei espalhados pelo Brasil sob a rubrica “Escola sem partido”. Há anos ela se expressa na forma de “professores mal pagos”, em escolas abandonadas e sob estafantes jornadas de trabalho que continuam fora do horário escolar. (LINHARES; BAIMA, 2019, p. 127, 128).

---

<sup>4</sup> Matéria completa disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/09/14/entrega-de-pre-sal-a-empresas-estrangeiras-afeta-saude-educacao-e-cultura>

Não resta dúvida, o que Linhares e Baima (2019) destacam nos mostra que o essencial para garantir de fato o direito à educação de qualidade fica secundarizado. Assim, a escola vai ficando mais distante das necessidades dos educandos.

Para Junqueira (2019), diferentemente do sintagma retórico inventado pelos “defensores da família”, o conceito sociológico de ideologia de gênero pode ser útil para identificar, compreender e criticar a naturalização das relações de gênero, as hierarquizações sexuais, a heterossexualização compulsória, a inculcação das normas de gênero, entre outras coisas. São exemplos de manifestações da ideologia de gênero, o machismo, o sexismo, a misoginia, o heterossexismo, a transfobia, assim como a pugna religioso-moralista e antifeminista contrária à adoção da perspectiva de gênero nas políticas públicas. Podemos dizer, portanto, que são eles, os cruzados antigênicos, que agem como genuínos promotores da ideologia de gênero. Paradoxalmente, a partir de um manobra de inversão, esses “defensores da família” atribuem a outrem exatamente aquilo que praticam. O discurso antigênero nomeia como “ideologia de gênero” aquilo que é precisamente a sua crítica.

Continuando esse percurso histórico recente, é preciso considerar as eleições de 2018, que foram marcadas por *fake news*<sup>5</sup>, a saber: a existência de um suposto *kit gay*<sup>6</sup> e uma suposta “ideologia de gênero”. Em 2019, deu-se continuidade a um conjunto de reformas neoliberais iniciadas no governo Temer e, a ser posto em prática, um projeto político de educação, do atual governo federal, que ataca a liberdade de cátedra, permite a reprodução de livros didáticos que ignoram a formação étnica e cultural do povo brasileiro, implementa o programa das escolas cívico-militares, os cortes na educação, e a implantação do “Programa Future-se”<sup>7</sup>. A ministra Damares, responsável pela pasta de Direitos Humanos e da Família, criou um espaço para recebimento de denúncias contra os professores. São diversas

---

<sup>5</sup> *Fake News* - É uma expressão da língua inglesa muito utilizada, que consiste de acordo com o conceito do Professor Carlos Eduardo Lins e Silva, que consiste em notícia fraudulenta. Uma informação intencionalmente produzida com o objetivo de obter algum determinado fim, político ou não, via jornal impresso, televisão ou ainda nas mídias sociais.

<sup>6</sup> Kit Gay- Foi uma informação fraudulenta, usada para espalhar uma série de mentiras contra o Programa Brasil sem Homofobia.

<sup>7</sup> Programa Future-se: É um programa lançado pelo Ministério da Educação (MEC), para promover maior autonomia financeira nas universidades e institutos federais por meio de incentivo à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo.

ações que mostram que está em curso uma mudança no modelo de educação no Estado brasileiro.

É nesse contexto que a educação pública no Brasil enfrenta antigos e novos problemas agravados na pandemia. Pela construção da minha trajetória de mulher, educadora de escola pública, feminista, sindicalista e de esquerda, desejo através dessa pesquisa despertar o olhar crítico de educadores/as, educandos/as, comunidade acadêmica e militantes, para o livro didático (LD), em especial o de língua portuguesa, um dos principais recursos dos professores/as em sala de aula. Queremos avaliar o funcionamento discursivo da diversidade de gênero nos livros didáticos de língua portuguesa no ensino fundamental, avaliando como a mulher é retratada.

A partir do meu ingresso no serviço público, como professora da rede pública municipal de Caucaia, em 1999, e, em 2021, em Fortaleza, e diante da falta de condições de trabalho e violações de direitos, foi o fato que nos levou a reorganizar o Sindicato dos Servidores Municipais de Caucaia - SINDSEP Caucaia<sup>8</sup>, e a partir daí o ingresso no movimento sindical. Inicialmente uma ação voltada para resoluções de direitos como o transporte para trabalhar, mas logo de imediato passei a perceber nessa luta por direitos, que entre nós, trabalhadores, havia diferenças injustas de gênero. No auge da minha juventude, e vontade de transformar aquelas injustiças, ficou muito explícito que, entre as lideranças do movimento havia um tratamento, um poder diferente quando um líder homem e uma líder mulher falava, tanto entre os trabalhadores como na reação da gestão municipal. Algumas ações, em nome da coletividade, o líder homem sentia-se legitimado a praticar de forma individual, mesmo sem uma consulta aos demais integrantes do grupo, ou comissão de frente da luta. Eu estava diante de uma nova experiência e passei a enfrentar e denunciar essas práticas, que ficaram insustentáveis. Posteriormente, acabei me tornando a presidente do sindicato, tinha uma nítida percepção que sofreríamos discriminação de gênero, mesmo em uma categoria com predomínio de mulheres. Foram inúmeras vezes que pessoas da categoria chegavam em momentos de manifestações, assembleias e solicitavam: “coloca um homem para falar, pois vai passar mais segurança, mais confiança, mais firmeza...” e mal sabiam elas que as principais lideranças masculinas não eram

---

<sup>8</sup>SINDSEP Caucaia: Entidade Sindical de primeiro grau, representativa dos servidores municipais de Caucaia- Ceará.



referência de compromisso. A gestão municipal, por seus interlocutores, busca desqualificar a posição das lideranças femininas, referindo-se de forma pejorativa: “a menina”, “as meninas”, “as mal amadas”, fatos que permeiam até os dias atuais, porém, hoje já percebem que “as meninas” não podem ser subestimadas. E assim, a partir da minha experiência na organização dos servidores municipais de Caucaia, nos deparamos com o procurador do município buscando desqualificar a presença das mulheres na luta, dizendo que mulher “só sabia contar até seis” em uma referência às bocas do fogão, fato que na época foi denunciado à categoria, à câmara municipal e entidades de grau superior. Não era comum em Caucaia ter trabalhadores organizados questionando a política local e cobrando direitos. Foi um processo de mudança cultural nas relações de trabalho e interromper essa construção era uma forma de manutenção das forças políticas tradicionais da cidade.

Posteriormente, vivenciamos outra situação marcante, que foi um discurso de ódio às mulheres do sindicato, no qual um membro da categoria ao chegar no município e se deparar com um sindicato comandado por mulheres, passou a dizer que o sindicato não prestava, porque “só tinha mulheres, que quando menstruavam não trabalhavam...”, chegando a chamar de forma depreciativa de “*SindBarbie*”. Uma situação que víamos e não acreditávamos, pois havíamos vivenciado um período intenso de perseguição ao sindicato e suas lideranças mulheres, com violações de direitos dos trabalhadores, falta de diálogo com a gestão municipal e tentativa de sufocamento do sindicato com práticas antissindicais. Sendo que nesse momento difícil foram as mulheres que sofreram as maiores perseguições, que tiveram a coragem de continuar no sindicato e fazer as lutas necessárias, ocupando os cargos de diretoria, refletindo o que era a realidade da luta naquele momento histórico. Com tudo, fomos nós recorrer à justiça, para barrar esse discurso misógino, fato que acabou resultando em uma retratação.

Para além de Caucaia, olhando para o movimento sindical como um todo, vimos que a problemática era mais ampla. Em Caucaia, nós que fazíamos a linha de frente da luta, já tínhamos ciência das discriminações de gênero e fazíamos os enfrentamentos necessários. Porém, em outras categorias profissionais, as mulheres estavam ausentes dos sindicatos. Deparei-me com um movimento sindical com o predomínio masculino, não só com a presença dos homens, mas com a forma

masculina de construir a luta. Um machismo muito presente e visíveis práticas de tentativas de silenciamento das mulheres.

Na Federação dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal do Ceará (Fetamce), encontramos um protagonismo das mulheres, uma ação sindical que tem na sua centralidade, uma busca por igualdade de gênero. Ações que foram crescendo ao longo dos anos, e que favoreceu ao engajamento de outros grupos, como LGBTQIA+, jovens e população negra. E nessa concepção a Internacional dos Serviços Públicos (ISP) exerceu forte influência através de projetos voltados para a equidade de gênero e igualdade de oportunidade. Acabei chegando à presidência da Fetamce<sup>9</sup> por uma discussão da necessidade de empoderamento da juventude. No âmbito na Central Única dos Trabalhadores (CUT)<sup>10</sup>, deparei-me com a luta das mulheres pelo direito à creche nos congressos, nas atividades, para viabilizar a participação das mulheres mães, a luta por políticas públicas para as mulheres, a luta contra o feminicídio, contra o assédio moral, sexual e por igualdade no comando da Central. Vimos o avanço na organização, através do coletivo de mulheres, posteriormente a criação da secretaria da mulher trabalhadora da CUT, ações crescentes que provocaram a aprovação da paridade na central, que hoje é composta por 50% de mulheres e 50% de homens. Para garantir a paridade, foram dois congressos, sendo aprovado no 12º Congresso em 2015, em São Paulo, a ser implementado no congresso seguinte, que ocorreu em 2019, em Praia Grande, São Paulo. E ainda assim, foi necessário ampliar os cargos na direção, para chegar a paridade na ocupação dos cargos e muito à avançar para garantir a equidade de poder.

Penso que minha chegada ao movimento sindical, a minha participação nessas entidades, foram fundamentais para que eu pudesse compreender as injustiças sociais, as desigualdades de gênero que estamos expostos e, a partir daí, buscar contribuir para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Neste sentido, busco com esse trabalho chamar a atenção para a necessidade de percebermos que essas desigualdades de gênero impactam nossas vidas cotidianamente, a escola tem um papel importante na sociedade, e não é neutra, o

---

<sup>9</sup> FETAMCE: Entidade sindical de segundo grau, representativa dos servidores municipais do Ceará.

<sup>10</sup> CUT: Entidade sindical de terceiro grau representativa de trabalhadores de diversas categorias profissionais. É a maior central sindical do Brasil, da América Latina e a 5ª maior do mundo.

livro didático que muitas vezes pode parecer “inocente”, pode estar contribuindo para reforçar desigualdades de gênero.

Na nossa pesquisa discorreremos em uma perspectiva freireana<sup>11</sup>, considerando a interseccionalidade, com embasamento teórico na análise do discurso de linha francesa pecheutiana<sup>12</sup>, na qual recorreremos às contribuições de: Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Marx, Althusser, Mainguenu. Sobre livro didático: Marcuschi e Soraya Pacífico. Na temática de gênero e de mulheres, contribuições de escritoras feministas como: Silvia Federici, Maria Tiburi, Judith Butler, Manuela D’avila, Djamila Ribeiro, entre outras. Sobre educação e escola recorreremos a Bourdieu, Demerval Saviani, Paulo Freire, Nilma Lino Gomes, Vitor Henrique Paro, entre outros.

Nossas questões de pesquisa são: Como se dá o funcionamento discursivo sobre as representações de gênero no Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP)? Quais papéis sociais são atribuídos às mulheres ou personagens femininos e homens ou personagens masculinos nos LDLP? Os LDLP discutem ou mostram as problemáticas vivenciadas pela população feminina brasileira? Os LDLP reforçam formações ideológicas estereotipadas das mulheres, ou atuam em uma perspectiva mais igualitária de gênero? Quem escreve os textos trabalhados nos LDLP?

Desta forma esse trabalho pretende: Analisar o Funcionamento Discursivo da Diversidade de Gênero em Livros Didáticos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Despertar uma percepção pedagógica crítica, com vistas às formações discursivas em torno das mulheres presentes nos LDLP; Perceber as formações imaginárias, as ideologias e discursivas presentes nos textos atribuídas às mulheres e personagens femininos e aos homens e personagens masculinos nos LDLP; Identificar a posição-sujeito mulher nos LDLP e seus efeitos discursivos; Significar os sentidos do silêncio atribuído às mulheres.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método escolhido para atender aos fins deste estudo foi a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Quanto aos recursos metodológicos, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental. Desse modo, o estudo está assim organizado: No primeiro capítulo, trataremos de

---

<sup>11</sup> Freireana: Expressão relacionada ao pensamento que vem de Paulo Freire, escritor, patrono da educação brasileira.

<sup>12</sup> Pecheutiana: expressão relacionada ao pensamento do principal teórico da linha de pesquisa Análise do Discurso de Linha Francesa.

contextualizar a educação e seus desafios, gênero, o papel da escola como uma estrutura ideológica, o livro didático, as principais concepções teóricas da Análise de Discurso e seus aspectos históricos; reflexões sobre ideologia; continuamos a dialogar no sentido de compreender o processo histórico de opressão das mulheres mostrando como das desigualdades de gênero interpelam a vida das mulheres, o processo de constituição das formações imaginárias, ideológicas e discursivas entorno das mulheres e abordamos uma perspectiva de constituição de uma linguagem inclusiva de gênero. No segundo capítulo, tratamos de explicitar a metodologia. No terceiro capítulo: concluímos com as análises discursivas presentes na coleção de livro didático, nosso *corpus* de estudo. Por fim, há as considerações finais do estudo.

A partir desse momento, pedimos desculpas ao leitor por alguns parágrafos na primeira pessoa do singular, deixamos o “eu” de lado, necessidade marcada pela nossa atitude militante de defender as causas sociais e que está presente nas questões trazidas pelo estudo, e por todo o trabalho defendido. Assim, em todo o percurso a seguir, o “nós” assumirá o discurso, porque nos juntaremos aos autores com os quais nos apoiaremos para discutir teoria e prática analítica.

## CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO, DESIGUALDADES DE GÊNERO E ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

### 1.1 A EDUCAÇÃO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Ao refletirmos sobre uma educação significativa para os/as educandos/as faz-se indispensável recorrermos à Paulo Freire, em sua pedagogia dialógica<sup>13</sup> e emancipatória do oprimido, em contraponto à pedagogia da classe dominante<sup>14</sup>, capaz de contribuir para a libertação do/a oprimido/a, e a sua transformação em sujeito cognoscente, autor da sua própria história através da práxis enquanto junção entre ação e reflexão. No pensamento de Freire (2013), a educação é dialógica problematizante e participante. Acredita na capacidade humana de transição da consciência ingênua à consciência crítica. E assim, construir as condições para a organização de movimentos dos/as oprimidos/as pela sua humanidade. O autor, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, defende atitudes e posturas radicais baseadas no encontro com o povo através do diálogo enquanto instrumento metodológico que permite a leitura crítica da realidade, partindo da linguagem do povo, dos seus valores e da sua concepção do mundo, transformando-se numa luta pela libertação dos/as oprimidos/as.

Gomes (2017), inspirada nas reflexões de Boaventura Sousa Santos<sup>15</sup>, que fala sobre a *sociologia das ausências e emergências*, desenvolve os procedimentos teórico-epistemológicos da *pedagogia das ausências e das emergências*. A autora parte do princípio que o Movimento Negro tem se afirmando como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Com a capacidade de organizar e sistematizar os saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva. No entanto, a autora considera que os projetos, os currículos e as políticas educacionais tem dificuldades de reconhecer esses e outros

---

<sup>13</sup> Pedagogia Dialógica: trazida por Paulo Freire, retrata a visão de uma educação libertadora.

<sup>14</sup> Pedagogia da classe dominante: fundamentada em uma concepção bancária de educação, dirigida para a transmissão e avaliação de conhecimentos abstratos, numa relação vertical.

<sup>15</sup> Boa Ventura Sousa Santos: É um sociólogo reconhecido internacionalmente, intelectual com diversos estudos publicados nas áreas de sociologia do direito, política, epistemologia, estudos pós-coloniais, globalização, democracia participativa, reforma do Estado, direitos humanos, com trabalhos de campo em diversos países e traduzido em vários idiomas.

saberes produzidos pelos movimentos sociais, pelos setores populares e pelos seus grupos sociais não hegemônicos.

Nesse sentido, tanto Paulo Freire quanto Nilma Lino Gomes partem da realidade dos sujeitos para pensar a construção de uma educação que reconheça seus saberes, suas realidades e assim possa ser significativa, possa fazer sentido para suas vidas e ser capaz de ajudar a emancipá-los, libertá-los da opressão, transformando suas realidades através da educação. Com esse trabalho, queremos através de um discurso crítico avaliar como a educação pode contribuir na transformação do papel social da mulher na sociedade contemporânea, assim como avaliar os efeitos das narrativas presentes nos livros didáticos na construção de valores na nossa sociedade, seja nas relações de dominação, nas formações ideológicas, discursivas, na subjetividade, no interdiscurso, na política de silenciamento e nos valores históricos, ideológicos, entre outros estudos.

A educação em todos os tempos fez-se presente nas sociedades, impregnada de intencionalidade, com valores sociais, históricos, culturais e influenciando no modo de organização e constituição dos grupos sociais, quer seja a educação formal ou informal. Na educação formal, tem-se a instituição escolar como protagonista do processo educativo, que poderá ser desenvolvido em uma perspectiva libertária ou podendo ser um meio de reproduzir o modelo de opressão imposta a segmentos historicamente excluídos de direitos. Na educação informal, temos os diversos saberes construídos ao longo da história da humanidade pelos grupos sociais.

A escola é um espaço de disseminação de valores sociais, e a depender dos objetivos dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), que norteiam os Planos de Ensino (PE), a escolha dos materiais didáticos, em especial dos livros didáticos, além do desenvolvimento da prática pedagógica, é na escola que podem ser reforçados ou modificados comportamentos. Na escola, enquanto educadores, podemos ter uma ação pedagógica comprometida com a transformação social, indo para além dos conteúdos gramaticais, por exemplo, mas sendo capaz de levar o estudante a refletir, realizar o que Freire (1988) chamou de exercício livre e autônomo da leitura do mundo, para que, assim, cada pessoa tenha condições de construir com liberdade a sua própria história. Podemos considerar a partir do pensamento de Paulo Freire a necessidade de uma prática pedagógica capaz de considerar a individualidade de cada estudante, uma educação capaz de levá-lo a pensar criticamente sua realidade e as opressões que estão submetidos.

O contexto escolar é na verdade, um ambiente que poderá favorecer experiências de aquisição de autonomia, facilitar o processo criativo e fundamentalmente de construção cultural. Nessa perspectiva, a escola é convocada a repensar seu papel na construção de sociedades mais justas, mais humanizadas, saindo do lugar comum de lecionadora para ser gestora do conhecimento. (GADOTTI, 2000).

Conforme Gadotti (2000), a escola tem um papel social muito importante, principalmente considerando que vivemos em uma sociedade extremamente desigual e injusta. A escola pública congrega parte dessa sociedade que tem seus direitos individuais e coletivos violados, e boa parte dessas pessoas não possuem dimensão dessas violações ou sequer acreditam na sua capacidade de transformação de suas realidades. Nesse sentido, a escola adquirir uma prática pedagógica voltada para a emancipação humana poderá ter uma grande relevância na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, após sua posse, teve como suas primeiras medidas a publicação do Decreto 9465/19 que alterou a estrutura do Ministério da Educação e criou a subsecretaria de fomento às Escolas Cívicos-Militares. Desse modo, afirma Ricci (2019):

A militarização das escolas públicas é mais uma faceta da experimentação que assola o meio educacional brasileiro, com resultados pouco estudados e tendo o impressionismo como grande avalista. Mas dados e avaliações rigorosas pouco interessam quando o objetivo é criar um programa espetaculoso que polemiza e atrai a atenção, atalho que pode dizer muito em termos eleitorais, mas também interditar o futuro de nossas crianças e adolescentes. (RICCI, 2019, p.114)

Do ponto de vista pedagógico, uma medida vista com muita preocupação, pois estudantes com mais dificuldade de socialização e aprendizagem terão um ambiente mais hostil para seu desenvolvimento. O autor afirma que a adoção da militarização escolar em diversas regiões do país não diminuiu os casos de violência envolvendo estudantes.

Na educação, que vinha sofrendo com cortes no financiamento, criminalização da ação docente e outras medidas, com a chegada da pandemia do Coronavírus foram os professores que tiveram que aprender a utilizar novas ferramentas tecnológicas, desenvolver atividades para estudantes com e sem internet, arcar com os custos de equipamentos e internet para que a educação não parasse. O trabalho dos professores foi muito além da sua jornada de trabalho. A falta de acesso dos estudantes à internet e ao celular ou computador fez com que o

trabalho dos professores fosse multiplicado e seus horários de trabalho precisavam ser adaptados à disponibilidade do estudante. Assim, muitos passaram a incluir na sua jornada de trabalho o horário noturno, finais de semana e feriados. Os/as professores/as tiveram que aprender a ter desenvoltura em frente às câmeras, aprender a editar vídeos, fazer planilhas entre outras atividades, precisaram utilizar as atividades impressas, na tentativa de fazer com que os alunos que sofrem com a exclusão digital não ficassem mais prejudicados. Em contrapartida, ainda sofreram perdas de direitos com reformas administrativas impostas pelos gestores, congelamento salarial e constrangimento na hora da vacina, por estarem condicionadas a assinatura de termo, comprometendo-se ao retorno das aulas presenciais, mesmo sem a garantia da adaptação das escolas às novas exigências sanitárias. Conforme dados da UNICEF<sup>16</sup>, 71% das escolas ofereceram aulas pelo whatsapp; 69% por atividade impressa; 55% em plataformas como Google Sala de Aula; 49% outras plataformas online; 28% no Youtube; e 14% pela TV.

A exclusão tecnológica impediu que milhares de estudantes tivessem acesso a aulas remotas, sobretudo os mais pobres e pretos. De acordo com a reportagem de Ana Paula Bimbati, o portal UOL mostrou uma pesquisa da União das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) sobre a falta de equipamentos adequados para as atividades, pessoas com renda de 2 a 5 salários mínimos representam uma taxa de 14%. Enquanto se observa famílias até um salário mínimo, em que o percentual é de 54%. Segundo a pesquisa, 29% dos alunos brancos usam apenas celular para as atividades remotas, 48% são os estudantes pretos ou pardos. Portanto, chega-se à constatação de que a internet foi uma barreira para 42% dos alunos pretos e pardos.

No Ceará, a partir do Decreto Estadual nº 33.510 de 16 de março de 2020, a situação de emergência na saúde suspendeu as aulas presenciais como uma das medidas de enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo Coronavírus. Desde então, não somente o Ceará, mas o Brasil e o mundo passaram por uma série de novas medidas presentes na rotina das populações. Em particular no Brasil a situação foi agravada com números exorbitantes de vítimas, por conta de uma ideologia defendida pelo governo Bolsonaro que nega a gravidade do vírus.

Considerando que a maioria dos educadores da educação básica são mulheres, isso significa que a dupla jornada foi intensificada. Assim, todos os papéis

---

<sup>16</sup> UNICEF: Fundo das Nações Unidas para Infância.



sociais dessa mulher educadora tiveram que ser administrados no mesmo ambiente, sendo: o papel da mulher profissional; mãe com o acompanhamento das atividades escolares dos filhos, do cuidado com os idosos da família e dos doentes. Deve-se levar em consideração pesquisas que mostraram ser as mulheres, em sua maioria, as mais contaminadas pela COVID-19.

Agora, começa a se intensificar o processo de retorno às aulas presenciais, porém, durante todo esse período não houve o investimento necessário para que no retorno à atividade de forma híbrida ou presencial, a comunidade escolar contasse com escolas adaptadas, cumprindo todos os protocolos de segurança sanitária. Assim, nos deparamos com escolas com antigos problemas estruturais. A mesma pesquisa supracitada, feita pela UNICEF, constatou que 74% das famílias afirmam que seus filhos só retornarão às escolas quando considerarem que não haverá risco de contaminação.

Em todo esse ambiente intenso de trabalho, de exclusão digital, de adoecimento e números assustadores de pessoas que tiveram suas vidas interrompidas porque o vírus chegou primeiro que a vacina, muitos educadores estão com a sua saúde mental atingida. No retorno gradativo às aulas presenciais, além da necessidade do cumprimento de todos os protocolos sanitários, investimentos na infraestrutura das escolas, avanço da vacinação em massa da população, faz-se necessário o cuidado com a saúde mental de profissionais e estudantes. Vejamos, então, o que afirma Pereira (2020, p. 32):

Além dos impactos psicológicos diretamente relacionados à COVID-19, coexistem conjuntamente, os abalos biopsicossociais causados pelas medidas preventivas de contenção da pandemia, como por exemplo, os efeitos da quarentena e do isolamento social, que limitam não somente nossas interações presenciais e relações sociais, como também, restringem a realização de atividades de lazer e entretenimento, sendo estes, também considerados como potenciais fatores de risco à saúde mental e bem-estar emocional.

Em uma sociedade marcada por tantas desigualdades, preconceito e violência imposta ao feminino e às manifestações de sexualidade não normativas, pretendemos conhecer as relações e a formação de valores presentes nas tramas simbólicas construídas nos livros didáticos, de língua portuguesa do ensino fundamental; ao mesmo tempo em que buscamos revelar o que está por trás do “dito e não dito” (HERSCOVITZ apud. LAGO; BENETTI), em relação ao gênero nos textos destes materiais educacionais.

O conceito de gênero, que na década de 1970 tinha como objetivo romper com as teorias baseadas apenas nos aspectos biológicos, iniciou o processo de constituição de um marco teórico com grande repercussão na comunidade acadêmica e refletido nas lutas das mulheres.

O gênero é uma categoria de análise relacional, consolidando assim a perspectiva de que os papéis destinados a homens e mulheres são produtos de construções sociais e culturais. Mead (1935), em seus estudos de gênero, concluiu que características psicológicas femininas e masculinas não são inatas, mas comportamentos aprendidos e ensinados de uma geração para outra, sustentando a ideia que a cultura molda o comportamento, assim como produz a diferenciação de personalidades entre os sexos.

Scott (1995) considera que as diferenças entre homens e mulheres não são neutras, é reflexo de estruturas de hierarquização e relações de poder, normalmente de homens sobre mulheres. Relações que se constroem com base em tensão, oposição e antagonismo.

Na Análise de Discurso (AD) nos fundamentamos nos escritos de Orlandi, nos quais procura-se “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2001). Acredita-se que incidir sobre o funcionamento discursivo da diversidade de gênero nos livros didáticos de língua portuguesa no ensino fundamental é um meio para a dissolução da cultura machista, sexista e racista, sendo fundamental para a alteração das condições sociais e a promoção de reflexões críticas acerca da política educacional baseada em valores fundamentalistas. Espera-se que por meio dessas reflexões possam ser abolidas posturas individuais e coletivas que legitimam o ódio e o preconceito, que sustentam a desigualdade de gênero.

Isto porque, dos muitos caminhos para pensar o papel da educação na sociedade, nos preocupamos especialmente com os elementos que escapam da rede técnica do setor. Estamos falando, mais precisamente, sobre a observação desta produção a fim de inferir se o ser humano é visto em toda a sua potência, em toda a sua complicação, com menos reduções (MORAES, 2015). Desse modo, a linguagem é uma ferramenta do ser em construção, na perspectiva de compreender e ser compreendido, tornar o homem um ser social. Logo, o tema desta pesquisa situa-se na compreensão da presença deste “outro”, para então perceber de que

educação, de que sociedade, nos falam os livros didáticos disponibilizados na rede pública de educação brasileira para estudantes e professores do ensino fundamental, quando observada a representação sobre as identidades e expressões de gênero (BUTLER, 2018).

A nossa pesquisa está assentada nos estudos científicos sobre representação das mulheres na linguagem dos LDLP. Pretendemos entender as relações da educação em língua portuguesa com a formação de valores e sentidos; e, nas relações de poder nos valendo dos recursos disponíveis na análise de conteúdo e nos estudos provenientes de pesquisa bibliográfica e documental. Tudo isso é fundamental para a compreensão de como são produzidas as diferenças e as desigualdades sociais impostas às mulheres (BONOTO; STORCH, 2014).

## 1.2 A ESCOLA COMO ESTRUTURA IDEOLÓGICA DE ESTADO

Ao olhar para a escola pública nos deparamos com novos e antigos problemas que nunca foram prioridades a ponto de serem solucionados e, conseqüentemente, repercutem na qualidade da educação ofertada aos filhos e às filhas da classe trabalhadora. Problemáticas que vem dificultando, inclusive nesse momento de pandemia, a reabertura das escolas públicas. Com problemas que vão desde a estrutura física e as adaptações de segurança sanitária, as dificuldades pedagógicas, a exclusão digital, até os problemas de interferência ideológica: profissionais com salários congelados e sem condições de trabalho. Problemas causados pela falta de investimentos suficientes na escola pública e pelo avanço do conservadorismo após o golpe de 2016. Um descaso que demonstra ser intencional, de uma base ideológica que não permite a educação pública de qualidade.

Percebe-se que desde quando a escola pública deixou de ser apenas para a elite e passou a ser direito de todos, a escola pública deixou de ser prioridade e perdeu qualidade. Apenas com a Constituição Federal (CF) de 1988 a educação passou a ser considerada um direito humano e uma proteção social. Até então, o Estado não tinha obrigação formal de garantir a educação para toda a população, era ofertado como uma assistência aos que não podiam pagar.

Nesse sentido, vemos expressamente uma prevalência dos interesses da classe dominante, pois não interessa à elite que os filhos da classe trabalhadora possam ter uma escola de qualidade e acesso ao conhecimento, não consideram

importante oportunidades igualitárias de aprendizagem entre ricos e pobres, pois isso pode “abalar as relações de poder”. Paro (2012) destaca que só cresce o desinteresse da classe dominante na garantia de uma educação de qualidade. E no Brasil essa posição revela-se com a constante diminuição relativa das verbas governamentais destinadas à educação. O autor afirma que a escola pública é tratada com descaso, referindo-se às estruturas físicas, a desvalorização dos profissionais, a falta e a inadequação dos recursos didáticos, a superlotação das salas de aula, a falta de segurança, entre outros. Situação que se agravou na pandemia. Darcy Ribeiro<sup>17</sup> costumava dizer que “a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto”, referindo-se às estruturas sociais segregadoras presentes no Brasil.

O papel da escola na reprodução das relações de produção recebeu um lugar de destaque nas análises de Althusser (1974) através dos saberes práticos e da inculcação massiva da ideologia da classe dominante “que em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados e como exploradores e de exploradores com explorados (ALTHUSSER, 1980, p. 66).

Há a necessidade de uma escola pública de qualidade, mais interessante, com uma proposta pedagógica mais significativa para os/as estudantes, que exista considerando os elementos identitários, culturais e territoriais. Com políticas sociais de suporte para garantir o direito à educação e a permanência dos/as estudantes na escola; assim, evitar que estudantes abandonem a escola para trabalhar ajudando na renda da família, a fim de garantir suprir necessidades básicas.

No pensamento de Paulo Freire, não existe neutralidade em coisa alguma, não existe neutralidade na ciência e nem na tecnologia. A gente precisa estar advertido da natureza política da educação. O educador já dizia que educar é um ato político, que exige a compreensão que a educação é uma prática política. Não há uma escola que seja boa ou ruim em si mesma, enquanto instituição. Ao mesmo tempo, não é possível pensar a escola, pensar a educação, fora da relação de poder (FREIRE, 2013, p.40).

No pensamento de Marx e Engels podemos afirmar que a classe dominante, para exercer o seu poder, utiliza-se de várias estruturas discursivas para parecer

---

<sup>17</sup> Darcy Ribeiro: antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro, conhecido por seu foco em relação aos indígenas e à educação no país.

estar a serviço dos interesses de todos. Althusser (1974), em suas releituras de Marx e Engels, defende a ideia da existência de superestruturas de controle de Estado que agem sobre as infraestruturas, os aparelhos ideológicos e repressivos de Estado. Sendo a escola uma dessas estruturas de controle ideológico, assim como a religião, a mídia, entre outros. O autor entende que todos os Aparelhos Ideológicos de Estado têm como objetivo a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração daqueles que estão no poder sob os sujeitos que são subjugados. Nesse sentido, Lopes Filho (2013, pp.75-76) considera que Althusser (1970) quis enfatizar que os efeitos da superestrutura, conjunto de ideologias políticas, religiosas, jurídicas, de consciência social de um povo, exercem sobre a infraestrutura, entendida como base material da sociedade, construída pelas forças produtivas, máquinas, ferramentas, edifícios, tecnologias, e pelas relações de produção, relações entre os agentes da produção, entre proprietários e não proprietários dos meios de produção, por exemplo.

Paro (2012) acredita que a transformação da sociedade deve estar comprometida com a própria superação da maneira como se encontra a sociedade organizada. Defende que é essencial a compreensão do funcionamento da superestrutura política, jurídica e ideológica da sociedade. Considera importante recorrer às formulações teóricas de Antônio Gramsci para compreender o papel dessas superestruturas na sociedade capitalista desse século. Dessa diretriz, o autor coloca que para Gramsci a superestrutura se compõe de duas instâncias, dialeticamente interligadas, mas que possuem suas especificidades. A sociedade política, ou Estado no sentido estrito, congrega o conjunto de atividades que dizem respeito à função de *coerção* ou domínio direto, enquanto a sociedade civil agrupa os organismos chamados “privados”, cuja função primordial é a de *persuasão*. Dito isto, o autor afirma que:

Este aparato todo de coerção estatal disciplinadora dos grupos que não concordam com os rumos impressos pela classe dominante. É constituída para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo (GRAMSCI, 1978, p.11).

Para Althusser (1980, p. 64-66) o sujeito discursivo é entendido como um sujeito interpelado pela ideologia – “todos os aparelhos ideológicos de Estado (AIE), sejam eles quais forem, concorrem para o mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, (no capitalismo) das relações de produção capitalista”. Para

tanto, os aparelhos repressivos de Estado (ARE) e ideológicos buscam garantir produção de relações de produção com base na ideologia da classe dominante. Nesse sentido, a escola para Althusser ocupa um lugar de destaque, pois “nenhum aparelho ideológico de Estado dispõe durante tanto tempo da audiência obrigatória (e ainda por cima gratuita...), 5 a 6 dias em 7 que tem a semana”.

### 1.3 IDEOLOGIA, LIVRO DIDÁTICO E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Na atualidade a palavra ideologia tem sido uma expressão muito presente, embora na maioria das vezes colocada intencionalmente de forma equivocada, como meio de formar uma opinião contrária a ideologia, como se fosse possível, ela estar presente em apenas uma parte da sociedade, sua existência servindo aos interesses de apenas um grupo. Passando a falsa ideia que um grupo é ideológico e outro não! Para iniciarmos as reflexões sobre ideologia, vamos recorrer ao pensamento de diversos autores que veremos a seguir.

Para Gramsci (1978) a ideologia deve ser entendida como o significado mais alto de uma concepção do mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas. No mais alto nível é chamada de *filosofia*, pois exige maior elaboração, rigor lógico, coerência e sistematização. Em nível intermediário, a religião e o senso comum, como “elemento do senso comum desagregado”. No mais baixo nível considerado *folclore*, que é a “concepção de mundo e de vida” dos estratos mais baixos da população. A ideologia se dissemina por toda a sociedade sob a forma do senso comum, que é a maneira fragmentária, incoerente e inconsequente pela qual os elementos da filosofia se adaptam à situação social e cultural de cada camada social (GRISONI; MAGGIORI, 1974, p. 330).

Chauí (1981) resgata que o termo “ideologia”, criado pelo filósofo Destutt de Tracy, em 1810 na obra *Éléments de idéologie*, nasceu como sinônimo da atividade científica que procurava analisar a faculdade de pensar, tratando as ideias “como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente”.

Marx e Engels (2016) consideram que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade, ao mesmo tempo, sua força espiritual”. Reduzem o fenômeno

ideológico partindo de uma análise em termos de classes sociais. Nesse sentido, Chauí (1981) conclui que na concepção marxista a ideologia é um instrumento de dominação de classe, pois a classe dominante faz com que suas ideias possam ser ideias de todos. Os autores identificam “ideologia” com a separação que se faz entre a produção das ideias e as condições sociais e históricas em que são produzidas (BRANDÃO, 2012, p. 19-20).

Althusser (1970), em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, afirma que para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. E, nesse sentido, o Estado utiliza seus aparelhos repressores, compreendidos por: governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões e os aparelhos ideológicos (que compreendem as instituições como: religião, a família, a escola, o direito à cultura, a mídia, a política, o sindicato).

Em síntese do pensamento dos primeiros autores que estamos dialogando, pode-se perceber que o entendimento de ideologia sofre algumas variações, mas o fato é que não existe neutralidade. Sempre há grupos sociais disputando a sociedade através da ideologia, que chegam até as pessoas de diversas formas. E o modelo de educação é algo que está em constante disputa, fato de interferir na política de educação, na concepção, na pedagogia, nos recursos didáticos, ou seja, em tudo.

Nesse sentido, ao olhar para a instituição escolar, através do Livro Didático, especificamente o de Língua Portuguesa (LDLP), é preciso considerar que é o principal recurso didático utilizado na escola e ao longo da história da educação o livro didático foi ganhando destaque. Historiadores divergem sobre o seu surgimento, alguns defendem que o seu surgimento deu-se no século XIX, como um complemento aos ensinamentos que não constavam na Bíblia; e, outros acreditam que sua origem foi junto com a cultura escolar, bem antes da invenção da imprensa no século XV.

De acordo com Bittencourt (1993) os primeiros livros em 1885, foram impressos fora do país. Posteriormente no Brasil, através de pequenas gráficas e ou tipografias, que foram desaparecendo frente à investida das editoras no setor, havendo uma comercialização do livro didático em todo território nacional. Atualmente, vemos uma grande investida da iniciativa privada na educação, e com a pandemia da COVID-19, acelerou a comercialização das plataformas digitais. Algo

que a comunidade educacional precisará refletir sobre seus efeitos para a educação e o processo de ensino-aprendizagem.

Com a ampliação do acesso à educação, também foi crescente a investida das editoras sobre o livro didático. O Estado demonstrou ao longo da história do livro didático a sua relação com o setor privado, prestigiando e tornando o livro didático um negócio extremamente lucrativo. Mostrando essa antiga e estreita relação da educação pública aos interesses e necessidade do mercado.

Ainda no Estado Novo, mais precisamente em 1938, o governo já compreendia a necessidade de fiscalização do livro didático. Surgindo o primeiro decreto para fiscalizar a elaboração dos livros didáticos. De acordo com Ferreira (2008), o decreto estabelecia que nenhum livro didático poderia ser adotado sem a prévia autorização do Ministério da Educação e Saúde.

O ministro do Ministério da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, durante o Estado Novo brasileiro, sugeriu a Getúlio Vargas a criação de decreto-lei para fiscalizar a elaboração dos livros didáticos [...]. A comissão foi criada em 1938 e 'estabelecia que, a partir de 1º de janeiro de 1940, nenhum livro didático poderia ser adotado no ensino das escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais, e secundárias no país sem a autorização prévia do Ministério da Educação e Saúde' (FERREIRA, 2008, p. 38)

Durante o período do golpe militar de 1964, o livro didático teve uma ampla distribuição, porém, objeto de muita censura sobre os conteúdos a serem abordados, sendo um forte instrumento de controle do Estado, sua distribuição de larga escala, estava para atender aos interesses dos comandantes dos anos de chumbo. Destaca-se entre as mudanças na educação, a instituição obrigatória da disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e de Educação Moral e Cívica (EMC), de acordo com o Decreto Lei 869/68. Deste modo, o uso do livro didático estava a serviço de um projeto de repressão e contenção do Estado, que durou 21 anos, nos quais ocorreram diversas mudanças na política de educação e no livro didático.

Ao final da década de 80, e início da década de 90, inicia-se um processo de renovação dos livros didáticos. Com a redemocratização do Brasil, em 1985, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a partir de 1997, com o PNLD, sob o comando do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), iniciou-se a distribuição massiva para os (as) estudantes da rede pública, ação que acontece até os dias atuais.



O Governo Temer inaugurou uma nova fase no país, marcada por reformas sem discussão com a sociedade, desmonte de direitos sociais, das políticas públicas de participação da sociedade, como as conferências de educação, entre outras, enfraquecimento do controle social e avanço nas políticas neoliberais. Na educação, encaminhou um processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) falsamente democrático, não acolhendo as críticas e os debates que ocorreram em paralelo a sua elaboração. A nova BNCC, aprovada em 15 de dezembro de 2017 pelo Conselho Nacional de Educação e sancionada pelo Governo, é a diretriz para a construção dos currículos das redes públicas e particulares de ensino nas esferas municipais, estaduais e federais da educação infantil ao ensino médio, conseqüentemente interferindo nos conteúdos dos LDs.

Movimentos de luta em defesa do direito à educação e especialistas sempre levantaram questionamentos sobre a necessidade de uma base comum para todo o país. Porém, não de uma reforma que parte do terceiro setor com instituições vinculadas ao capital, como: Fundação Lemann, Instituto Ayrton Senna, Fundação Roberto Marinho e outros. Além disso, vale destacar que o Governo alegou o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, Pisa<sup>18</sup>, para justificar tal medida. Cara (2019) afirma que o Pisa é uma iniciativa da Organização para a Cooperação Internacional, pautada na economia de mercado, que fornece uma plataforma para comparar e padronizar programas econômicos, propor soluções liberalizantes e coordenar políticas públicas domésticas e internacionais. O autor critica ainda que, segundo a própria OCDE<sup>19</sup>, o Brasil investe menos que o necessário por aluno na educação básica; que não levam em consideração as condições de trabalho dos educadores e as condições de aprendizagem dos estudantes, questões que implicam diretamente na aprendizagem dos estudantes.

Para Rudá Ricci, a própria formulação da Base Nacional Curricular (BNCC) foi objeto de uma ofensiva política de grande impacto por empresas e bancadas parlamentares vinculadas a interesses religiosos e empresariais.

Nesse mesmo sentido Avelar (2019) avalia que o Brasil tem se tornado um

---

<sup>18</sup> Pisa: Programa Internacional de Avaliação de Alunos – de acordo com o Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Texeira (INEP), é uma valiação internacional realizada que mede o nível educacional de jovens de 15 anos por meio de provas de leitura, matemática e ciências

<sup>19</sup> OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, é uma organização internacional composta por 35 países membros, que reúne as economias mais desenvolvidas do mundo, e convida países parceiros, entre eles o Brasil.

local especialmente atrativo para esses empreendimentos por conta de sua enorme população em idade escolar (está entre as dez maiores populações em idade escolar no mundo). Com foco no lucro, questões pedagógicas, éticas e sociais são colocadas em segundo plano por esse tipo organização, cujo trabalho pode atingir a política educacional de diversas formas: participação em fóruns e comitês públicos, venda de serviços ou materiais para secretarias de educação, pressão sobre legisladores e executivos do governo com poder de decisão etc.

Para avaliarmos um pouco o processo ideológico que norteia a nova BNCC, em artigo, Freitas, Silva e Leite (2018, p. 863-867) identificam a existência de cinco diretrizes invisíveis na BNCC, um documento parcial, cheio de intencionalidade. Vejam o que dizem os autores:

A primeira diretriz invisível da BNCC, não diz como fazer aquilo que ela quer que se faça. Não há menção ao suporte como as habilidades devem ser trabalhadas em nome de uma pluralidade metodológica e da autonomia dos docentes e das redes de ensino. A segunda, diz respeito a ausência de identidade histórico-cultural. [...] a BNCC fala de um indivíduo desprovido de cultura e história. O planejamento educativo é voltado para um indivíduo genérico e que não apresenta subjetividade, particularidades ou identidade. Na Terceira diretriz invisível, trata-se do marco regulatório para controle das responsabilidades: [...] trata o trabalho pedagógico distante do presente, pois relega a alguém em um tempo futuro a sua execução. [...]; a quarta diretriz invisível, trata-se dos recurso de forte classificação e fraco enquadramento: diz respeito a como o currículo organiza e seleciona aquilo que é importante e que se propõe a assumir uma dimensão de verdade. E por último, a questão da interdisciplinaridade, onde existe recomendação para que os professores trabalhem de forma interdisciplinar, porém, há um discurso invisível em direção contrária, somado à ausência de indicativos ou parâmetros de procedimentos, novamente há uma transferência de responsabilidades aos professores.

Os autores também denunciam que a nova reforma curricular confirma o retrocesso nas discussões de gênero, não contempla as diferenças e a valorização do feminino no trabalho escolar das professoras e das alunas. Um documento organizado por área do conhecimento, uma classificação que dificulta a inter-relação entre os diferentes elementos do currículo. Não é prioridade a formação de professores, há pouca nitidez sobre recursos para os financiamentos e efetivação da base nacional.

A escola foi escolhida como um dos principais alvos dessa ofensiva reacionária transnacional, a escola foi colocada no centro de um debate público em que os desafios relativos às garantias ao direito à educação cedem lugar a abordagens voltadas a deslegitimar a liberdade docente e a desestabilizar o caráter público e laico da instituição escolar como espaço de formação crítica e de socialização para o convívio social, plural, cidadão e democrático (JUNQUEIRA, 2019, p.136).

Os contextos políticos e históricos de cada momento ao longo da história da educação brasileira têm sido determinantes na legislação educacional. O avanço conservador no modelo de educação, reformas educacionais sempre impostas pelo governo e aprovadas no legislativo. Senão, vejamos o que aponta Avelar (2019):

A disputa entre o público e o privado parece ecoar muito mais a oposição entre uma visão de educação como bem público (e sua gestão para o público) e uma visão privada que compreende a educação como uma ferramenta para o desenvolvimento econômico (e propõe que seja gerida como uma empresa) (AVELAR, 2019 p.77).

Essa disputa entre os modelos de projetos educacionais, citada por Avelar (2019), está mais viva do que nunca, basta analisar as mudanças educacionais recentes. Vale também salientar que o governo vem avançando na redução do Estado. São processos de privatizações, cortes de investimentos e terceirizações. A narrativa do governo busca influenciar a sociedade a acreditar que quando é público não presta, e para ter eficiência é necessário privatizar. Essa ideologia chega para privatizar, terceirizar a educação também.

No Brasil, a partir do golpe de 2016, vemos a intensificação de uma censura velada. Vamos resgatar alguns fatos noticiados na imprensa, que confirmam essa investida do governo Bolsonaro sobre o livro didático. Em dois de janeiro de 2019, foi divulgado pela imprensa brasileira um edital no Ministério da Educação, que modifica as regras para compra de livros didáticos a serem entregues em 2020. De acordo com o edital, não seria obrigatório constar as referências bibliográficas nos livros didáticos, acabando com a exigência de conteúdo baseado em pesquisas, seria excluída a exigência de revisão de erro e impressão antes da publicidade. Com a medida, poderia ser comprado com dinheiro público livros didáticos de baixa qualidade. Outro fato importante destacado na matéria foi o item sobre propagandas retirado do edital, em que mencionava que os livros não podiam ter “publicidade de marcas, produtos ou serviços comerciais”. Dessa maneira, não seria permitido incluir ilustrações, mesmo que para análise de texto. E, como se não bastasse os absurdos, também seria retirado a exigência das ilustrações sobre a alegação de “retratar adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país”. Ou seja, as figuras presentes nos livros didáticos não precisariam, por exemplo, mostrar negros, brancos e índios. Um livro apenas com

ilustrações com crianças brancas poderia ser aprovado. Com a repercussão negativa, o governo recuou.

Um ano depois, em entrevista aos jornais no Palácio Alvorada, o presidente Bolsonaro, em três de janeiro de 2020, declarou que os livros didáticos atuais são “lixo”, e o governo vai “suavizar” a linguagem do material entregue nas escolas a partir de 2021. E ainda declarou:

Não pode ter "essa historinha de ideologia" porque o "moleque" não vai "defender o sexo aos 12 anos de idade. Devemos buscar cada vez mais facilitar a vida de quem produz, fazer com que essa garotada aqui tenha um ensino que vá ser útil lá na frente. Não ficar nessa historinha de ideologia. Esse moleque é macho, pô. Estou vendo aqui, o moleque é macho, pô. E os idiotas achando que ele vai defender o sexo aos 12 anos de idade. Sai para lá", afirmou o presidente. Tem muita coisa, até a questão de livros, botei uma matéria ontem, já começa a mudar alguma coisa. Mas tem livros que eu vou ser obrigado a distribuir esse ano ainda levando-se em conta sua feitura em anos anteriores. Tem que seguir a lei. A partir de 2021, todos os livros serão nossos, feitos por nós. Os pais vão vibrar. Vai estar lá a bandeira do Brasil na capa. [...] Vai ter lá o hino nacional. Os livros hoje em dia, como regra, são um montão de amontoado de muita coisa escrita. Tem que suavizar aquilo. Em falar em suavizar, estudei na cartilha 'Caminho Suave', você nunca esquece. Não esse lixo que, como regra, está aí. Essa ideologia de Paulo Freire. Acrescentou.

O presidente, demonstrando nenhum conhecimento sobre o livro didático, educação e Paulo Freire, mais uma vez afirma sua intenção de modificar o livro didático, utilizando-se, como é de costume, de um discurso que coloca dúvida sobre os conteúdos estudados e a escola, buscando dialogar com a ideologia de fundamentalistas religiosos que se intitulam patriotas. Resume tudo a uma questão ideológica que ele precisa modificar, como se sua ação não fosse organizada para garantir que a sua ideologia prevaleça, mesmo que para isto, não exista a prevalência nos livros didáticos dos conhecimentos científicos. Sendo que o essencial a ser discutido e modificado no livro didático, e até mesmo na educação brasileira, não é mencionado, não há espaço de construção nesse sentido. Gerando-se um ambiente de insegurança nas políticas educacionais coordenadas pelo Ministério da Educação.

Refletir sobre esse tipo de interferência ideológica cabe um exercício: considerar a escola como aparelho ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1970) é uma afirmação que pode facilmente remeter aos tempos de chumbo da ditadura militar instaurada em 1964, uma vez que a intervenção dos governos autoritários no campo educacional foi explícita, desde as movimentações “legais” e “institucionais”

até as ações repressivas contra professores e estudantes, visivelmente buscando manter o controle ideológico em todos os sentidos, censurando ou ditando, fazendo com que seja reproduzido a todo custo.

Sobre o plano de fundo da disputa ideológica relacionada à prática docente e ao ensino-aprendizagem, no contexto brasileiro, segundo Marcuschi e Ledo (2015, p. 156 apud COSTA; MARCUSCHI, 2005) “o LDLP assume posição de destaque e pode ser visto como principal material a subsidiar a prática pedagógica”. Nesse sentido, o livro didático faz parte do cotidiano escolar, e até mesmo referencia o dia a dia em sala de aula, elemento central do fazer pedagógico diário. Marcuschi e Ledo (2015, pp. 156-157) também reforçam que, compreendendo as relações na escola, o livro didático se apresenta como apoio (único ou suplementar), que constitui um espaço privilegiado para a veiculação de valores e representações, a manutenção de um discurso hegemônico. Lendo Choppin em Batista e Rojo, as autoras elucidam sobre a definição de livro didático na análise que empenham, entendendo o livro didático enquanto obras produzidas para auxiliar o processo de ensino de disciplinas específicas, com apresentação de conteúdo progressivo e com o formato ainda vigente, através de unidades ou lições (para uso coletivo e individual) (MARCUSCHI; LEDO, 2015, p. 156).

Ao ler Faria (2008 apud Marcuschi e Ledo, 2015), as referidas autoras recordam como o LD é utilizado enquanto ferramenta de controle ideológico, pois “funciona como uma ferramenta de difusão ideológica da classe dominante”. Através do livro didático, as classes dominantes não apenas mantêm o discurso hegemônico, mas, principalmente, o ensinam, o reproduzem e o fazem reproduzir. Assim, ao concluir a leitura de Faria (2008), apontam:

Tal aspecto pode ser evidenciado tanto nas tensões pelas escolhas dos conteúdos a serem ensinados e sobre como eles serão ensinados, quanto nas representações ali colocadas (que se configuram como modelos de família, de raça, de classe social, de sexualidade, de papéis sociais assumidos pelos gêneros, dentre outros), legitimando-as e reproduzindo-as. Tendo em vista a utilização ainda destacada desse material didático nas salas de aula brasileiras, urge ampliar as pesquisas a ele relacionadas, na perspectiva de melhor compreendê-lo, com vistas a modificá-lo, dados os desafios postos pela contemporaneidade para a escola. (MARCUSCHI; LEDO, 2015, p. 160)

Com o objetivo principal de discutir as representações de gênero social em livros didáticos e textos, tema que dialoga com a presente pesquisa, Marcuschi e Ledo (2015, p. 161) consideram acerca do recorte de gênero e dentre outros

apontamentos, que “os livros estão associadas às ideologias patriarcalistas” e, no entanto, enfatizam responsabilmente:

Cabe enfatizar que não estamos propondo a censura ou a substituição destes ou de quaisquer outros textos dos LDLP, sobretudo porque eles expressam os valores vigentes num determinado contexto sócio-histórico e cultural brasileiro. O que nos causa estranhamento é a escassez, na maioria das atividades dos LDLP, de uma abordagem ou discussão crítica em torno das representações sociais veiculadas nos textos ou fragmentos, que acabam, assim, sendo indiretamente reforçadas. Deste modo, por não trazerem propostas de reflexão sobre as representações estereotipadas, os LDLP perdem uma excelente oportunidade de questionar noções socialmente naturalizadas, como as relativas aos papéis atribuídos pela tradição cultural aos gêneros.

Pacífico (2007) também já apontava que o livro didático consistia na maioria das vezes como única ferramenta em sala, e por isso mesmo se privilegiava enquanto “aquele que traz o sentido pronto, correto, legitimado e, portanto, deve ser respeitado e repetido”. Alertando para uma discussão pertinente ainda hoje, a autora debate que os professores dominados pela ideologia dominante reproduzem o discurso apresentado pelo livro didático de forma impositiva. Um exemplo disso é a prática de fazer com que os alunos apaguem as respostas quando não estão de acordo com o escrito no livro, “sem questionar, sem polemizar, nem interpretar outra possibilidade de resposta dada pelo aluno”. O que ela denomina como *gesto autoritário*, indica uma lacuna a ser discutida no fazer pedagógico.

Nascimento (2019) infere, à luz de Lajolo (2000), que há uma possível leitura no sentido da relação entre professor e livro didático, que questiona a não-participação do professor na elaboração dos conteúdos do livro didático, o que contorna o LD como uma espécie de *script*, um roteiro ao qual o professor aplica muitas vezes sem construir condições do diálogo sobre aquele conteúdo e o mundo. Assim, “o que há, então para o professor, é um script de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado” (NASCIMENTO, 2019, p. 122 apud LAJOLO, 2000, p. 15).

Em suma, é fato que o Livro Didático (LD) é um dos principais recursos didáticos dos professores em sala de aula e discorreremos ao longo da nossa pesquisa, diversas reflexões sobre a sua participação no processo educacional. O processo de escolha do livro didático (LD) ocorre através do Programa Nacional do Livro Didático, responsável pela aquisição e distribuição para todas as escolas públicas do país. Existem outros programas sobre o livro didático, voltados para o

ensino médio; alfabetização de jovens e adultos, estudantes com deficiência visual e surdez. O Guia do Livro Didático do Ensino Fundamental/anos finais, assim como de outras modalidades, tem como objetivo apresentar as informações necessárias de cada obra aprovada pelo PNLD, e disponibilizada aos educadores e educadoras para fazer o processo de escolha.

Alvo de muitos olhares quer seja pelo aspecto de conteúdos, imagens, atividades quer seja pelo seu caráter ideológico, apontado como um instrumento de reprodução dos interesses dos aparelhos ideológicos de Estado, sobre a formação de crianças, jovens e adultos. Tem-se o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP) como um dos mais investigados. De acordo com o resultado de uma pesquisa sobre *O Estado da Arte* do LD no Brasil, realizada por Rojo e Batista (2004), em que 37% dos trabalhos pertencem às Ciências da Linguagem. De acordo com a pesquisa, buscam avaliar os objetos de ensino, os aspectos gráficos e metodológicos ou de conteúdos ideológicos.

Sobre o LD de Língua Portuguesa, especificamente, Nascimento (2019, p. 123) elucida:

A relevância dos LDs eleva-se nas aulas de língua portuguesa, uma vez que o desenvolvimento de saberes referentes à leitura e à escrita constitui o objetivo principal da disciplina, pautada em leituras e atividades que intencionam aprimorar as competências comunicativas dos alunos e, conforme já mencionado, a principal fonte das leituras encontra-se nas coletâneas de textos e nos conjuntos de atividades presentes no livro didático.

Resumidamente, é possível compreender que no LD de Língua Portuguesa os paradigmas da manutenção do discurso da lógica dominante, apresentam-se mais latentes, uma vez que o conteúdo nos Livros Didáticos contorna-se a partir da ideia de (re)produção de sentidos. Por essa perspectiva, e como observado mais acima, outra reflexão que deve ser realizada é em torno do papel do (a) professor (a), a necessidade de uma formação de qualidade, na perspectiva dele (a) perceber de forma crítica o que foi silenciado e o que excede no livro didático. Diante de mudanças legislativas de caráter ideológico e conservador, e o patrulhamento ideológico contra os professores em sala de aula, fragiliza a liberdade de cátedra, os educadores (as), que terão que se posicionar diante de conteúdos que estão no centro das disputas ideológicas, sociais e políticas.

Orlandi (2007) nos fala sobre as formas do silêncio, que nos leva a significar os sentidos do silêncio. Já Pacífico (2007), diz que o livro didático trabalha com a

interdição de sentidos, o silenciamento, mas não descarta que o silêncio seja matéria fundante. Questão que iremos aprofundar *a posteriori*.

Na nova BNCC, a área de Linguagens nos anos finais é composta pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. De acordo com a BNCC, tem como objetivo possibilitar aos estudantes vivenciar práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens. A Base Nacional Comum Curricular é referência para a elaboração do currículo escolar em todo o país, e assim conseqüentemente todo material didático deve ser adaptado, inclusive o LDLP. Nesse sentido, ela estabelece competências na área da linguagem. Onde destacamos algumas a seguir:

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. [...] (BNCC, 2017, p.65)

O ensino de língua portuguesa (LP) deve acontecer de forma contextualizada. A nova BNCC considerou preceitos dos PCNs (1998), que propôs parâmetros curriculares para o ensino com o objetivo de formar estudantes para o exercício da cidadania, trazendo situações da vida cotidiana para a sala de aula. Assim, tomando o texto como o centro do processo de ensino aprendizagem, em uma perspectiva bakhtiniana<sup>20</sup>, o ensino da língua não ocorre de forma isolada. Rompendo com métodos tradicionais de ensino da língua, propõe um ensino de LP com base na leitura e produção textual levando em consideração uma diversidade de gêneros textuais. Com a nova BNCC, quatro eixos devem compor o processo de ensino de LP, são eles: leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica. Aos estudantes deve ser proporcionado experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, possibilitando um conteúdo que tenha significado e desperte o pensamento crítico.

---

<sup>20</sup> Perspectiva bakhtiniana: Para Mikhail Bakhtin (1895-1975), as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis, segundo o autor, as diferentes esferas da atividade humana, entendidas como domínios ideológicos dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros discursivos.



As perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens, deve considerar as novas possibilidades de letramento, ou multiletramentos. Considerar a velocidade da comunicação produzida pela nova cultura digital, na qual os adolescentes são protagonistas; as diversas formas de interação com textos multimidiáticos<sup>21</sup> e multimodais<sup>22</sup>. Para Rojo (2012, p. 13) o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Além dessa questão, ainda sob efeitos da pandemia, intensificou a necessidade da inclusão tecnológica na escola, como um meio de superação de desigualdades no acesso ao direito à educação. Com o avanço das mudanças e inovações tecnológicas, os professores e professoras ganham novas possibilidades pedagógicas, à medida em que se faz necessária a realização de formação pedagógica em tecnologias aplicadas a educação e ao ensino de Língua Portuguesa para os educadores da rede pública. E ainda, permeiam dúvidas entorno da implementação de novas metodologias de ensino e os resultados e metas desejados nas avaliações institucionais.

Os textos multimidiáticos possibilitam a articulação de linguagens e novos processos de sentidos, diferentes daquelas produzidos por textos que privilegiam uma linguagem em detrimento de outras. Nessa perspectiva, fotos, vídeos, podcasts, infográficos, revistas, áudios, filmes, playlists, vlogs, blogs, livros digitais e diversas outras formas de prática da linguagem e produção, devem ser utilizadas no processo de ensino e aprendizagem da língua materna.

Os textos multimodais possuem uma multiplicidade de linguagens articuladas, que contribuem para a construção de significados no texto. Constituem-se com diferentes linguagens, apresentam uma enorme variedade de linguagem verbal e

---

<sup>21</sup> Textos Multimidiáticos - São textos que possibilitam a articulação de linguagens sob forma digital. De uma perspectiva técnica, multimídia é a tecnologia caracterizada por permitir a combinação, em um mesmo programa e sob forma digital, de mídias diversas: textos impressos, imagens, sons, entre outros.

<sup>22</sup> Textos Multimodais - De acordo com Roxane Rojo, são textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que, portanto, exigem multiletramentos para a sua compreensão, ou seja, exigem capacidades e práticas de compreensão e produção para significar.

visual (desenhos) como: infográficos, quadrinhos, orais, visuais, gestuais, alguns textos escritos e fábulas, entre outros.

A partir da ação pedagógica, os estudantes, a depender do nível de aprendizagem que se encontram, a partir do contato com o texto, com as práticas de leitura e escrita, devem perceber gradativamente os elementos linguísticos, desenvolvendo competências linguísticas para realizar interpretação, compreender os efeitos de sentidos, realizar produção de texto, identificar intertextualidade, as condições de produção, assumindo uma posição ativa e crítica.

#### 1.4 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Registros históricos colocam a obra do linguista Zellig S. Harris (1909-1992), intitulada “Discourse Analysis” (1952), como o marco inicial dos estudos relacionados à Análise do Discurso de Linha Francesa (AD). Em sua obra, o autor designava uma unidade linguística constituída de frases; de texto, trabalhava o discurso em uma perspectiva estruturalista (MAINGUENEAU, 2015, p. 15-16). Desconsiderava qualquer reflexão sobre significação e as considerações sócio-históricas. Benveniste, ao falar em “posição” do locutor, levanta a questão da relação que se estará no centro das reflexões da análise do discurso, no qual o enfoque da posição sócio-histórica dos enunciadores ocupa um lugar primordial. Dito isto, a teoria do discurso atua em duas perspectivas teóricas. A americana, que compreende o discurso em uma extensão linguística, na qual o texto é visto de forma redutora. E a outra, em uma tendência europeia, que, segundo (1986), parte de uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, coloca a exterioridade como marca fundamental (BRANDÃO, 2012. p. 14).

Maingueneau (2015) aponta que a França foi um dos principais lugares de desenvolvimento da análise do discurso, sugere que talvez tenha sido o lugar onde tenha sido definida, sob esse nome, como um empreendimento ao mesmo tempo teórico e metodológico. Sua base teórica apoiava-se no estruturalismo, então no auge. Pêcheux (1969) publica um livro intitulado *Análise automática do discurso*, e Foucault sua *Arqueologia do saber* (2000), obra que traz noção de discurso para o centro da reflexão. A influência de A arqueologia do saber, de M. Foucault, sobre a análise do discurso francês, foi bastante – mais indireta que a de J. Dubois ou a de M. Pêcheux, mas foi expressiva. A AD tem como seu principal precursor Michel

Pêcheux, surge em momento de novas tendências, transitando entre a linguística e as ciências sociais. Ganhou destaque ao lançar as bases teóricas necessárias para uma abordagem cultural da análise linguística. A AD foi evoluindo enquanto teoria partindo da tríade: materialismo-linguística-psicanálise.

Na Análise do Discurso de linha francesa (AD) considera-se o contexto sócio-histórico-ideológico em que os sujeitos estão inseridos. Trata-se do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento: o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo e o discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007, p. 13).

Nossa pesquisa tem por objeto a linguagem na coleção de livro didático de língua portuguesa (LDLP), do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático, adotado nas redes municipais de educação dos municípios de Caucaia e Fortaleza. O nosso olhar esteve voltado para a análise do livro didático, com o embasamento teórico da análise do discurso de linha francesa, buscando avaliar as construções discursivas em torno da representação das mulheres, seu lugar-sujeito, nas imagens, nos textos e nas atividades propostas. Dito isto, iremos apresentar alguns conceitos fundamentais da AD, com vista a melhor compreensão das análises realizadas no livro didático.

Para iniciar esse percurso teórico trazemos Saussure (1916; 2006) que em seus estudos concluiu que: a língua é o sistema onde tudo se mantém. É social, é constituída de constantes. De seu lado, a fala é ocasional, histórica, é individual é constituída de variáveis. Ao separar língua e fala, separa-se ao mesmo tempo o que é social e o que é histórico. A dicotomia sausseriana<sup>18</sup> entre língua e fala, fazia com que se pudesse analisar a língua – enquanto um sistema com a sua organização e funcionamento – mas tornava impossível análise da fala, que se apresentava assim como assistemática e desorganizada. Ao deslocar, não dicotomizado, para a relação língua e discurso, o discurso desta vez é sujeito à análise de seu funcionamento, contanto que atentemos para a relação do que é linguístico com a exterioridade que o determina. No discurso temos o social e o histórico indissociados (ORLANDI, 2017, p. 16).

Nesse sentido, se iniciamos abordando a língua, fala e discurso, é necessário iniciar compreendendo que o sujeito na AD não é um sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Isto significa dizer que há em toda língua

mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso (ORLANDI, 2017, p.17). Desse modo, o sujeito é resultado da sua relação com os materiais linguísticos e históricos e a ideologia é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.

Nesse aspecto, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (ORLANDI, 2015, p. 44). Na AD, o sujeito é uma construção polifônica, conceito criado de acordo com Orlandi, inicialmente por Bakhtin que o aplicou à literatura, retomado, posteriormente, por Ducrot, que se refere ao fato de que todo discurso está construído pelo discurso do outro, toda fala é atravessada pela fala do outro. A ideologia é a base de constituição do sujeito e pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, surgindo a discursividade. Courtine (2009) define a posição de sujeito como a relação que se estabelece entre um sujeito enunciador, que se apropriou dos saberes daquela formação discursiva (FD), articulando-os como se fossem seus, e o sujeito do saber da FD, que reúne seus saberes centrais. As possíveis variações dessa relação, sempre segundo Courtine, produzem os diferentes efeitos-sujeito no discurso. Contudo, podemos concluir que para a AD o sujeito constitui-se de história, linguagem, inconsciente e ideologia.

Ocorre com o sujeito, segundo a AD, o assujeitamento ideológico, que consiste em fazer com que o indivíduo, inconscientemente, seja levado a ocupar o seu lugar na sociedade, grupos sociais ou classes. O sujeito na linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente e interpelado pela ideologia, ou seja, segundo os pressupostos teóricos, não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Neste sentido, o sujeito não é a fonte, a origem dos sentidos, porque a sua fala atravessa outras falas, outras vozes; enfim, outros dizeres e por que não dizer até outros não dizeres.

Na AD as condições de produção ocupam grande relevância, compreende fundamentalmente aos sujeitos e a situação (ORLANDI 2020, p.28). Determinadas pelo contexto sócio-histórico-ideológico, os interlocutores, o lugar de onde falam à imagem que fazem de si e do outro e do referente. Nesse sentido a exterioridade leva em consideração o contexto, situação empírica, interdiscurso, circunstâncias de enunciação, elementos importantes para avaliar as condições de produção. Considera que as condições de produção regem as interpretações.

Os sentidos são sempre determinados pela ideologia, estão intrinsecamente ligados com a formação discursiva da qual participa, produzindo no processo de

interlocução o atravessado pelas condições de produção (contexto sócio-histórico-ideológico) do discurso. Segundo Orlandi (2020), o discurso seria, portanto, o efeito de sentidos entre os locutores. Considerando o contexto sócio-histórico-ideológico (condições sociais, a história oscila e também a história particular de cada pessoa, por fim a ideologia permeia as relações humanas) no qual o discurso e o sujeito estão inseridos, a saber: o discurso seria o resultado, a sequência do efeito de sentido sobre os locutores.

Nessa perspectiva, Pêcheux (1969) afirma que discurso é um efeito de sentidos entre locutores. A comunicação não é linear, estão sempre tocados pelo simbólico, há efeitos de sentidos entres os locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso. Esses sujeitos são redefinidos discursivamente como parte das condições de produção dos discursos. Dito isto, Orlandi (2017) conclui que não podemos deixar de relacionar o discurso com suas condições de produção, sua exterioridade.

Orlandi (2020) afirma que as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.

Nas formações imaginárias (FI) estão presentes as relações de força, de sentidos e a antecipação, constituídas ideologicamente. Para Orlandi (2007), observar os modos de construção do imaginário é necessário na produção dos sentidos. Segundo a autora, nosso imaginário não surge do nada, mas sim do modo como as relações sociais se inscrevem e são regidas na história por relações de poder. A AD então encontra sua função ao atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades, para então tentar explicar o modo como os sentidos estão sendo produzidos e para, enfim, ajudar os falantes a compreender melhor o que está sendo dito. Ela está ligada à ideia de como os sujeitos estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser descritos sociologicamente.

Pêcheux (1969) passa a considerar que as interpelações que ocorrem com o sujeito, ocorrem em conformidade com as formações sociais (FS) ou ideológicas (FI) de determinado contexto histórico, com a luta de classes e com a resistência dos indivíduos. Reconhece a necessidade de se considerarem os efeitos da luta de classes nas práticas discursivas. Propõe que o inconsciente é elemento constituinte

da resistência da classe trabalhadora. A AD considera as formações sociais, lugar em que são estabelecidas as relações entre as classes sociais.

As formações discursivas (FD) são o que pode e deve ser dito a partir de um lugar sócio-histórico determinado e atravessado por uma formação ideológica. Num mesmo texto podem aparecer formações discursivas diferentes, cuja consequência imediata é, então, as variações de sentido. Acabam por refletir as formações ideológicas e imaginárias constituídas socialmente.

Podemos afirmar que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas são decorrentes das representações no discurso das formações ideológicas. De tal modo, que as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso. Configurações específicas dos discursos em suas relações (ORLANDI, 2020, p. 41):

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. A) O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. B) É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2020, p. 29). É o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido (ORLANDI, 2007, p. 31). O intertexto traz a relação de um texto com outros textos.

Nesse percurso teórico, trazemos os estudos de Ducrot (1972), sobre a presença do dito e o não-dito. Eni Orlandi (2020), toma por base os estudos de Ducrot (1972), para refletir sobre o não-dizer. Isto posto, o autor traça diferentes formas de não-dizer, que está relacionado ao implícito, ao silêncio, entre outros. Onde ele irá separar o pressuposto, que está ligado à linguagem e o subentendido, que se dá em contexto.

O posto (dito) traz consigo o pressuposto do que não-dito, mas presente. O subentendido depende do contexto. O não dizer está ligado à noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Considera-se que há sempre

no dizer um não-dizer necessário. Em outras palavras, “o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva” (ORLANDI, 2007 p.81).

O não-dito, na AD, também é trabalhado na perspectiva do silêncio (ORLANDI, 2007) que é pensado como a respiração da significação, um lugar de recuo necessário para que a pessoa possa significar para que o sentido faça sentido. Existem várias formas de silêncio. O silêncio fundador: indica que o sentido pode sempre ser outro. Há os que atravessam as palavras, os que falam por elas, os que as calam (ORLANDI, 2020).

O Silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: Silêncio constitutivo, pois uma palavras apagam outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo “sem medo” não digo “com coragem”) e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se sabia, mas porque não se pode dizê-lo). O silêncio é a garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz que o silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem significância própria. (ORLANDI, 2007, p. 23).

Para Orlandi (2020) o texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade linguístico-histórica.

O texto é uma unidade complexa constituída de regularidades e irregularidades cuja análise implica suas condições de produção. Conforme Orlandi diz, de natureza intervalar. Contudo, como objeto teórico não apresenta uma unidade completa em si mesma, pois o sentido do texto se constrói no espaço discursivo dos interlocutores. E como objeto empírico de análise, pode ser considerado algo acabado, pronto, com começo, meio e fim. Ele é reflexo de posições ideológicas que constroem os sentidos.

A diferença entre texto e *corpus* é bastante interessante para compreender. Ela marca a fronteira entre, de um lado, as práticas de comentário tradicionais que tentam interpretar textos legados por uma tradição e, de outro, as abordagens em termos de discurso, que se pretendem resultados das ciências humanas e sociais. Os analistas do discurso não estudam obras; eles constituem *corpora*.

Segundo Michel Pêcheux (1975), em sua obra intitulada *Semântica e Discurso*, traduzida por Orlandi e outros, podemos distinguir duas formas de esquecimento: Esquecimento 1 - também chamado de ideológico, é da instância do inconsciente, resultante do modo pelo qual a ideologia não afeta. Esquecimento 2 - é da ordem da enunciação, já que ao falarmos dizemos de uma maneira e não de outra, estabelecemos, assim verdadeiras relações parafrásticas as quais indicam que os dizeres sempre podem ser outros. Sendo que o discurso é a matéria prima para o analista, fez-se necessário nesse momento conceituar esse termo, tarefa árdua por si só.

Considerando esse percurso teórico, reunimos as bases necessárias para a compreensão da teoria da AD, que subsidia os estudos nesta pesquisa.

### 1.5 OPRESSÃO DAS MULHERES - A CULTURA DO PATRIARCADO E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO.

Continuando nossos estudos, avaliamos necessário refletimos sobre a história das mulheres, marcada pela resistência ao patriarcado estruturado em todos os tempos ao longo da história da humanidade, atribuindo funções sociais diferenciadas para homens e mulheres. Suas marcas são sentidas até os dias atuais, como a misoginia, a cultura do estupro, a imposição de padrões de beleza às mulheres, a mercantilização de seus corpos, o encarceramento em massa das mulheres negras, a violência policial, a violência contra as mulheres trans, travestis e prostitutas, ntre outras formas de violência contra as mulheres.

Olhando ao longo da história podemos lembrar que no Feudalismo<sup>23</sup> (século V ao XV) na idade média, as mulheres estavam sujeitas ao poder do pai e depois de casadas ao poder do marido. Nas relações de trabalho, as ricas comandavam os trabalhos domésticos, enquanto as pobres estavam divididas entre o trabalho na agricultura, o cuidar dos filhos e os trabalhos domésticos. Sua importância estava ligada ao trabalho produtivo e reprodutivo.

---

<sup>23</sup> Feudalismo: sistema econômico, político e social que se fundamenta sobre a propriedade da terra, cedida pelo senhor feudal ao vassalo em troca de serviços mútuos e que caracteriza a sociedade feudal.



Nos séculos XVI e XVII, cerca de um terço das mulheres da Inglaterra, Espanha, França e Itália trabalhavam como criadas. Os homens, por mais empobrecidos que fossem, ainda eram beneficiados pelos rendimentos se suas esposas, ou podiam comprar serviços de prostitutas. Os homens tinham o poder de destruir uma mulher, simplesmente declarando que eram prostitutas e assim como os senhores feudais, podiam decidir sobre sua vida ou morte. Desde o surgimento da exploração capitalista, que oprime a classe trabalhadora e sua exploração impacta em uma proporção maior a vida das mulheres pobres. As mulheres e as crianças ingressaram no mundo do trabalho como uma força de trabalho mais barata. Além disso, suas características físicas atraíram os interesses da indústria têxtil, que necessitam de mãos menores, movimentos mais delicados e pessoas de menor estatura. Os homens foram voltados para os trabalhos mais pesados. As mulheres negras sofriam explorações superiores aos homens na escravidão, coube o papel de cuidar da limpeza, da cozinha, cuidar dos filhos dos seus senhores e ainda a exploração sexual. Dessa forma, foi se fortalecendo a ampliação das desigualdades, que se constitui como mais uma forma de exploração das mulheres, com recortes profundos de classe e raça. O capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo (FEDERICI, 2017, p. 37).

Embora invisibilizadas na história, a resistência e a luta das mulheres sempre existiram e foram importantíssimas em muitos fatos marcantes da história da humanidade como: a Revolução Francesa, a Comuna de Paris, a Revolução Russa, Revolução Industrial e tantas outras. Embora a organização e a força das mulheres tenham sido decisivas, essa história foi silenciada. A história registrada nos livros tem o protagonismo dos homens e a participação das mulheres secundarizadas ou invisibilizadas. É pertinente, portanto, recorrer a Tiburi (2018, p. 14), ao afirmar: a transformação da sociedade precisa ser pensada rumo a uma vida melhor para todas as pessoas. Isso implica pensar outro projeto, outra política, outro poder, outra educação, outra ética, outra economia. O feminismo é o campo teórico e prático que pode construir uma política com outros referenciais: a natureza, o corpo, o cuidado, a presença, a vida digna. O movimento feminista é considerado um dos mais importantes movimentos sociais do século XX até a atualidade.

Esse silenciamento das mulheres na história não é por acaso, faz parte de um modelo de sociedade que privilegia o homem, estruturada pelo patriarcado. Durante

muito tempo, as desigualdades entre os sexos foram ocultadas sob o discurso baseado em um fenômeno de natureza biológica. As diferenças percebidas eram atribuídas ao fato de ser mulher ou ser homem.

As construções ideológicas, que ao longo dos séculos foram baseadas na pretensa inferioridade das mulheres, determinam as representações sociais acerca da imagem feminina e prestam-se para alimentar o controle sobre sua autonomia pessoal e profissional. (ALMEIDA, 2014, p. 129)

A educação destinada às mulheres era voltada para o desempenho das suas habilidades no espaço da vida privada. Voltados para os cuidados da casa, dos filhos e do marido. Constituindo a imagem de boa mãe, esposa e dona de casa. Esse entendimento prevaleceu até o século XVII. Tiburi (2018), observa que há uma construção de uma “ideologia do amor de devoção à família” imposta às mulheres. A autora relata que sempre achou curioso quando, no colégio, as professoras ensinavam a dizer “rainha do lar” para elogiar as mães no dia das mães. E, na realidade, sua mãe vivia reclamando do trabalho dentro e fora de casa e ainda se desdobrando para criar cinco filhos, era uma vida que não tinha nada que fosse associado à rotina de sua mãe, como uma vida de rainha.

No Brasil do século XVIII, as mulheres ainda eram coisificadas, passavam a ser parte dos bens, dos dotes do marido, e em caso de morte, caso resolvessem casar novamente, perderiam os direitos hereditários, que eram restritos apenas a 1/3 dos bens.

Para as mulheres europeias, a caça às bruxas exerceu o papel principal na construção de sua nova função social e na degradação de sua identidade social. Assim, relata Federici (2017), durante os séculos XVI e XVII, as mulheres sofreram um grande processo de degradação social. Na França, perderam o direito de fazer contratos ou de representar a si mesmos nos tribunais, tendo sido declaradas legalmente como “imbecis”. Na Itália, começaram a aparecer com menos frequência nos tribunais para denunciar abusos perpetrados contra elas. Na Alemanha, quando uma mulher de classe média se tornava viúva, passou a ser comum a designação de tutor para administrar seus negócios. Também foi proibido às mulheres alemãs que vivessem sozinhas ou com outras mulheres. No caso das mais pobres, não podiam morar nem com suas próprias famílias – afinal, pressupunha-se que não seriam adequadamente controladas (FEDERICI, 2017).

As mulheres foram expulsas não apenas de muitos trabalhos assalariados, como também das ruas, onde uma mulher desacompanhada corria o risco de ser ridicularizada ou atacada sexualmente (DAVIS, 1998). Na Inglaterra, também passou a ser mal vista a presença das mulheres em público. Foram dissuadidas de sentar-se em frente a suas casas ou de ficar perto das janelas; também eram orientadas a não se reunirem com suas amigas, também foram recomendados às mulheres que não visitassem seus pais com muita frequência depois do casamento (FEDERICI, 2017).

No período da Inquisição, uma das punições contra os feiticeiros e feiticeiras era o degredo, que era considerado um crime grave e a pena constituía-se em um exílio, um banimento. No período colonial, o Brasil recebeu muitos portugueses degredados. A maioria dos portugueses eram degredados para o interior do país, para que não precisassem fazer a travessia além-mar, necessária caso partissem para uma colônia.

Muitas das bruxas degradadas para o Brasil continuavam praticando feitiçaria neste país e ainda propagavam seus saberes entre os colonos. [...] Portanto, é necessário salientar que, antes da Inquisição, era o Estado que se ocupava do delito de feitiçaria. A obediência à Igreja e ao rei era condição essencial para o triunfo da ordem monárquica. Por essa ótica, a feitiçaria representava a encarnação diabólica da desobediência. [...] A feitiçaria personificava o modelo supremo de subversão, uma espécie de 'contrapoder' misterioso que ameaçava o reino terrestre (PIERONI, 2006, p.164-165)

Podemos constatar com o autor que a ação das mulheres era criminalizada, as mulheres eram consideradas feiticeiras e bruxas, pois eram vistas como uma ameaça ao Estado ao desobedecer às regras impostas por este e pela Igreja, sendo consideradas subversivas ao ameaçar o reino terrestre através de práticas sobrenaturais. A Igreja invoca o mito de Eva, que foi tentada pela serpente, atraindo para a Terra a fúria divina. Assim, desde o início dos tempos, a mulher foi considerada uma parceira do mal.

O pensamento conservador da igreja católica conseguia opor obstáculos à educação e profissionalização das mulheres com o argumento da necessidade de preservá-las moralmente e mantê-las ao abrigo dos desvios de conduta que o excesso de instrução poderia possibilitar (ALMEIDA, 2014).

Na análise dos relatórios das professoras públicas no século XIX, há claras referências à pobreza das alunas das camadas populares e o para o ensino a elas ministrado. Os pais dessas meninas, não raro, opunham-se a um tipo

de instrução que ultrapasse o socialmente aceito. Educar essas jovens significa ensinar corte e costura, pois ler e escrever pouco lhes valeria no futuro; isso era o que costumeiramente, se veiculava entre essas camadas sociais. Para as mulheres, bastaria a assinatura do nome e um pouco de leitura do missal. Considerava-se perda de tempo que as meninas se dedicassem a aprender coisas que poderiam ser-lhes prejudiciais e as fizessem descuidar do que era realmente importante, cuidar da casa e dos filhos. As filhas da classe dominante recebiam um tipo de instrução semelhante, com o destaque das prendas domésticas acrescidas de uma certa instrução artística, uma leve cultura literária e as normas de etiqueta essenciais para o convívio social. Sua educação, normalmente, processava-se nas residências e era dada por professores estrangeiros ou em escolas particulares (ALMEIDA, 2014, p. 193).

As mulheres curandeiras tradicionais e parteiras, que passaram a exercer certo poder sobre as comunidades, por fundamentos religiosos de interesses do Estado, foram associadas à feitiçaria, pois quando ainda eram escassos os médicos eram geralmente as mulheres que realizavam curas. Quando as universidades começaram a formar médicos, essas “curandeiras” foram demonizadas, consideradas bruxas, que eram consideradas mulheres mais perigosas que as feiticeiras, pois possuíam pacto com o demônio, mulheres irrecuperáveis. As bruxas eram responsabilizadas por qualquer fato que ocorresse, por questões climáticas, epidemias, crimes ou até mesmo por desentendimento entre casais e outras desavenças de menor proporção. Já as feiticeiras, acreditavam que eram as mulheres que utilizavam práticas e artifícios misteriosos para curar doenças, adivinhar o futuro e obter benefícios em diversas áreas.

Os resquícios dessas violências contra as mulheres refletem até os dias de hoje, quando vemos as dificuldades para garantir a presença das mulheres nos espaços públicos. Ao longo dos anos foram sendo construídos papéis sociais atribuídos às mulheres, reservando a elas o espaço da vida privada. Pois a mulher como “sexo frágil”, em um pensamento machista, não está preparada para as funções da vida pública.

A definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atroz e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixaram marcas indeléveis em sua psique coletiva em seu senso de possibilidades. De todos os pontos de vista – social, econômico, cultural, político -, a caça às bruxas foi um momento decisivo na vida das mulheres; foi o equivalente à derrota histórica a que alude Engels, em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884) como causa do desmoronamento do mundo matriarcal, visto que a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas feministas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimentos que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista, assim como a condição necessária para a sua resistência na luta contra o feudalismo. A partir dessa derrota surgiu um novo modelo de feminilidade: a

mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Essa mudança começou no final do século XVII, depois das mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado (FEDERICI, 2017, pp. 203,204).

Para a autora, a caça às bruxas nos séculos XVI e XVII fez parte da ofensiva contra as mulheres, com objetivo de garantir as condições para o desenvolvimento do sistema capitalista e patriarcal. Já no século XVIII, e em boa parte do século XIX, a educação não era um direito de todas as meninas, e ainda restrita a conhecimentos básicos como ler, escrever e as operações fundamentais, complementadas com atividades manuais de bordado e costura. A igreja e o Estado sempre consideraram um poder divino do homem sobre a mulher no século XIX.

Espera-se das mulheres a reprodução de um modelo de comportamento desejado por uma sociedade marcada por valores patriarcais, e quando elas rompem com esse sistema, tornam-se indesejáveis ou inúteis, perigosas ou desobedientes, tornam-se perseguidas e até mortas. Nesse sentido, Tiburi (2018) considera que a *docilização* e submissão das mulheres tem tudo a ver com isso. E toda essa perseguição e violência foram sustentadas pelo discurso misógino que historicamente criminaliza o protagonismo das mulheres, que considerou inadmissível uma igualdade de comportamentos e direitos entre homens e mulheres.

Bem antes, Foucault (1997), em sua obra *Corpos Dóceis em vigiar e punir*, comentada por Marques (2013), mostra que no século XVIII o corpo é inventado como um princípio muito abundante de poder, enquanto máquina, sistema e disciplina. É concomitantemente dócil e frágil, alguma coisa possível de manipular e de fácil adestramento, enfim, passível de dominação. A disciplina dos séculos XVII e XVIII recebe um tratamento diferenciado daquilo que era aplicado anteriormente, fugindo completamente dos princípios de escravização e de domesticidade das épocas passadas, é o uso do corpo para fins predeterminados. A disciplina fabrica corpos dóceis, humildes, altamente especializados e com capacidade para desempenhar as mais variadas tarefas. A disciplina multiplica a força em termos econômicos e reduz qualquer espécie de resistência que o corpo possa vir a oferecer ao poder. O corpo só pode ser utilizado como fonte econômica e como força útil se, ao mesmo tempo, for produtivo e submisso.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política

de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1997, p.119).

Vejamos que no mundo do trabalho as profissões mais ligadas ao cuidar são ocupadas por uma ampla maioria de mulheres, como podemos verificar por exemplo: nas áreas da educação, saúde, assistência social. A feminização do magistério no século XIX, por exemplo, foi resultado da obrigatoriedade da escolarização, a ampliação de vagas e escolas, o processo de democratização das escolas. O Estado atribuía às mulheres uma moral, onde era socialmente mais aceito a profissão ser exercida por mulheres. Surgiram as escolas femininas. Com o avanço do processo de industrialização ampliando o mercado de trabalho, os homens passaram a sair do magistério e ocupar outras profissões com melhor remuneração.

“Mesmo o trabalho feminino no magistério também foi objeto de resistência masculina, dos maridos que não aceitavam que a mulher trabalhasse fora de casa e dos professores que não as queriam na profissão” (ALMEIDA, 2014). Na política, muitos partidos políticos colocam mulheres para serem candidatas apenas para cumprir as quotas de gênero, com o objetivo de viabilizar as candidaturas dos homens, “as candidaturas que são pra valer”, e dificilmente as candidaturas das mulheres são candidaturas prioritárias.

Consequentemente, as mulheres ocupam em média 15% das cadeiras do parlamento e muitas sofrem violência de gênero na política. Acerca da ex-presidenta Dilma Rousseff, por exemplo, mesmo sendo mulher, foi construído um estigma de que ela agia com características masculinas, “linha dura”, perfil técnico. “Não chorou nem na ditadura”, basta retratar o dia que ela esteve no congresso, antes de ser deposta, e enfrentou a todos sozinha, segura e competente do papel de chefe de uma nação, quando o golpe político de cunho misógino já estava orquestrado contra a primeira mulher eleita presidenta do Brasil. Sendo que, até o golpe ser concretizado, foi chamada de louca, histérica, sua imagem queimada, lembrando a idade média na qual as mulheres eram queimadas, incitando o país à violência

simbólica do seu corpo. Era colocada sob suspeição, por romper com o modelo tradicional de família, pelo fato de não ser casada. No tradicional desfile presidencial de sua posse, participou acompanhada de sua filha. Foi questionada pelo fato de gostar de ser chamada de presidenta, para evidenciar o reconhecimento feminino. Constantemente questionada sobre a sua competência e preparo para assumir e governar o país.

O que significa dizer que uma mulher não é política? Significa dizer que ela é incompetente para o exercício do cargo público. Essa base de querer nos condenar no espaço privado, sempre é um dos grandes argumentos que é desenhado contra nós, quando nós fazemos política (ROUSSEFF, 2021)

As mulheres vêm sendo deslegitimadas, excluídas de muitos espaços de decisões, impedidas ao logo da história de exercer com liberdade os seus papéis sociais, sua representatividade, seus saberes desenvolvidos, sem sofrer nenhuma forma de discriminação.

Foi uma luta das mulheres o direito à educação formal, assim como o direito ao voto que foi conquistado apenas em 1830, porém, com restrições de gênero. As mulheres só passaram a ter direito esse direito com a universalização do direito à educação. Até então a educação recebida pelas mulheres era voltada para o privado, o trabalho doméstico, costura, bordado, culinária. A escola era considerada um espaço masculino, não sendo considerada importante a necessidade das mulheres lerem e escreverem.

Essa exclusão das mulheres ao direito à educação resultou em consequências que verificamos até hoje. Almeida (2014) observa que setores ocupacionais com os menores salários são e sempre foram ocupados por mulheres, nos mais diversos países capitalistas, e isso se deve ao fato da opressão exercida ao longo dos séculos, que fez com que o trabalho por elas desempenhado fosse considerado hierarquicamente inferior. Porém, cabe ressaltar que quando uma profissão está direcionada para o atendimento para população de baixa renda no sistema capitalista, consegue fazer com que esta acabe por perder sua qualificação profissional e seu poder aquisitivo, enquanto as profissões voltadas para as elites e para o sistema produtivo e tecnológico sempre se mostram plenamente qualificadas, prestigiadas e bem remuneradas.

No Brasil temos uma sociedade formada com base nas desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero. O que faz com que o Brasil tenha destacadas

marcas internacionalmente reconhecidas, como um dos países com maior concentração de renda do mundo, revelado em diversas pesquisas. O relatório da Riqueza Global, publicado anualmente pelo banco Credit Suisse, mostra que o Brasil está em segundo lugar entre os dez países selecionados em concentração de renda (Quadro 1).

**Quadro 1** - Quadro em que 1% da população mais rica de cada país detém da riqueza nacional

1	Rússia	58,2%
2	Brasil	49,6%
3	Índia	40,5%
4	Estados Unidos	35,3%
5	China	30,6%
6	Alemanha	29,1%
7	Reino Unido	23,1%
8	Itália	22,2%
9	França	22,1%
10	Japão	18,2%

Fonte: Relatório da Riqueza Global, publicado anualmente pelo banco Credit Suisse

No que trata de feminicídio, etapa final de uma sequência de outras formas de violência praticada contra as mulheres, o Brasil ocupa a 5ª maior taxa mundial de homicídio de mulheres, de acordo com análise do Mapa da Violência 2015, com dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde sobre 83 países. Na pandemia se constatou que enquanto outros crimes diminuíram, o feminicídio teve um aumento. Uma em cada quatro mulheres brasileiras (24,4%) acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, durante a pandemia de covid-19. Isso significa dizer que cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual. É o que aponta a terceira edição da pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de mulheres no Brasil” (2021). No que diz respeito a violência contra a população LGBTQIA +, o Brasil há mais de uma década lidera as estatísticas, sendo o país no mundo que mais mata travestis e transexuais. Segundo o dossiê feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2020, 175 pessoas foram assassinadas no Brasil. A denúncia foi entregue ao Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA). Todas essas



violências são de maior impacto quando se trata da população negra, com identidades de gênero femininas.

Isto posto, vale atentar às questões que Tiburi (2018) questiona: se as mulheres terão de pagar caro também na vida profissional apenas por serem mulheres, não apenas no lugar de trabalhadoras, mas no de “carne” – ao qual foram destinadas desde muitos séculos. O que podemos chamar de “cultura do assédio”, no trabalho ou nas ruas – ou na família, ambiente em que acontece a imensa maioria dos estupros e abusos sexuais -, relaciona-se a condição subalterna das mulheres que – por não poderem competir como os homens e porque não são consideradas seres iguais em direitos – devem servir caladas à violência de taras verbais e físicas. Em consonância com as observações postas, Federici (2017), em seu estudos conclui que ao negar às mulheres o controle dos seus corpos, o Estado privou-as da condição fundamental de sua integridade física e psicológica, degradando a maternidade à condição de trabalho forçado.

Destarte, Bourdieu (2019), observa o papel das instituições (família, escola, estado) no processo de produção e reprodução dos valores sociais, e, defender que a pesquisa histórica não pode se limitar a descrever as transformações da condição das mulheres no decurso dos tempos, nem mesmo a relação entre gêneros nas diferentes épocas; ela deve empenhar-se em estabelecer, para cada período, o estado do sistema de agentes e das instituições, família, igreja, Estado, escola, etc., que, com pesos e medidas diversos em diferentes momentos, contribuíram para arrancar da história, mais ou menos completamente, as relações de dominação masculina.

Em escala mundial, essa inserção ocorre com a primeira revolução industrial, a indústria têxtil – reserva aí a simbologia histórica tanto do dia internacional da mulher, quanto do primeiro de maio, em contextos históricos diferenciados, mas que retratam a questão das péssimas condições de trabalho da classe trabalhadora, sobretudo, a inserção da mulher. A partir da segunda guerra mundial, as mulheres vão ampliando sua participação na esfera pública, após a revolução industrial, ingressaram no mercado de trabalho, passaram a acumular a dupla jornada, precisando dividir seu tempo entre as tarefas da vida privada e da vida profissional. Porém, recebendo salários rebaixados, péssimas condições de trabalho e longas jornadas de trabalho, os fatos resultaram em inúmeras greve de mulheres. A historiadora Diana Assunção, integrante do coletivo feminista Pão e Rosas, relata

que a história do 8 de março é totalmente marcada pela história da luta socialista das mulheres, que não desvincula a batalha pelos direitos mais elementares – que, naquele momento, era o voto feminino na batalha contra o patriarcado e o sistema capitalista.

De acordo com levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho do país em 2019, ou seja, mais da metade da força de trabalho no Brasil. As mulheres destacam-se nas áreas das ciências humanas, sociais biológicas e da saúde, e os homens, nas ciências exatas, tecnológicas e agrárias.

Com a dupla jornada, as mulheres precisam administrar a jornada de trabalho dentro e fora de casa. Continuam com a função social do cuidado, responsáveis pelo trabalho doméstico, o cuidado dos filhos, dos idosos e doentes da família. Dedicam-se em média 22 horas por semana, enquanto os homens por volta de 10 horas. Outro fato, que ainda prevalece nas desigualdades de gênero, é o fato das mulheres mesmo com avanços expressivos na sua escolarização, e a partir do anos 90 estarem inclusive em curso que tinham o predomínio da presença masculina, os homens continuam tendo a preferência nos cargos de chefia, cargos de maior qualificação e remuneração.

Vale destacar que as relações capitalistas, são relações sociais de produção. Conforme este se desenvolve, impacta na mudança social das relações de trabalho, da instituição família, em que a relação público-privado estão marcadas, com o advento da revolução industrial, a partir do desenvolvimento das relações de produção. É importante pensar o desenvolvimento da sociedade contemporânea nessa ótica. De tal modo, que as ações do Estado, atende a interesses ideológicos que se refletem nas políticas públicas. Nesse sentido, ter a garantia de políticas públicas visando a busca do bem-estar social, requer refletir que foi uma forma de salvar o capitalismo da crise de 29. Esse Estado não é um Estado socialista. São formas de contemplação aos direitos sociais para movimentar a própria funcionalidade do capitalismo defendido por uma perspectiva keynesiana<sup>24</sup>.

A construção de políticas públicas voltada para a maternidade e a família, acabam sendo o foco das construções voltadas para as mulheres, mas a chegada das mulheres no mundo do trabalho, com um trabalho de menor valor, trouxe

---

<sup>24</sup> Perspectiva Keynesiana: oposição ao liberalismo, defendendo a intervenção do Estado.

consigo reações e resultantes em mobilizações por direitos igualitários, por vida digna. Sendo as políticas públicas fundamentais para corrigir e promover direitos sociais, historicamente violados. Saffioti (2001), quando a fala que as políticas públicas voltadas às mulheres, como creche, só ocorreram porque as mulheres estavam inseridas no mercado de trabalho e isso passou a ser um problema social para o lucro do capital, portanto, elemento de pressão, que se concretiza em política pública, fruto da luta e organização da classe.

O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. [...] o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito (SAFFIOTI, 2001).

Com a Constituição de 1988, chamada de a “Constituição Cidadã”, traz na sua concepção a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres. O princípio da igualdade considera que as pessoas em situações diferentes sejam tratadas de forma desigual. Pois, até então, as mulheres não estavam na constituição, o que reflete também no âmbito das leis, as práticas patriarcais que marcam as relações sociais. Perceber esse silenciamento ou inferiorização das mulheres, nos instrumentos jurídicos, nos permite ver toda uma estrutura social que sempre desafiou a luta feminina por correção das desigualdades impostas às mulheres.

A Carta Magna, no Brasil, em seu artigo 205, estabelece que a educação visa ao “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Assim posto, Cara (2019), afirma que nos dias de hoje, as políticas educacionais das forças hegemônicas têm reduzido a educação a um insumo econômico ou a uma estratégia disciplinadora doutrinária, resultantes das ações dos ultraliberais e dos ultra reacionários. Seguindo caminho inverso aos da constituição brasileira, fragilizando a democracia, realizando reformas que não miram nos essenciais problemas da educação brasileira, ataques à liberdade de cátedra das educadoras e educadores, ataques a educação laica, cortes no financiamento da educação, congelamento salarial dos profissionais da educação, falta de condições de trabalho, retirada de direitos sociais, total destruição

do Estado de bem-estar social<sup>25</sup>.

Avançamos no sentido de conquistar no texto constitucional o direito à educação como Universal, com acesso igualitário de homens e mulheres, no entanto, silencia diante do conceito de gênero. Já com a nova Lei de Diretrizes e Bases- LDB 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN's avançaram no sentido de compreender as desigualdades de gênero e a necessidade de avançar nas políticas educacionais objetivando a promoção da igualdade e nas práticas pedagógicas. Vale destacar a invisibilidade feminina na linguagem textual, o reforço de um modelo linguístico androcêntrico que nos revela o tamanho do desafio que temos à frente.

## 1.6 AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS: IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS ACERCA DAS MULHERES

Primeiramente, é necessário entender o que são as formações imaginárias, para isso recorreremos a Orlandi (2020). Para a autora as formações imaginárias são regidas pela maneira como a formação social está na história. Pelo mecanismo da antecipação formamos imagem sobre tudo, e considerando que vivemos em uma sociedade constituída por relações hierarquizadas, a autora exemplifica que a fala de um padre, a fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis que a fala de um professor vale (significa) mais do que a fala de um aluno. Nesse sentido, entende-se que as formações imaginárias, definem o lugar do sujeito.

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica (ORLANDI, 2020, p.38)

Continuando, a autora diz: o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem, ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa por relações e poder com o político “[...] Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e

---

<sup>25</sup> Estado de bem-estar social: Estado como agente da promoção social e responsável pela economia.

instituições” (ORLANDI, 2020, p.38). Dito isto, compreende-se que podemos cometer muitos equívocos se desconsiderarmos as condições de produção dos discursos, pois, nem sempre a imagem criada é a verdadeira, é a justa, a mais coerente.

Diante dos estudos da autora, podemos concluir que as mulheres enquanto sujeitos de uma sociedade marcada por bases escravocratas e pratriarcalistas, ocupam um lugar desprestigiado nas formações imaginárias, pois existe uma ideologia formada entorno das mulheres, e nesse sentido, elas refletem-se na linguagem, nos discursos, nas desigualdades de gênero, no machismo, na misoginia, nos estereótipos e tantas outras formas de discriminação das mulheres. Na AD, é possível compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determinado que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2020, p.41).

Queremos a partir de agora dialogar um pouco com algumas situações em torno do ser mulher buscando perceber como a ideologia patriarcal, através das formações imaginárias, discursivas e ideológicas interpelam as mulheres nos lugares que ocupam. Iremos partir do corpo da mulher, das mulheres negras, imposição de padrões de beleza, buscamos mostrar a violência de gênero na política

Às mulheres, sempre foram atribuídos papéis socialmente construídos a partir de uma inferioridade de gênero. A construção social da dominação masculina, impôs uma imagem do homem sendo aquele que é mais forte, provedor, decidido e a mulher seria fraca, a oprimida, aquela que tem que ser doce, aquela que tem uma vocação natural para a vida privada. Estereótipos que repercutem em comportamentos, valores culturais, atitudes da vida cotidiana e na construção da vida social. para Beauvoir (2009), “não se nasce mulher, torna-se”; é a constatação que ser mulher é uma construção social, que passa por valores que a mesma ocupa na sociedade.

Interpeladas pelo machismo, busca tornar o corpo da mulher um objeto considerado público, no qual é “permitido passar a mão”. A mulher vítima de assédio é acusada de ser a causadora. Segundo o IPEA (2013), para saber o que o brasileiro pensa sobre a questão da violência contra a mulher, entre maio e junho de

2013, 3.809 domicílios foram consultados em 212 cidades espalhadas pelo Brasil. O Instituto declarou que existe no Brasil um “sistema social que subordina o feminino ao masculino”, no qual “a violência parece exercer um papel fundamental”. O estudo revelou que 26% da população brasileira concorda com a ideia de que mulheres que usam roupas mostrando o corpo merecem ser atacadas; 58,5% acham que, se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros.

A imposição de padrões de beleza eurocêntricos, nos quais o belo é ser branca, loira, magra, cabelos lisos e olhos claros, desconsiderando a formação genética da população brasileira, composta, de acordo com o censo de 2014 do IBGE, por 53,6% da população autodeclarada pretos ou pardos. Outra imposição é revelada com as práticas de gordofobia ou mesmo a preocupação exagerada e infeliz para não engordar, onde as mulheres lutam diariamente contra a balança, com o medo de ficar gorda, para não sofrer punição social por “ser gorda.”

Para Foucault, [...] essa operação produz sujeitos a que assujeita; isto é, assujeita-os às compulsórias relações de poder obrigatórias e eficazes em seu princípio formativo. Mas o poder é aquilo que forma, mantém, sustenta e regula os corpos de uma só vez, de modo que, estritamente falando, o poder não está em uma pessoa que age sobre os corpos como se fossem seus objetos distintos. A gramática que nos compele a falar desse sujeito baseia-se em uma metafísica de relações externas, por meio da qual o poder age sobre os corpos, mas não se considera como força que os forma (BUTLER, 2019, p.67).

Com os versos da canção de Elza Soares, que diz: a carne mais barata do mercado é a carne negra! Queremos falar do nível de violência contra os corpos das mulheres negras. De tal modo, que a mulher negra é extremamente sexualizada desde muito cedo, seu corpo é objetificado. As mulheres negras estão mais expostas à violência sexual, e discriminações racistas e sexistas. Atravessadas pela ideologia do patriarcado, são portadoras de uma libido insaciável. Por outro lado, não são consideradas adequadas para casar, seus corpos não são aceitos. Com base nessa visão, Arraes (2014) conclui que as mulheres negras são cercadas de dicotomias quando o assunto é seu corpo: por um lado, há um misto de invisibilidade e indesejabilidade quando o corpo feminino é negro, pois no mercado erótico, nas revistas masculinas e na representação midiática prevalecem as mulheres brancas e loiras como mulheres desejáveis. Mamilos, axilas e genitais negros, por exemplo, são considerados asquerosos, havendo uma infinidade de produtos com a finalidade de clarear essas partes. As qualidades sexualmente desejáveis são sempre aquelas

associadas ao corpo da mulher branca e mesmo as características consideradas ruins, como cabelo crespo ou nariz largo, são muito mais toleradas em uma mulher de pele clara. Essa objetificação da mulher negra também está associada, além do racismo, às condições socioeconômicas e culturais.

Ainda sobre a construção social da mulher, é importante trazer para a nossa discussão, o resultado de uma pesquisa realizada por Mussalim e Fonseca-Silva (2011), sobre a questão dos estereótipos de gênero e da construção de cenografias presentes em anúncios publicitários veiculados em revistas brasileiras do século XX e na primeira década do século XXI. Onde relata que: De 66 anúncios publicitários analisados, em 54, a mulher é apresentada em cenários domésticos e, raramente, em cenários relacionados ao campo profissional; associada a valores sociais como o autocontrole, a responsabilidade com a família, o cuidado com o corpo; apresentada como consumidora de produtos; apresentada como mulher objeto de prazer, associada ao produto de consumo. O homem, por sua vez, é apresentado em cenários de conhecimento social e profissional, realização pessoal, amizade e partilha; aparece em situações de maior ambição e em contextos despreocupados e alegres; apresentado como aquele que tem autoridade para dizer sobre o poder dos produtos, associado a situações sociais como trabalho e festas, etc. e a situações simbólicas de status; apresentado como conquistador e em situações de lazer. Apenas em 12 anúncios de, a mulher é apresentada em cenários multifacetados em com identidade plural, ou seja, em cenários domésticos e em cenários de campo profissional e de independência financeira, entre outros. O homem é apresentado: a) em cenários em que pode desempenhar seu trabalho e colaborar com as tarefas domésticas; b) em cenários de cuidado com o corpo, moda e beleza (MUSSALIM; FONSECA-SILVA, 2011, p. 142).

As analistas consideram que as formulações linguísticas e pictóricas dos 54 anúncios, caracterizam as mulheres nos clássicos estereótipos. Porém, destacam que a partir do final do século XX, percebe-se uma mudança na forma como a publicidade mostra a representação de mulheres e homens. Passando de um modelo patriarcal para um modelo mais igualitário, em que a mulher, apesar de continuar sendo a do de casa e mãe, ganha a independência e capacidade de gerir a vida e o homem passa a demonstrar maior sensibilidade e preocupação com o corpo e com a ocupação de tarefas domésticas ou próprias da paternidade. (MUSSALIM; FONSECA-SILVA, 2011, p. 143).

Tais conclusões das autoras, são resultantes desse processo de lutas e resistências das mulheres contra todas as formas de violência que foram submetidas ao longo da história. Entretanto, ainda temos muito a percorrer em busca de uma sociedade igualitária. Dito isto, vamos continuar nosso diálogo.

Um preceito machista muito presente na vida das mulheres é a sua suposta vocação natural para a vida privada, ela nunca estará pronta para assumir espaços da vida pública. Sendo sempre imposta às mulheres a necessidade de provar ser capaz, de provar que está preparada, até mesmo quando possui nível de qualificação superior ao dos homens. Situação que os homens nunca precisam ter que provar nada! E, aquelas mulheres, que ousam entrar na política, nos espaços de poder, “não estão preparadas” são vítimas constantes de violência de gênero, que envolvem seus corpos, sua cor, suas identidades, classe social, sua posição-sujeito. Ações construídas a partir das formações imaginárias, ideológicas e discursivas, constitutiva de valores sociais em torno das mulheres. Conclui-se que são tentativas de silenciamento e apagamento das mulheres nos espaços da vida pública.

Considerando a censura como um meio de silenciamento das mulheres, Orlandi (2007), afirma que a censura afeta a identidade do sujeito. Por outro lado, o fato de sofrer o silenciamento, não significa concordância, esse lugar de silenciada é lugar de resistência. O conceito de *Lugar de fala* vem ganhando cada vez mais relevância como forma de levar em consideração *todos os lugares de fala*. O conceito é necessário, no sentido de desestabilizar as normas vigentes e evidenciar a importância de se pensar na ruptura de uma voz única com o objetivo de representar uma multiplicidade de vozes. Ribeiro (2017), em sua obra *Lugar de fala*, apresenta um percurso histórico do feminismo negro, buscando garantir ao leitor a possibilidade de compreensão mais ampla das questões que envolvem excluídos. A autora busca dar voz a grupos historicamente marginalizados, romper com hierarquias, e garantir que outras vozes exerçam sua voz. Pela perspectiva do feminismo negro, a urgência pela quebra dos silêncios instituídos explicando didaticamente o que é conceito ao mesmo tempo em que traz ao conhecimento do público produções intelectuais de mulheres negras ao longo da história. Pensar em outros lugares de fala passa pela importância de se trazer outras perspectivas que rompam com a história única. Diz respeito aos discursos autorizados e legitimados socialmente, em detrimento daqueles que são silenciados e desmerecidos por conta, respectivamente, de seus *locus* sociais marcados por privilégios e estigmas que lhes



são comuns. O lugar de fala deve ser nomeado como forma de impulsionar discursos emudecidos e de visibilizar as premissas não ditas baseadas em discursos (RIBEIRO, 2017).

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus social*, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver como uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017).

Augé (1995), em sua obra “Não lugares”, fala dos lugares sem identidades produzidos por aquilo que ele chama de “super modernidade”: as ruas da cidade tornadas impessoais, lugar de passagem rodoviária onde não se pode deitar; as cidade-dormitórios onde ninguém realmente habita, apenas dorme ou transita. Com a proliferação dos não lugares na vida contemporânea, perdemos a noção comum, o sentimento de comunidade foi convertido em moeda de troca, substituído pelo Capital que cria a ilusão do “indivíduo independente”, identidade singular desconectada do social.

A participação das mulheres foi restringida na construção do Estado. A garantia na constituição federal, art. 5º, de igualdade em direitos e obrigações entre homens e mulheres, não foi suficiente para modificar as estruturas sociais constituídas no patriarcado. A participação das mulheres foi censurada na construção do Estado por uma história do silêncio e do rompimento do silêncio. Orlandi (2007) avalia que a demanda de completude do sujeito através de apagamentos: ele apaga os limites história/ relato/ história, ou, em outras palavras, ele apaga o limite entre o “eu-pessoal” e o “eu-político”, entre o “sujeito” e o “cidadão”, ou entre o real e a ficção, entre o “eu-que-conta” e o “eu-contado” etc.

A noção de censura se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos. Mas mostra ao mesmo tempo a força corrosiva do silêncio que faz significar em outros lugares o que não “vinga” em um lugar determinado (ORLANDI, 2007 p. 13)

Solnit (2017) considera que a violência não está relacionada apenas ao que vemos na violência física, assim como na violência verbal, mas se constituem na anulação das vozes e das histórias pessoais e coletivas. Como efeito, a política de silêncio se define pelo fato de ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas quer evitar, sentido que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, indesejáveis, em uma situação discursiva dada, por aí se apagam os sentidos que se uma “outra” região de

sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. O silenciamento é pôr em silêncio (ORLANDI, 2007).

### 1.7 A LINGUAGEM INCLUSIVA DE GÊNERO

Ao refletir sobre o livro didático, torna-se essencial, dialogar sobre a linguagem inclusiva de gênero. Se para algumas pessoas, pode soar estranho ou até mesmo parecer algo sem a menor necessidade, quer seja ao cumprimentar uma plateia, incluir o gênero feminino como: **todos** e **todas**, agora mais recente com o **todes**, são questões que demarcam uma representatividade, um reconhecimento e por que não, um pertencimento? Ao ocupar uma função social, destacar a presença do substantivo feminino para marcar a posição social da mulher em um espaço de poder, como por exemplo: presidenta, membra, é uma afirmação em disputa. Esse debate surge, por segmentos como das lutas das mulheres, da população LGBTQIA+, que sentem-se invisibilizadas na língua portuguesa. Essas expressões estão relacionadas a movimentos que defendem uma comunicação mais inclusiva, pois é a linguagem, a expressão de uma relação social processual que produz forma e reproduz a cultura de um tempo – o tempo de afirmação.

Em tempos de tanta intolerância à grupos minoritários em direitos, faz se a necessidade de uma linguagem que não reforce os preconceitos, os movimentos antirracistas, destaca o uso de expressões racistas que naturalizam as relações de opressão e desigualdade racial e de gênero, como: denegrir, a coisa tá preta, ovelha negra da família, criado mudo, coisa de preto, disputar a nega, nasceu com um pé na cozinha, e para além dessas existem centenas, que reforçam a necessidade de serem banidas.

É na linguagem que se constitui a consciência e estrutura ideológica do discurso, refletindo as formações imaginárias da sociedade, sendo capaz de reforçar imagens estereotipadas, depreciativas, dos sujeitos desprestigiados socialmente. Para a AD, a linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. [...] o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2020, p.13).

Nesse sentido o discurso militante de mulheres e de pessoas LGBTQIA+, vem sendo crescente em torno de questionar a necessidade de uma linguagem mais

inclusiva, assim como o uso do pronome neutro. Está mais frequente, nos depararmos com novas expressões como: *todes*, *amigues*, *amigxs*, nas redes sociais, blogs, linguagem verbal. Consideradas formas inovadoras de comunicação, destinadas às pessoas que não se identificam com o gênero masculino e feminino. Surgindo a atenção para a necessidade da inclusão na língua portuguesa de um tratamento onde as pessoas sintam-se incluídas. Nesse sentido, trazemos Pri Bertucci e Andrea Zanella, criadoras do pronome neutro em português, que afirmam:

A comunicação inclusiva é um possível instrumento de transformação social para além da binariedade e polarização social que enfrentamos nesse momento da história. A linguagem neutra e inclusiva não é apenas uma neo linguagem e sim uma recuperação de linguagem. Comunicação inclusiva é um termo guarda-chuva que reconhece a utilização de recursos comunicacionais diferentes da norma, as vantagens e privilégios simbólicos que estruturam a nossa comunicação. Nasce do reconhecimento de uma ideia falsa de superioridade moral e intelectual de um grupo social. Comunicação inclusiva leva em consideração a inclusão de grupos minorizados e marginalizados na linguagem como: LGBTQIA +, mulher, pessoas negras, indígenas e pessoas com deficiência. A linguagem neutra e a linguagem inclusiva fazem parte desse guarda-chuva. (POLITIZE-SE, 2021)

Ao levantar o questionamento a respeito da linguagem, esse segmento da sociedade deseja sair da invisibilidade, do lugar que forma colocado na língua, o lugar do silêncio, de um apagamento histórico. A psicóloga, Andrea Zanella e Pri Bertucci, CEO da *Diversity Bbox*, criaram em 2015, um manifesto intitulado “Manifesto ILE”, para uma comunicação radicalmente inclusiva, na perspectiva de inclusão do gênero não binário na língua portuguesa, propondo o pronome ILE, como uma alternativa para a usual generalização no masculino. Consideram que “sistema ile/dile” é a melhor adaptação neutra desenvolvida para pronomes neutros.

Sobre o uso do x, do @, Juno (2014), levanta-se o questionamento que é restrito à escrita, não possui uma pronúncia e não é legível por tecnologias assistivas e softwares, podendo prejudicar pessoas com deficiências visuais e disléxicas. Para Andrea Zanella e Pri Bertucci, a alternativa correta é o uso da letra “e”. Veja: “cansade”, “animade”, “incluíde”. Tomando como referência um dos pronomes demonstrativos neutros do latim (“illud”), consideramos que foneticamente a letra “i” no início do pronome poderia dar a sensação neutralidade ao “ILE”. Como todo exercício de escrita, leitura e escuta envolve o uso da letra E nas palavras para que se torne neutra, como nos exemplos “cansade”, “animade”, “incluíde”, então o uso do E no final do pronome é o mais adequado. O pronome ILE é o único que

apresenta menos problemas gramaticais e na pronúncia, na escuta, na escrita, e na identificação visual, cria-se semelhança entre EU, TU, ILE...

Neste sentido, para quem criou, “O foco é a inclusão, e não segregação e desmotivação na hora de todas as pessoas aprenderem”, e “Sejam elas comunicadoras, jornalistas, escritoras, leitoras, videntes, cegas, falantes, mudas, ouvintes, surdas, sinalizadoras, intérpretes ou tradutores”. Diversos países como: Alemanha, Índia, Suécia, Itália, Estados Unidos e Canadá. E idiomas no mundo vem avançando na construção de políticas públicas de inclusão do gênero neutro como no italiano, inglês e espanhol, destaca Larissa Roberta Rosa Pinheiro, em seu artigo intitulado - Linguagem Neutra: a reestruturação do Gênero no português brasileiro frente às mudanças sociais, 2020.

O blog Politize-se, destaca iniciativa no Conselho da União Europeia, no sentido de reconhecer a linguagem inclusiva. Vejamos a seguir:

O Secretário-Geral do Conselho da União Europeia lançou um guia de “comunicação inclusiva” em língua portuguesa, de forma a que a comunicação “inclua todas as pessoas e evite estereótipos”. O documento, que conta com versões em todas as línguas oficiais da União Europeia, destaca a questão do gênero. “A linguagem sensível à questão do gênero trata as mulheres e os homens de forma igual, sem perpetuar as percepções estereotipadas dos papéis de cada pessoa em função do gênero. Ao ponderar alternativas sensíveis à questão do gênero, é preciso ter sempre em conta eventuais ambiguidades ou inflexões de sentido e escolher a solução mais adequada”, refere o documento. O documento propõe, a título de exemplo, que se substitua a designação “o coordenador” por “a coordenação”; “o interessado” por “a pessoa interessada”; “os políticos” por “classe política”; “os professores/enfermeiros” por “pessoal docente/de enfermagem” ou “as senhoras da limpeza” por “pessoal da limpeza”. “Nas referências ao conjunto do gênero humano deverão utilizar-se expressões como a ‘humanidade’, o ‘ser humano’, ou as ‘pessoas’, em vez do termo ‘homem’”, destaca o mesmo texto. No que se refere às relações de casal, os documentos da União Europeia defende que os termos “parceiro/parceira” ou “cônjuge” são mais inclusivos do que “marido/mulher”. O documento explica ainda que a linguagem oral ou escrita deve pôr sempre a tônica na pessoa. “Em vez de ‘as lésbicas, os gays, os bissexuais, os transgêneros, os intersexo’, diga ou escreva ‘pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero e intersexuais’ ou ‘pessoas LGBTI’”. (POLITIZE-SE, 2021)

Uma experiência interessante ocorreu em 2014, no Rio Grande Sul, quando foi publicado no Governo Tarso Genro, através da Secretaria de política para mulheres, o Manual para o uso não sexista da linguagem, que tratar do reconhecimento da necessidade de uma mudança nas políticas públicas e culturais, considerando as desigualdades de gênero na linguagem, que influencia

comportamentos que podem reforçar ou não preconceitos de gênero e outros através da forma como a sociedade se comunica, quer seja na família, na escola, pelos meios de comunicação, na política entre outros. No Rio Grande do Sul foram criadas legislações para que o poder público assuma uma linguagem não sexista. Destacamos o Decreto nº 49.994, de 27 de dezembro de 2012, que estabelece a utilização da linguagem inclusiva de gênero nos atos normativos, nos documentos e nas solenidades do Poder Executivo Estadual e o decreto nº 49.995, de 27 de dezembro de 2012, que institui grupo de trabalho com a finalidade de discutir e propor tais medidas, e a Lei nº 14.484, de 30 de janeiro de 2014, que dispõe sobre a utilização da linguagem inclusiva de gênero no âmbito da Administração Pública Estadual. O Manual traz uma série de reflexões e vários exemplos de uso de palavras, frases, textos oficiais da gestão pública que podem utilizar uma linguagem inclusiva sem a marcação de gênero:

Quadro 2 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero

<b>EM LUGAR DE:</b>	<b>UTILIZAR:</b>
Os meninos	As crianças / A infância
Os homens	A população / O povo Os cidadãos A cidadania
Os filhos	A descendência / A prole Os trabalhadores
O pessoal	Os professores O professorado / O corpo docente
Os eleitores	O eleitorado
Os jovens	A juventude
Os homens	A humanidade

Fonte: Manual para o uso não sexista da linguagem, 2014.

Quadro 3 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero

<b>REDAÇÃO EXCLUDENTE</b>	<b>REDAÇÃO INCLUSIVA</b>
Os indígenas terão crédito	A população indígena terá crédito
Os jovens que desejem estudar	A juventude que deseje estudar
Os votantes do Distrito Federal tendem a	O eleitorado do Distrito Federal tende a
Os cidadãos se manifestaram	A cidadania se manifestou
Os gaúchos não querem que	A sociedade gaúcha não quer que
Os interessados em participar	As pessoas interessadas em participar
Os maiores de idade receberão uma	As pessoas maiores receberão uma

Os meninos terão atenção médica	As crianças terão atenção médica, ou As meninas e os meninos terão atenção médica
---------------------------------	---

Fonte: Manual para o uso não sexista da linguagem, 2014.

Quadro 4 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero

<b>DESACONSELHÁVEL</b>	<b>AS ALTERNATIVAS RECOMENDÁVEIS</b>
Assessores/ o assessor	Assessoria
Orientadores/o orientador	Orientação
Os chefes/o chefe	Chefia
O diretor/os diretores	A Direção
O coordenador/os coordenadores	A Coordenação
Os redatores	A Redação

Fonte: Manual para o uso não sexista da linguagem, 2014.

Quadro 5 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero

<b>SEXISTA</b>	<b>NÃO SEXISTA</b>
Convocam-se os Coordenadores de	Convoca-se a coordenação de
O diretor do centro comunica	A direção do centro comunica
Os assessores recomendaram que	A assessoria recomendou que
Os legisladores estabeleceram	A atual legislação estabelece
Pediu-se aos juízes	Pediu-se ao poder judiciário
Necessitam-se formados em	Necessitam-se pessoas formadas em

Fonte: Manual para o uso não sexista da linguagem, 2014.

Quadro 6 - Exemplo de linguagem inclusiva de gênero com exemplo de adequação de redação de legislação considerando uma linguagem mais inclusiva

PADRÃO	ALTERNATIVA																																
<p><b>DOCUMENTO 01 LEI Nº XXX DE XX/XX/20XX.</b></p>	<p><b>AO DOCUMENTO 01 LEI Nº XXX DE XX/XX/20XX.</b></p>																																
<p>Dispõe sobre a contratação, em caráter emergencial, de servidores para o atendimento de necessidade temporária de excepcional interesse público na Superintendência dos Serviços XXX. (...)</p>	<p>Dispõe sobre a contratação, em caráter emergencial, de servidores e servidoras para o atendimento de necessidade temporária de excepcional interesse público na Superintendência dos Serviços XXX. (...)</p>																																
<p>Art. 1.º Fica o Poder Executivo autorizado a contratar, em caráter emergencial e por tempo determinado, nos termos do inciso IV do art. 19 da Constituição do Estado, profissionais para exercerem funções na área técnica do tratamento penal na Superintendência dos Serviços XXX–, sendo <b>quinze médicos</b>, nas seguintes especializações:</p>	<p>Art. 1.º Fica o Poder Executivo autorizado a contratar, em caráter emergencial e por tempo determinado, nos termos do inciso IV do art. 19 da Constituição do Estado, <b>quinze profissionais da medicina</b> para exercerem funções na área técnica do tratamento penal na Superintendência dos Serviços XXX–nas seguintes especializações:</p>																																
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Especialidade</th> <th>Quantidade</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Clínico-Geral</td> <td>07</td> </tr> <tr> <td>Ginecologista</td> <td>02</td> </tr> <tr> <td>Traumatologista</td> <td>01</td> </tr> <tr> <td>Infectologista</td> <td>02</td> </tr> <tr> <td>Pneumologista</td> <td>02</td> </tr> <tr> <td>Dermatologista</td> <td>01</td> </tr> <tr> <td><b>Total</b></td> <td><b>15</b></td> </tr> </tbody> </table>	Especialidade	Quantidade	Clínico-Geral	07	Ginecologista	02	Traumatologista	01	Infectologista	02	Pneumologista	02	Dermatologista	01	<b>Total</b>	<b>15</b>	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Especialidade</th> <th>Quantidade</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Clínica-Geral</td> <td>07</td> </tr> <tr> <td>Ginecologia</td> <td>02</td> </tr> <tr> <td>Traumatologia</td> <td>01</td> </tr> <tr> <td>Infectologia</td> <td>02</td> </tr> <tr> <td>Pneumologia</td> <td>02</td> </tr> <tr> <td>Dermatologia</td> <td>01</td> </tr> <tr> <td><b>Total</b></td> <td><b>15</b></td> </tr> </tbody> </table>	Especialidade	Quantidade	Clínica-Geral	07	Ginecologia	02	Traumatologia	01	Infectologia	02	Pneumologia	02	Dermatologia	01	<b>Total</b>	<b>15</b>
Especialidade	Quantidade																																
Clínico-Geral	07																																
Ginecologista	02																																
Traumatologista	01																																
Infectologista	02																																
Pneumologista	02																																
Dermatologista	01																																
<b>Total</b>	<b>15</b>																																
Especialidade	Quantidade																																
Clínica-Geral	07																																
Ginecologia	02																																
Traumatologia	01																																
Infectologia	02																																
Pneumologia	02																																
Dermatologia	01																																
<b>Total</b>	<b>15</b>																																
<p>(...) §</p>	<p>(...) §</p>																																
<p>2.º As contratações de que trata esta Lei terão vigência de um ano, prorrogáveis por igual período, a contar da data de admissão <b>do contratado</b>, extinguindo-se à medida que forem sendo efetuadas as nomeações de <b>servidores</b> para as mesmas especialidades, decorrentes de aprovação em concurso público específico para provimento dos cargos</p>	<p>2.º As contratações de que trata esta Lei terão vigência de um ano, prorrogáveis por igual período, a contar da data de admissão <b>da pessoa contratada</b>, extinguindo-se à medida que forem sendo efetuadas as nomeações de <b>servidores e servidoras</b> para as mesmas especialidades, decorrentes de aprovação em concurso público específico para provimento dos cargos</p>																																

<p>correspondentes.</p> <p>(...)</p> <p>Art. 4.º A seleção e a classificação <b>dos candidatos</b> serão realizadas conforme critérios previstos no edital, por uma comissão constituída por ato <b>do Secretário</b> de Estado XXX, composta pelos seguintes representantes:</p> <p>I - <b>um</b> da Secretaria da Segurança Pública;</p> <p>II - <b>dois</b> da área de Recursos Humanos da XXX; e</p> <p>III - quatro do Departamento de Tratamento XXX. (...)</p>	<p>correspondentes.</p> <p>(...)</p> <p>Art. 4.º A seleção e a classificação <b>das candidaturas</b> serão realizadas conforme critérios previstos no edital, por uma comissão constituída por ato <b>da Secretaria</b> de Estado XXX, composta pela seguinte representação:</p> <p>I - <b>uma</b> da Secretaria da Segurança Pública;</p> <p>II - <b>duas</b> da área de Recursos Humanos da XXX; e</p> <p>III - quatro do Departamento de Tratamento XXX. (...)</p>
---	---

Fonte: Manual para o uso não sexista da linguagem, 2014.

Outra questão que destacamos é a respeito de um artigo publicado na revista Carta Capital, intitulado: Presidenta, sim! O professor Marcos Bagno, que é professor de Linguística na Universidade de Brasília, mostra a postura da maioria dos veículos de comunicação privados, diante da posição da Presidenta Dilma Rousseff, ao ter declarado que desejava ser chamada de presidenta. Havendo todo um questionamento da mídia, se seria correto, adequado e ainda desqualificando essa posição, que destaca a presença de uma mulher ocupando o cargo de maior representação do país, posicionando-se em defesa do uso exclusivo da expressão presidente. O autor mostra que de forma diferente outros países da América Latina foram perfeitamente considerados, como: “os chilenos com a presidenta Bachelet, os nicaraguenses com a presidenta Violeta Chamorro, assim procedem os argentinos com a presidenta Cristina K. e os costarriquenhos com a presidenta Laura Chinchilla Miranda. Dessa maneira, Bagno (2011) considera que no Brasil:

A “grande mídia” se recusa terminantemente a reconhecer que uma mulher na presidência é um fato extraordinário e que, justamente por isso, merece ser designada por uma forma marcadamente distinta, que é presidenta. O bobo-alegre que desorienta a Folha de S.Paulo em questões de língua declarou que a forma presidenta ia causar “estranheza nos leitores”. Desde quando ele conhece a opinião de todos os leitores do jornal? E por que



causaria estranheza aos leitores se aos eleitores não causou estranheza votar na presidenta?

Constata-se, pela situação destacada, que tanto as mulheres quanto a população LGBTQIA+ no Brasil, sofrem uma resistência cultural à possibilidade da construção de uma linguagem inclusiva de gênero. Porém, nas formações discursivas, emergem novos discursos sobre língua e gênero, na busca de reconhecimento de saberes construídos a partir do seu lugar de fala, da sua posição sujeito. Nesse sentido, caberá a FD estabelecer os limites do dito e não dito, no acontecimento enunciativo, buscando destacar os saberes linguísticos de grupos invisibilizados como mulheres e/ou pessoas não binárias. Os saberes vindos dos discursos militantes apontam como pode e deve ser dito, como forma de constituir na linguagem sujeitos invisibilizados.

## CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA: O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

No processo ensino-aprendizagem na instituição escolar, há a possibilidade de troca de diferentes saberes, quer seja, o conhecimento trazido pelos (as) estudantes, o acumulado historicamente e a descoberta de novos saberes. Paulo Freire, nos fala do educador democrático, da necessidade de aprender a falar, escutando, acredita no diálogo como método de apreensão do conhecimento e da consciência cidadã. Nesse sentido, faz-se necessário a reflexão da prática docente. Freire (2011) chamou de educação bancária a prática pedagógica conteudista, autoritária. Para o autor, o termo “bancário” corresponde a visão que o professor tem do aluno, onde ele deposita conhecimentos. Nessa visão o saber é uma doação dos que se julgam “sábios” aos julgam “nada saber”. Segundo Freire (2011), a educação deve ser problematizadora, deve partir da realidade dos educandos. Seus saberes são importantes, os educandos são estimulados a participar ativamente.

O autor considera que, entre tantos saberes, o ato de ensinar exige criticidade, nos fala sobre a *curiosidade ingênua* que associa-se ao senso comum e a curiosidade crítica, que torna-se a *curiosidade epistemológica*; “[...] o saber é a rejeição a qualquer forma de discriminação. Paulo Freire, nos ensina que a prática do preconceito de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia; e a outra reflexão que trazemos sobre o ensinar é a necessidade da reflexão crítica sobre a prática educativa, o que ele chamou de: “o fazer e o pensar sobre o fazer.”

A necessidade de avançar na compreensão das questões de gênero no cotidiano da escola requer avançar no processo formativo e reflexivo da educação e a função social da escola para além dos professores. Todos os profissionais da educação e a comunidade precisam fazer parte dos Projetos Políticos Pedagógicos, que norteiam os Planos de Ensino, a participação dos pais e responsáveis dos (as) estudantes é indispensável no processo educativo, pois a compreensão dos impactos das desigualdades de gênero que impacta toda a sociedade favorece a construção de caminhos para a igualdade, assim as *fake news* em torno da temática serão desmascaradas.

Quanto aos materiais didáticos, chamamos a atenção para o livro didático,

*corpus* da nossa análise nesta pesquisa. Consideramos que a participação do educador e da educadora com um olhar crítico, sobre o livro didático, vão além dos conteúdos curriculares, o olhar sobre os valores sociais, culturais, históricos, a intervenção da educadora e do educador poderá promover espaços de reflexões críticas entorno da invisibilidade, dos estereótipos, do silenciamento, entre outros, na representação da mulher e outros segmentos, no livro didático quando houver.

Nos últimos anos as questões de gênero têm sido motivo de censura na educação, nesse sentido, vimos a necessidade de um olhar científico sobre essa problemática educacional. Para Severino (2016, p. 28), a educação “é um processo mediante o qual o conhecimento se produz, se conduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza”. Contudo, uma pesquisa científica exige uma busca constante por informações que possam subsidiar o/a investigador/a, e assim possa prosseguir para outras fases do estudo. Severiano (2016, p.105) vê ciência como construção do conhecimento. Ela surgiu na modernidade como ruptura crítica com relação a forma metafísica de pensar e se caracteriza como “uma leitura da fenomenalidade do mundo natural”. Continuou o autor:

Para tanto, além de ter que se apoiar em alguns pressupostos filosóficos, a ciência precisa adotar práticas metodológicas e procedimentos técnicos, capazes de assegurar a apreensão objetiva dos fenômenos através dos quais a natureza se manifesta (SEVERIANO, 2016, p.105)

Nesse sentido a prática da pesquisa é uma necessidade latente. Severino (2006, p. 26) afirma que o professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente, a comunidade precisa da pesquisa para poder dispor de produtos do conhecimento; e Universidade precisa da pesquisa para ser mediadora da educação.

Quanto à metodologia, ocorrem diferenças significativas no modo de se praticar a investigação científica, em decorrência da diversidade de perspectivas epistemológicas que se podem adotar e de enfoques diferenciados que se podem assumir no trato com os objetos pesquisados e eventuais aspectos que se queira destacar (SEVERINO, 2016, p.124).

Partindo para a análise do livro didático, adotamos preferidos de uma abordagem qualitativa da pesquisa, tendo por base um levantamento bibliográfico e de uma pesquisa documental, como procedimentos de análise do *corpus*, a Coleção de livros didáticos Tecendo Linguagens, do 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino

fundamental, das autoras Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, da editora IBEP. Livro Didático adotado nas redes municipais de educação dos municípios de Caucaia e Fortaleza no Estado do Ceará. Neste sentido, Medeiros afirma que:

A pesquisa qualitativa entende que o conhecimento não se reduz a um inventário de dados isolados, explicados por meio de uma teoria. O cientista, sujeito que observa realidade, é parte integrante do processo de conhecimento. Ele interpreta fenômenos, atribuindo-lhes um significado e os objetos não são inertes e neutros; possuem significados e relações atribuídos pelos sujeitos concretos (MEDEIROS, 2019, p.58).

Ainda sobre a abordagem qualitativa, Oliveira (2008, p. 68) considera que pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto, em que encontra o objeto de pesquisa. Os dados podem ser obtidos através de uma pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários, planilhas e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para obtenção de informações.

Já no levantamento bibliográfico, consideram-se apenas os textos já publicados, quer seja de forma impressa ou virtual. Uma das principais vantagens da pesquisa bibliográfica é “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. (GIL, 2017, p. 2018). Nesse sentido, Medeiros (2019, p. 60) diz que nas ciências humanas é comum o uso da pesquisa bibliográfica, sobretudo em áreas como História, Literatura, Filosofia, Educação, Direito, etc. O delineamento da pesquisa bibliográfica compreende algumas etapas, como: escolha do objeto (tema), levantamento bibliográfico, formulação do problema, elaboração de um plano provisório do texto que se vai desenvolver ao longo da pesquisa (uma espécie de “sumário” antecipado das seções com as quais se pretende compor o texto da pesquisa), busca das fontes de informação, leitura e fichamento dos textos (no fichamento, indica-se a seção do texto da pesquisa em que será aproveitado, daí a necessidade de um plano provisório, com as seções numeradas), redação de um primeiro rascunho, de um segundo rascunho (às vezes, até um terceiro) e da redação final. Há partes de um texto que podem sofrer exaustivas modificações, até se alcançar um resultado satisfatório.

A pesquisa bibliográfica, realiza-se a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisadores anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados[..]. No caso da pesquisa documental, [...] os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2016, p. 131).

Para análise de documentos escritos avaliamos a necessidade de trazer preceitos da pesquisa documental para melhor compreensão dos leitores, por se tratar de forma descritiva ou explicativa. Para Gil (2017, p.62) “a pesquisa documental envolve dados quantitativos, pois são necessários procedimentos estatísticos”. O autor afirma ainda que a técnica mais utilizada é a de análise de conteúdo, que consiste em uma concepção de língua como código: basta ter acesso a ele para ter acesso ao seu significado.

Nosso enfoque de pesquisa está inspirado no materialismo histórico dialético, que se estrutura a partir da matéria, da consciência e da prática social: “[...] a matéria é a realidade objetiva. A consciência, por sua vez, tem como propriedade refletir a realidade objetiva. A prática social é vista como uma atividade,” como processo objetivo de produção material, que constitui a base da vida humana”, e além disso, “como atividade transformadora revolucionária das classes e como outras formas de atividades social prática que conduzem à mudança do mundo” (TRIVINOS, 2015, p.64).

Nesse sentido, avaliou-se o livro didático na perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa (AD), focando nas análises das desigualdades de gênero, com foco nas mulheres. Constatamos como a coleção de LD, trata as relações de gênero no seu *corpus* discursivo. A análise de discurso de linha francesa, se constitui enquanto ferramenta teórico-metodológica essencial para a conclusão e qualidade das análises.

Fazendo uso da metodologia escolhida, nossa análise reuniu textos escritos e imagens presentes no LD, como elementos de análise. Nesse *corpus* discursivo, buscou-se responder as questões de pesquisa, Nossas questões de pesquisa são: Como se dá o funcionamento discursivo sobre as representações de gênero no Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP)? Quais papéis sociais são atribuídos às mulheres ou personagens femininos e homens ou personagens masculinos nos LDLP? Os LDLP discutem ou mostram as problemáticas vivenciadas pela população feminina brasileira? Os LDLP reforçam formações ideológicas estereotipadas das

mulheres, ou atuam em uma perspectiva mais igualitária de gênero? Quem escreve os textos trabalhados nos LDLP?

Desta forma esse trabalho buscou analisar o Funcionamento Discursivo da Diversidade de Gênero em Livros Didáticos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Despertando uma percepção pedagógica crítica, com vistas às formações discursivas em torno das mulheres presentes nos LDLP; Percebendo as formações imaginárias, as ideologias e discursos presentes nos textos atribuídos às mulheres e personagens femininos e aos homens e personagens masculinos nos LDLP; Identificar a posição-sujeito mulher nos LDLP e seus efeitos discursivos; Significar os sentidos do silêncio atribuído às mulheres.

Nossa análise foi organizada em três etapas: Na primeira, realizamos um levantamento sistematizado em tabela por série, do sexto ao nono ano, textos da seção *Prática de Leitura*, que contém os textos trabalhados em cada capítulo do LD, identificando os autores e autoras, realizamos leitura de todos os textos buscamos identificar a presença das mulheres e como estão visibilizadas. A partir dessa identificação, fizemos uma sistematização por abordagens identificadas nos textos, verificando se havia a mesma abordagem em todas as séries. Após essa identificação, realizamos nossas conclusões referentes a toda série, fundamentando na AD e dialogando com autores e autoras que fundamentam nossa pesquisa.

Na segunda etapa, fomos analisar a seção *Ampliando Horizontes*, que são as sugestões de leituras das autoras, buscando identificar a autoria desses textos sugeridos, com o foco de identificar o protagonismo das mulheres escritoras. Após esse levantamento, tecemos nossos comentários tendo por base nosso referencial teórico.

E por fim, na terceira etapa, fizemos uma seleção de imagens representativas de mulheres ou personagens femininos e de outras representações de relações de gênero presentes na coleção de LD. Selecionamos um total de 74 imagens, que agrupamos por série, e em cada série por abordagem identificada relacionada à mulher e a relações de gênero presentes na coleção de LD, partimos para a fundamentação teórica analisando cada série.

Analisou-se o discurso considerando o referencial teórico-metodológico da AD, que apresentaremos a seguir parte do arcabouço teórico. De início, considera-se as três áreas do conhecimento científico articulada por Pêcheux (1975) para falar da AD, são elas: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso,

atravessada por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. Orlandi (2020) a classificou de disciplina de entremeio.

Dito isto, pensar a linguagem discursivamente consiste em se atentar para o seu funcionamento. Orlandi (1987) não é estritamente linguístico, uma vez que se inscreve na relação existente entre as condições materiais de base (língua) e o processo (discurso). O sujeito do discursivo que é entendido como um sujeito interpelado pela ideologia e dotado de inconsciente, o que permite o diálogo com a Teoria das Ideologias, proposta por Althusser (1975), e, de outro lado com uma visão psicanalítica de sujeito. O sujeito é clivado, assujeitado, desejante. Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1985). O sujeito na linguagem, no entanto, inscreve-se na linguagem de um modo específico, determinado sócio-historicamente. Ao trazer as reflexões de Pêcheux em suas retomadas de Lacan, Althusser (AZEVEDO; DELA SILVA; DARÓZ; 2014).

Ao analisar o funcionamento discursivo com base na AD, consideramos que a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente. (ORLANDI 2020, p.46)

Neste sentido, cabe reafirmar que as formações discursivas, representam no dizer as formações ideológicas (ORLANDI, 2006). A ideologia é o inconsciente e materializada no discurso. O discurso é, portanto o lugar de confronto entre língua e ideologia. Interpela indivíduos em sujeitos, pois segundo Althusser, pode ocorrer o assujeitamento ideológico. Para Azevedo, Dela Silva e Daróz (2014), ancorando-se no discurso outros ditos anteriormente – no “já-dito”, nível compreendido como interdiscursivo, ou seja, na constituição do dizer – e apagando a história, os sentidos não sendo assimilados na formulação do discurso – e num nível intradiscursivo – a partir da apropriação do dizer, e se instaurando na sociedade por um processo de interpelação-identificação-desidentificação de saberes construídos historicamente, inerentes a uma formulação discursiva.

Para Pêcheux (1975), as formações imaginárias consistem em projeções do dizer das imagens que o sujeito faz dele mesmo, daquele a quem se dirige, bem

como daquilo sobre o que falam. Estão diretamente relacionadas ao conceito de condições de produção do discurso, pois remetem a lugares pré-estabelecidos na estrutura de uma formação social em que estão presentes na relação de força.

Orlandi (2007, p.32) constata que a fala divide o silêncio. Organiza-o. O silêncio é disperso, e a fala é voltada para a unidade e as entidades discretas. Formas. Segmentos visíveis e funcionais que tornam a significação calculável. Se tudo isso pode ser dito a propósito da linguagem, falar do silêncio traz, em si, uma dificuldade maior, já que ele se apresenta como absoluto, contínuo, disperso. O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas.

Ainda sobre o silêncio, Olandi (2007, p. 45), afirma que o silêncio pode ser entendido além das divisões dito/não-dito, que reduz ao não-dito ao implícito. Nós opomos a isso a ideia de que em silêncio não há sentido, sendo que o silêncio não é apenas um acidente que intervém ocasionalmente: ele é necessário à significação. O implícito é já um subproduto desse trabalho do silêncio, um efeito particular dessa relação mais de fundo e constitutiva. O implícito é o resto visível dessa relação. É um resíduo, um epifenômeno. O silêncio, tal como o concebemos, não remete ao dito; ele se mantém como tal, permanece silêncio.

Com base em nosso arcabouço teórico da AD, passaremos ao capítulo 03, que traz nosso *corpus* de análise, o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP).



### CAPÍTULO 3: DISCUSSÃO E ANÁLISE DISCURSIVA

Neste terceiro capítulo realizamos a análise da Coleção de Livro Didático de Língua Portuguesa Tecendo Linguagens do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo avaliar o funcionamento discursivo da diversidade de gênero nos livros didáticos de língua portuguesa no ensino fundamental, identificando como a mulher é retratada. Nesse sentido focamos nossa análise na seção de textos Prática de Leitura, na seção Ampliando Horizontes e as figuras presentes nos quatro LDLP. Souza e Ladeia (2018, p. 58) reforçam que o Livro Didático de Língua Portuguesa tem sido tomado como *corpus* de investigação sobre vários prismas. Estudos o conformam como um recurso didático, como um objeto cultural, como gênero do discurso, sendo interpretado sob a lente de discursos pedagógicos, educacionais, políticos, discursivos, dentre outros, quer em intersecções com outras áreas de saber, quer a partir de um único aporte teórico.

Os quadros a seguir mostram um resumo da organização do LD por unidades, e em cada capítulo os respectivos textos com seus autores e autoras que compõem a seção *Prática de Leitura*, conforme o livro está estruturado. E ainda, indentificamos em cada texto se as mulheres ou personagens femininos aparecem e como estão visibilizadas, buscando apresentar aos leitores e leitoras um panorama dos textos que serão analisados em cada série. Iniciamos apresentando o quadro referente ao 6º ano.

Quadro 7 - Série: 6º ano

UNIDADE 1	SER E DESCOBRIR-SE	PRESENÇA MULHERES OU PERSONAGENS FEMININOS E O COMO VISIBILIZADAS NO TEXTO
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>QUEM É VOCÊ?</b>	
Texto 1	Tela- Velazquez, 2000, Rodrigo Cunha	Mãe
Texto 2	Romance (fragmentado)- O menino no espelho, Fernando Sabino	Não aparece
Texto 3	Autobiografia (fragmento) – Nasce uma menina, Christina Lamb e Malala Yousafzai.	Mãe; vizinha; nascimento de menina em uma sociedade que desvaloriza a mulher. Nome em homenagem a maior heroína do Afeganistão.
Texto 4	Biografia- José Paulo Paes, Prefeitura de São Paulo.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>APRENDENDO A SER POETA</b>	
Texto 1	Conto – A incapacidade de ser verdadeiro, Carlos Drumond de Andrade	Mãe

Texto 2	Poema – Identidade, Pedro Bandeira	Não aparece
Texto 3	Poema – Diversidade, Tatiana Belinky.	Não aparece
Texto 4	Poema visual – Xadrez, Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Cruszynski.	Não aparece
<b>UNIDADE 2</b>	<b>SER E CONVIVER</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>DA ESCOLA QUE TEMOS À ESCOLA QUE QUEREMOS</b>	
Texto 1	Romance – A escola da vila, Viriato Corrêa.	Dona Janoca, a diretora: “...cheia de corpo...”; “...maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe.”; “A sua voz era doce...” “Se um aluno adoecia, ela, apesar dos afazeres, encontrava tempo para lhe levar uma fruta, um biscoito, um remédio.” “Vivia arranjando livros, papel e lápis nas casas comerciais para o meninos paupérrimos,”
Texto 2	Crônica – Na escola, Carlos Drumond de Andrade.	Professora; “Surgiu um movimento para as professoras usarem calça comprida nas escolas. O governo disse que deixa, a diretora também, mas no meu caso eu não quero decidir por mim. O que se faz na escola deve ser de acordo com os alunos.” “O quadril, sabe? Fica meio saliente” “O seu quadril é certinho” “Meu quadril não está em votação, Edmundo. A calça, sim.” “Sei lá. Negócio de mulher eu não me meto, professora.” “...Cada um curtindo a sua vontade.”
Texto 3	Relato de memória – Sua presença em minha vida foi fundamental, Ziraldo	Professora; “Dulce, mas não era nada doce.” “...contra a vontade das velhas professoras do grupo escolar e de sua rabugenta diretora, retirou a palmatória furadinha da parede da minha classe.” “Dona Glorinha d’Ávila, são pequenina, tão frágil, tão bonitinha”
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>NOSSOS RELACIONAMENTOS</b>	
Texto 1	Diário íntimo – A agenda de Carol, Inês Stanisiere	Mãe
Texto 2	Classificado poético – Qualquer coisa, Telma Guimarães Castro Andrade	Mãe
Texto 3	Poema- Bilhete ao pai adotivo, Haydée S.Hostin Lima.	Não aparece
Texto 4	Romance (fragmento) – O pequeno Príncipe, Antoine de Saint- Exupéry.	A raposa, personagem feminino
<b>UNIDADE 3</b>	<b>CONVIVER EM SOCIEDADE</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>CONSTRUINDO UM MUNDO MELHOR</b>	
Texto 1	Notícia – Torcedores japoneses e senegaleses impressionam na Rússia ao limpar estádio após os jogos, BBC News Brasil.	Não aparece

Texto 2	Notícia – Após Réveillon, garis retiram 290 toneladas de lixo de Copacabana, Agência Brasil.	Não aparece
Texto 3	Reportagem – Brasil diz adeus ao maior lixo da América Latina.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>CONSTRUINDO UM MUNDO SUSTENTÁVEL</b>	
Texto 1	Notícia – País tem 917 municípios em crise hídrica, Agência Brasil.	Não aparece
Texto 2	Infográfico – Crise da água, Agência Nacional de Águas.	Não aparece
Texto 3	Entrevista – Economia de água deve virar rotina, defende especialista, Mariana Tokarnia.	Não aparece
<b>UNIDADE 4</b>	<b>CONVIVER COM A DIVERSIDADE</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b>	<b>HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA</b>	
Texto 1	Causo – Dois caboclos na enfermaria, Rolando Boldrin.	Não aparece
Texto 2	Resenha – Os causos de Rolando Boldrin, Portal R7.	Não aparece
Texto 3	Causo – Aquele animal estranho, Mário Quintana.	Não aparece
Texto 4	Literatura de Cordel – A história da literatura de cordel, Abdias Campos	Não aparece
<b>CAPÍTULO 8</b>	<b>DIVERSIDADE CULTURAL</b>	
Texto 1	Fãs do festival de Parintins fazem fila desde ontem para entrar no bumbódromo	Mulher torcedora do boi Caprichoso e Garantido
Texto 2	Reportagem – O que é que as moquecas têm? Veja as diferenças entre a baiana e a capixaba, Flávia Schiochet	Não aparece
Texto 3	Reportagem – Bloco Ilê Aiyê: 44 anos de “reafricanização” do carnaval brasileiro, Juliana Gonçalves	Cantora; artista

O quadro 8 apresenta resumo da estruturação do livro didático do 7º ano, os textos da Seção *Práticas de Leitura* e a identificação da presença das mulheres nos textos.

Quadro 8 - Série: 7º ano

<b>UNIDADE 1</b>	<b>LIGADO NA ERA DA COMUNICAÇÃO</b>	<b>PRESENÇA MULHERES OU PERSONAGENS FEMININOS E O COMO VISIBILIZADAS NO TEXTO</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>COMUNICAÇÃO EM DIFERENTES LINGUAGENS</b>	
Texto 1	Crônica – Comunicação, Luís Fernando Veríssimo	Não aparece
Texto 2	Tela – O grito, Edvard Munch	Não aparece
Texto 3	Mensagens instantâneas por aplicativo	Avó
Texto 4	Carta pessoal – Foi! Não foi! Foi!, Luiza Lacerda	Mãe
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE</b>	

Texto 1	Reportagem – Nº de refugiados e deslocados cresce em 2016 e é o maior já registrado, Viviane Sousa.	Não aparece
Texto 2	Notícia – 500 imigrantes e refugiados são resgatados em um único dia no Mediterrâneo, EFE.	Não aparece
Texto 3	Reportagem – Voluntárias brasileiras dão assistência a refugiados venezuelanos em Roraima, ONU Brasil.	Mulheres voluntárias, advogada, médica.
Texto 4	Notícia – Refugiados sírio é agredido enquanto vendia esfirras em Copacabana, UOL.	Não aparece
<b>UNIDADE 2</b>	<b>ENTRETENIMENTO É COISA SÉRIA</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>TROCANDO PASSES</b>	
Texto 1	Artigo de opinião – Violência e futebol, Francisco Djacyr Silva e Souza.	Não aparece
Texto 2	Narração de jogo de futebol – Corinthians 1x Palmeiras 0- 13/05/2018, Rádio Jovem Pan.	Cita uma faixa de homenagem ao dia das mães organizada pela torcida do Corinthians.
Texto 3	Notícia – Cães de rua são mortos para limpar cidades russas que sediarão Copa, A Notícia.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>A IMAGINAÇÃO EM CENA</b>	
Texto 1	Texto dramático – Romeu e Julieta, William Shakespeare	Personagens femininos: Julieta e Ama de Julieta
Texto 2	Resenha – espetáculo Os Saltimbancos chega às cenas de cultura, Prefeitura de São Paulo/ Secretaria Municipal de Cultura.	Personagens femininos: A galinha e a gata
Texto 3	Texto dramático – Fantasma de camarim, Sylvia Orthof	Personagem feminino: Das Graças, que é uma mulher prestes ter um bebê menina.
<b>UNIDADE 3</b>	<b>LER É UMA VIAGEM</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>LIVRO EM MINHA VIDA</b>	
Texto 1	Depoimento – A troca, Lygia Bojunga.	A Narrativa do texto é feita por uma mulher.
Texto 2	Romance – Infância, Graciliano Ramos.	“Rosto sereno, largos olhos pretos, um ar de seriedade – linda moça...”
Texto 3	Conto maravilhoso – Os dois pequenos e a bruxa, Consiglieri Pedroso.	A mãe; a fada; avó; a bruxa; a velha.
Texto 4	Carta ao leitor – Vantagens e desvantagens entre livros impressos e digitais, Matheus Henrique.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>GUERREIROS E HERÓIS EM LENDAS E MITOS</b>	
Texto 1	A lenda africana – O adivinho escolhe sua esposa entre três pretendentes, Reginaldo Prandi.	“... três belas pretendentes: Riqueza, Discórdia e Paciência.” “... precisava urgentemente de uma boa mulher que lhe fizesse companhia...”
Texto 2	Lenda – A história de Chico Rei, Theobaldo Miranda Santos.	“ o rei negro foi comprado com sua mulher, filhos, e alguns vassalos...” “Anos e anos de trabalho e privações permitiram a Chico Rei juntar o dinheiro necessário para sua alforria e a da sua

		mulher...” Negras; filhas; damas de honra.
TEXTO 3	TEXTO INFORMATIVO – QUAIS FORAM OS 12 TRABALHOS DE HÉRCULES? MUNDO ESTRANHO.	“... Hera, a esposa oficial de Zeus, que mandou duas serpentes matarem o recém-nascido...” “... Hércules cresceu, mas Hera continuou a perseguí-lo e usou seus poderes para provocar um acesso de loucura no herói, que acabou matando a própria esposa e os filhos; A mulher também é apresentada como historiadora.
<b>UNIDADE 4</b>	<b>LER PARA SE INFORMAR</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b>	<b>CONTROLAR GASTOS E CONHECER DIREITOS</b>	
Texto 1	Reportagem – Maioria dos brasileiros utilizou crédito por impulso em fevereiro, Leonardo Guimarães.	Mulheres consumidoras de peças de vestiário e acessórios.
Texto 2	Carta de reclamação informal – Comprei livro e não entregaram!	Não aparece
Texto 3	Reportagem – Os direitos do consumidor relativos ao SAC, O Globo.	Não aparece
Texto 4	Carta de reclamação – Carta de reclamação de defeito de produto.	A reclamante é uma mulher
<b>CAPÍTULO 8</b>	<b>PROTEÇÃO E TRABALHO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA</b>	
Texto 1	Crônica – De quem são os meninos de rua?, Marina Colasanti.	Mãe
Texto 2	Notícia e cartaz – Governo de Paraíso apoia campanha de combate ao trabalho infantil, Ana Paula Gomes.	Não aparece
Texto 3	Reportagem – Brasil tem quase 1 milhão de crianças e adolescente em trabalho irregular, Joana Cunha.	Não aparece

Agora, apresentamos o resumo da estruturação do livro didático do 8º ano (Quadro 9), os textos da Seção *Práticas de Leitura* e a identificação da presença das mulheres nos textos.

Quadro 9 - 8º ano

<b>UNIDADE 1</b>	<b>VEM TROCAR COMIGO</b>	<b>SE TEM MULHERES OU PERSONAGENS FEMININOS E O COMO APARECEM NO TEXTO.</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>BAÚ DE PALAVRAS</b>	
Texto 1	Verbetes – Palavra, Adriana Falcão.	Não aparece
Texto 2	Crônica – Trágico acidente de leitura, Mario Quintana.	Não aparece
Texto 3	Conto – Chuva: a abensonhada, Mia Couto.	Idosa senhora; velha; mãe; tia.
Texto 4	Romance (fragmento) – Fala sério, mãe, Talita Rebouças.	“... Está se achando gente, mais mulher, comprando roupas menos infantil, querendo livros com temas mais adultos...” “Você tomou a iniciativa? Isso é coisa de menina fácil, Maria de Lourdes!”

<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>ADOLESCER</b>	
Texto 1	Reportagem – Hiperconectividade pode afetar convívio social na adolescência, Diário do Nordeste.	A mulher aparece como uma especialista: neuropsicóloga.
Texto 2	Poema – Mascarados, Cora Coralina	Não aparece
Texto 3	Poema – Palavras de amor, Sérgio Capparelli.	Não aparece
Texto 4	Romance infanto-juvenil (fragmento) – Um bom sujeito, Antônio Carlos Oliveiri.	Professora; mãe.
<b>UNIDADE 2</b>	<b>COM A PALAVRA, NARRADORES E POETAS</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>LENDAS E CANTADORES</b>	
Texto 1	Poema de cordel – O poeta da roça, Patativa do Assaré.	Não aparece
Texto 2	Poema de cordel – O burro é o ser humano, José Acaci.	Não aparece
Texto 3	Lenda – Irapuru: o canto que encanta, Waldemar de Andrade e Silva.	“Bela Mainá conseguiu o seu amor, casar-se-iam durante a primavera.” “Mainá, desconsolada, passava várias horas a chorar sua grande perda.”
Texto 4	Mito – O príncipe infeliz e as abóboras desprezadas.	“Sua Mulher limpando os restos da principesca comilança...”
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>DE REPENTE... O INESPERADO</b>	
Texto 1	Romance aventura (fragmento I) – A origem da personagem Robson Crusoe. Daniel Defoe.	Mãe
Texto 2	Romance aventura (fragmento II) - As aventuras de Robson Crusoe, Daniel Defoe.	Mãe
Texto 3	Romance aventura (fragmento III) - As aventuras de Robson Crusoe, Daniel Defoe.	Não aparece
Texto 4	Conto – A terra dos meninos pelados, Graciliano Ramos.	Dona Laranjeira ( é amável educada, tem bondade; Dona Aranha; As cigarras.
<b>UNIDADE 3</b>	<b>EDUCAÇÃO É O CAMINHO</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO</b>	
Texto 1	Artigo de opinião – O futuro da educação, Emerson dos Santos.	Não aparece
Texto 2	Declaração legal – Declaração Universal dos Direitos Humanos, ONU.	Não aparece
Texto 3	Regimento escolar – Regimento da Escola Estadual “Udemo”, Governo do Estado de São Paulo.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL</b>	
Texto 1	Artigo de divulgação científica (fragmento I) – Saúde de crianças e adolescentes na era digital, Sociedade Brasileira de Pediatria.	Não aparece
Texto 2	Artigo de divulgação científica (fragmento II) - Saúde de crianças e adolescentes na era digital, Sociedade Brasileira de Pediatria.	Não aparece
Texto 3	Notícia – Projeto de lei quer permitir que alunos usem celular dentro da sala de aula nas escolas estaduais de Goiás.	Coordenadora pedagógica
<b>UNIDADE 4</b>	<b>COMUNICAÇÃO E CONSUMO</b>	
<b>CAPÍTULO</b>	<b>OLHOS CRÍTICOS</b>	

<b>7</b>		
Texto 1	Página de jornal impresso - Folha de S. Paulo – Folha de São Paulo.	Não aparece
Texto 2	Reportagem – Qual o debate em torno da publicidade feita por youtubers mirins, Camilo Rocha.	Boneca; menina
Texto 3	Notícia – Publicidade infantil deve ser feita cm responsabilidade em vez de proibida, dizem especialistas, Diana Lott.	A mulher aparece como coordenadora de pesquisa e presidente do comitê jurídico.
<b>CAPÍTULO 8</b>	<b>ENTRE SER E TER</b>	
Texto 1	Entrevista – O jovem é especialmente suscetível aos apelos.	A mulher aparece como entrevistada.
Texto 2	Carta ao leitor – Consumismo, José Camilo Magalhães Paes de Barros.	Não aparece
Texto 3	Propaganda de conscientização – Dia das Crianças sem consumismo. É de pequeno que se aprende, Milc.	O texto é em forma de cartaz, a imagem da campanha de conscientização, traz a imagem de uma mãe com seu filho lendo um livro no gramado.

E por fim, apresentamos o resumo da estruturação do livro didático do 9º ano (Quadro 10), os textos da Seção *Práticas de Leitura* e a identificação da presença das mulheres nos textos.

Quadro 10 - Série: 9º ano

<b>UNIDADE 1</b>	<b>POR DENTRO DA LITERATURA</b>	<b>SE TEM MULHERES OU PERSONAGENS FEMININOS E O COMO APARECEM NO TEXTO.</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>DESVENDANDO O CONTO</b>	
Texto 1	Conto - O vagabundo na esplanada, Manuel da Fonseca.	“Uma velha senhora a outra velha de igual o modo escandalizada.”
Texto 2	Fotorreportagem - Mulheres ‘alugavam’ crianças para pedir esmolas nas ruas de Campo Grande, Rafael Ribeiro.	Um texto em forma de imagem que retrata uma mulher com três crianças em situação de mendicância.
Texto 3	Conto (fragmento) - O Diabo e outras histórias, Liev Tolstói.	“...Existem homens que chama de “minhas” as suas mulheres ou esposas, mas essas mulheres vivem com outros homens...”
<b>Capítulo 2</b>	<b>Desvendando o Romance</b>	
Texto 1	Romance (fragmento) - O carteiro e o Poeta, Antonio Skármeta.	Não aparece
Texto 2	Romance (fragmento I) – A pata da gazela, José de Alencar	Laura; Amélia; moça; senhora; “... havia duas moças, uma delas alta e esbelta, tinha uma presença encantadora. A outra de pequena estatura, muito delicada de talhe, era talvez mais linda que a sua companheira.” O vestido roxo;
Texto 3	Romance (fragmento II) - A pata da gazela, José de Alencar	“... será de uma menina! [...]é de moça, é de mulher!” “...só nesse momento de assunção é que a mulher tem este andar sublime e augusto...”
<b>UNIDADE 2</b>	<b>VIDA DE ADOLESCENTE</b>	
<b>CAPÍTULO</b>	<b>AMOR E POESIA</b>	



<b>3</b>		
Texto 1	Poema – Órion, Carlos Drummond de Andrade.	Namorada; Caraterística física: alta.
Texto 2	Poema – Essa que eu hei de amar, Guilherme de Almeida.	“Essa”, referência a mulher.
Texto 3	Poema – Excursão, Sérgio Capparelli.	Mariana; professora; Luísa; “ô Mariana, vê se me vê, pô, estou aqui” “Como era difícil o amor de Mariana, de blusa rala e jeans apertado...”
Texto 4	Texto didático-científico – O primeiro amor é vivido em fantasia, Flávio Gikovate.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>OUTRAS PAIXÕES, OUTRAS LINGUAGENS</b>	
Texto 1	Romance (fragmento I) – O menino sem imaginação, Carlos Eduardo Novaes.	Maria; mamãe; tia; mana (irmã); “...Maria é uma grande cozinheira, mas dessa vez errou a mão...”
Texto 2	Romance (fragmento II) - O menino sem imaginação, Carlos Eduardo Novaes.	Irmã; tia; mamãe; Maria.
Texto 3	Sinopse – Meus 15 anos, Cineweb.	Uma festa em que meninas comemoram, os 15 anos; A diretora do filme é uma mulher; A personagem principal é Bia, interpretada pela atriz Larissa Manoela.
<b>UNIDADE 3</b>	<b>FACE A FACE</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>AS VÁRIAS FACES DA VIOLÊNCIA</b>	
Texto 1	Artigo de opinião - Paz social, Gilberto Dimenstein.	Não aparece
Texto 2	Entrevista – Crise política e fragilidades das instituições agravaram a violência, Ricardo Machado.	Não aparece
Texto 3	Carta aberta – Empresários publicam carta aberta contra a violência no Rio. Jornal do Turismo. Para conquistarmos, lado a lado como todos os brasileiros, a nação que sonhamos, o Rio é a primeira fronteira.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>AS VÁRIAS FACES DO PRECONCEITO</b>	
Texto 1	Crônica lírica – O Carioca e a roupa, Paulo Mendes Campos.	Não aparece
Texto 2	Ensaio literário(fragmento)- A família de olhos, Marshall Berman.	“... explica para a mulher que ama...”
Texto 3	Cartaz de campanha – A maior conquista do futebol é derrotar o preconceito.	Não aparece
<b>UNIDADE 4</b>	<b>TEMPO DE PENSAR: INFORMAÇÃO E ESCOLHAS</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b>	<b>INFORMAR-SE PARA CONHECER</b>	
Texto 1	Notícia –Professor usa fake news para ensinar ciência na escola, Paula Adamo Idoeta.	Consta uma notícia falsa sobre uma mulher que teria aplicado Botox na filha pequena.
Texto 2	Notícia e guia – Um guia para você identificar notícia falsa antes de	Não aparece



	you mandar no grupo da família, Juliana Gragnani.	
Texto 3	Artigo de opinião – O impacto da tecnologia nas crianças nascidas em 2018, Tomás Santiago.	Não aparece
<b>CAPÍTULO 8</b>	<b>QUE PROFISSÃO SEGUIR</b>	
Texto 1	Entrevista – O segredo para escolher bem uma carreira é o autoconhecimento, Gabriela Andrade.	Não aparece
Texto 2	Letra de canção – Supertrabalhador, Gabriel, Pensador.	A Superjornalista; A superprofessora; Mãe.
Texto 3	Reportagem – Jovens que não estudam nem trabalha: escolha ou falta de opções? Mariana Kaipper Ceratti.	Apresenta um estudo sobre desigualdade associado a pobreza e ao gênero; Mostra as mulheres como mais impactada; “...Essas limitações prejudicam sobretudo as mulheres...” “... as mulheres casadas e com filhos pequenos, vivendo sob normas sociais que reforçam seu papel de cuidadora e restringem suas oportunidades econômicas.” “... principalmente entre mulheres é uma importante porta de entrada para propagandas e políticas públicas...” “... muitas mulheres entrevistadas não conseguem imaginar na vida em que seu papel não seja somente o de uma cuidadora.”

Partindo deste primeiro mapeamento dos textos da *Seção Prática de Leitura*, passamos a estruturar os quadros seguintes, identificando como os textos da coleção do 6º ao 9º ano visibilizam as mulheres ou personagens femininos e dialogando com o referencial teórico da AD.

### 3.1 1ª ETAPA DE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO - COMO O LIVRO DIDÁTICO VISIBILIZA AS MULHERES OU PERSONAGENS FEMININOS NOS TEXTOS DA SEÇÃO PRÁTICA DE LEITURAS

Inicialmente, nossa segunda avaliação na coleção de LDLP foi identificar em quantos textos existe a presença de mulheres ou personagens femininos. Dito isto, verificamos a existência de 109 textos nesta seção, sendo que em 53 deles não existe nenhuma referência à presença das mulheres ou personagens femininos. Ou seja, as mulheres estão ausentes em 48,7% dos textos. Veja a seguir o quadro 11:

Quadro 11 – Ausência das mulheres nos textos da seção Prática de Leitura.

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	NÃO EXISTE A PRESENÇA DE MULHERES E DE PERSONAGENS FEMININOS	%
6º	28	17	61%
7º	28	12	43%
8º	28	14	50%
9º	25	10	40%
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>53</b>	<b>48,7%</b>

Consideramos expressiva a ausência das mulheres em 48,7% dos textos, prosseguimos nossas análises de acordo com a teoria da AD e outros pensadores e pensadoras da educação, a partir dos textos que visibilizam as mulheres, os 56 textos, 51,3%. Concluimos que essa ausência das mulheres reflete um processo histórico e social de desigualdade de gênero que reflete no LD. Para AD, podemos identificar um silêncio marcado pela ausência. Orlandi (2007, p.29), diz que: na política do silêncio, o silenciamento, entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obriga a dizer, fazer calar, silenciar, etc. Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto por parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher, só para citar alguns terrenos já explorados por mim. A autora destaca ainda, que ideologia, na perspectiva discursiva, é uma prática e esta prática envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo sujeito (ORLANDI, 2017, p. 87).

No quadro 12 observa-se, em cada série a quantidade de textos que as mulheres estão visibilizadas como: mãe, avó, tia e irmã. Veja a seguir:

Quadro 12 – As mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTOS QUE AS VISIBILIZAM MULHERES	VISIBILIZADAS COMO: MÃE/AVÓ/TIA/IRMÃ	%
6º	28	11	5	45,4%
7º	28	16	6	35,5%
8º	28	14	6	43%
9º	25	15	3	20%
<b>Total</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>20</b>	<b>36%</b>

Obs.: O percentual foi calculado com base na quantidade de textos que visibilizam mulheres.

No quadro 12, dos 56 (cinquenta e seis) textos, em 20 (vinte), ou seja em 36%, as mulheres são visibilizadas como mãe, avó, tia, ou irmã.

Essa quantidade expressiva de mulheres visibilizadas como mãe, avó, tia, ou irmã, revela a presença de uma formação discursiva que reforça a mulher como alguém que cuida, alguém que é evidenciada por papéis sociais exercidos no âmbito da vida privada. As mulheres estão presentes nos textos, porém, evidenciadas como alguém responsável pelo cuidado da família, pela educação dos filhos, cuidado com os netos, entre outros. Reforçam um imaginário discursivo onde a mulher tem uma competência natural voltada para o cuidado. Importante ressaltar, que considerando a coleção de LDLP, está foi a forma como mais as mulheres forma visibilizadas.

Os textos reforçam uma visão estereotipada das mulheres. Segundo Orlandi (2020, p. 40), o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Neste sentido a formação discursiva que retratam as mulheres no LD, revelam formações imaginárias patriarcais, que inclusive silenciam, mesmo nesse recorte da família, mulheres como as mães solas.

Vejamos a seguir, um exemplo, onde a mulher é visibilizada como mãe, presente no LDLP do 6º ano, página 105, texto: Diário íntimo, Inês Stanisiere.

*“No fundo, ela é bem legal, diferente das outras mães que eu conheço. Mas, dessa vez ela ultrapassou todos os limites. Isso aí que ela fez de vir ao meu quarto e mexer em tudo, foi a maior invasão do mundo!! Achei péssimo!”*

A fala da filha nesse fragmento de texto mostra a presença de uma formação ideológica relacionada à mãe, sendo aquela que cuida. Neste sentido, dialogando com a AD, Orlandi, (2020, p. 20) afirma que as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. Constata-se no discurso um papel social construído ao longo da história do papel social da mulher mãe.

No segundo exemplo, presente no LDLP 7º ano, página 172, texto: Conto Maravilhoso – Os dois pequenos e a bruxa, Consiglieri Pedroso.

*“- Sentai-vos, meus netinhos, nesta pazinha, para vos ver balhar (assar) dentro do forno! ...”*

*“...A bruxa deu um grande estouro e morreu queimada, e os pequenos ficaram senhores da casa e de tudo quanto ela tinha.”*

Nesse fragmento temos a presença de uma das formações discursivas mais antigas associadas às mulheres, que é de bruxa. Considerando o contexto sócio-histórico e ideológico construído, forçado no clássico infantil João e Maria, que as bruxas cometem maldades, são perversas e que acaba tendo um final trágico, neste caso morrendo queimada. Percebe-se a presença de um interdiscurso no texto, uma formação discursiva, já-dita anteriormente, que nos possibilita a construção dos sentidos presentes no texto. Para Orlandi (2020, p. 41), o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinados, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação à outra. Nessa ótica, Orlandi (2007, p. 20) afirma que as formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes.

A AD preconiza que os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2020, p. 37).

Seguindo, identificamos na coleção de LDLP, mulheres trabalhadoras, e buscamos sistematizar no quadro a abaixo quais profissões as mulheres exercem nesses livros didáticos de acordo com as séries. Veja:

Quadro 13 - 1.1 Profissões exercidas por mulheres

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE VISIBILIZAM MULHERES	PROFISSÕES EXERCIDAS POR MULHERES
6º	28	11	Diretora de escola Professora em dois textos Cantora
7º	28	16	Advogada e médica voluntárias Historiadora Empregada doméstica: (Ama de Julieta) Empregada doméstica: (Limpendo)
8º	28	14	Neuropsicóloga Professora Coordenadora pedagógica
9º	25	15	Professora em dois textos Diretora de filme Cozinheira Jornalista

			Atriz
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>18 MULHERES TRABALHADORAS</b>

Com base nesta sistematização, pudemos identificar as profissões que as mulheres exercem coleção de LDLP e as respectivas quantidades de profissionais. Veja a seguir a quantidade geral de mulheres trabalhadoras presentes na coleção. Acompanhe:

Quadro 14 - 1.2.1 Profissões exercidas por mulheres

<b>MULHERES TRABALHADORAS IDENTIFICADAS NOS TEXTOS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Professora	05
Empregada doméstica	02
Cozinheira	01
Coordenadora pedagógica	01
Diretora de escola	01
Historiadora	01
Neuropsicóloga	01
Diretora de filme	01
Atriz	01
Cantora	01
Advogada	01
Médica	01
Jornalista	01
<b>13 PROFISSÕES IDENTIFICADAS</b>	<b>18 MULHERES TRABALHADORAS</b>

Podemos quantificar através dos quadros 13 e 14, que temos em toda a coleção 18 (dezoito) mulheres trabalhadoras exercendo suas atividades em 13 (treze) profissões.

Nesta análise, podemos confirmar no LD que as educadoras estão em maior presença do LD. Professora foi a profissão mais associada às mulheres, seguida de empregada doméstica. Ou seja, mesmo a mulher saindo da esfera da vida privada, para o mundo do trabalho, a coleção de LDLP, mostra que suas profissões estão voltadas para as supostas “competências naturais da mulher”. Fato que confirma a presença de uma formação discursiva, baseada nas relações sociais históricas e

ideológicas vivenciadas pelas mulheres. O fato de socialmente ser atribuído à mulher a função social de educar os filhos e cuidar da casa, essas habilidades, são absorvidas no mundo do trabalho. Onde é possível agregar valor ou desvalorizar a depender da identidade de gênero que identifica a profissão. Não é por acaso, a desvalorização de todas as profissões onde existe uma maior presença de mulheres, e ao mesmo tempo a grande presença das mulheres nas profissões ligadas ao cuidado. O trabalho doméstico não assalariado, a esse esforço socialmente imposto um aspecto natural (“feminilidade”) que nos afeta em todos os lugares para onde vamos e em tudo o que fazemos (FEDERICI, 2021, p. 34).

Ao mesmo tempo em que os textos onde as mulheres aparecem exercendo profissões, não são evidenciados o protagonismo das mulheres no mundo do trabalho, na sociedade, essa identidade foi posta em silêncio. Na AD, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia a de formação discursiva. Considerando que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”, “o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva” (ORLANDI, 2020, p.81).

Nesse sentido, temos a presença de formações ideológicas que silenciam o crescimento da presença das mulheres no mercado de trabalho, inclusive em profissões consideradas “masculinas” e sendo visibilizadas principalmente nas profissões ligadas ao cuidado e ainda consideradas “femininas”.

Veja no exemplo a seguir como a mulher professora foi visibilizada no LDLP do 6ºano, página 92. Um exemplo de comportamento esperado ou não vindo de mulheres com base em formações ideológicas. Texto: Relato de memória - Sua presença na minha vida foi fundamental, Ziraldo.

*“Deveria ter esquecido o nome dela, mas não esqueci. Ela se chamava Dulce, mas não era nada doce.”*

*“Uma dessas jovens era a dona Glorinha, que entre outras coisas e contra a vontade das velhas professoras do Grupo e Escolar e de sua rabugenta diretora, retirou a palmatória furadinha da parede de minha classe. Só mais tarde foi que percebi a luta de dona Glorinha. Que ela venceu.*

*“Engraçado, agora, remoendo essas lembranças, descubro que tive uma professora maluquinha, sim. Foi dona Glorinha d’Ávila, tão pequenina, tão frágil, tão bonitinha...”*

Nos fragmentos do texto há um processo de docilização, romantização da professora Glorinha em contra posição à professora Dulce, onde diz: *“mas não era nada doce”*, assim como as *“velhas professoras do Grupo Escolar”*. Ao utilizar o termo *“velha”* também vem agregado valores sociais. A forma como o autor refere-se ao velho e ao novo, diz muito sobre a construção imagético-discursiva. A presença do interdiscurso, quando o autor conclui que *“teve uma professora maluquinha”*, traz do seu próprio personagem *“O menino maluquinho”*. Ele aproveita-se do discurso já-dito, para dizer como é a professora que marcou sua infância.

Vejamos nosso exemplo seguinte, presente no LDLP do 9ºano, página 99. Texto: O Menino sem imaginação, Carlos Eduardo Novaes.

*“A comida estava uma gororoba intragável. Maria é uma grande cozinheira, mas dessa vez errou a mão, salgou tudo e queimou o arroz.”*

Uma criança demonstra sua insatisfação com o resultado do trabalho de Maria, a cozinheira. Diante da situação, Maria não tem voz, é silenciada. Nesta formação discursiva, Maria é revelada como uma mulher que não possui os mesmos direitos que os outros personagens do texto, a posição-sujeito de Maria no discurso, mostra que ela é pobre e que depende do emprego. A formação ideológica presente no discurso mostra uma construção social que coloca esta mulher em silêncio. Vejamos que as formações imaginária construídas socialmente, coloca a posição-sujeito que lhe atribui uma função de servir.

Para Orlandi (2020, p.45), o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetividade e, ao mesmo tempo, traço da relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação, e ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.

Outra característica presente nos textos em que as mulheres aparecem, é o fato de estarem ligadas ao casamento, ao namoro, ao amor de um modo geral, e relações heteronormativas.

Quadro 15 - Mulher aparece associada ao casamento, namoro, amor

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTOS QUE AS MULHERES SÃO VISIBILIZADA	MULHER ASSOCIADA AO CASAMENTO, NAMORO, AMOR	%
6º	28	11	-	0
7º	28	16	3	18,8%
8º	28	14	1 (remete a posse do marido)	7,1%
9º	25	15	5 (1 remete a posse do marido)	33%
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>9</b>	<b>16%</b>

Obs.: O percentual foi calculado com base nos textos em que as mulheres são visibilizadas

No quadro 15 encontramos 16% das mulheres ou personagens femininos visibilizadas sendo associadas ao casamento, a família, ao namoro e ao amor. Na construção social das mulheres ao longo da história, sempre se buscou convencê-las que para serem felizes, completas, precisariam de um marido. Neste sentido, os textos silenciam as evidências de serem mulheres solteiras, que por escolha escolhem por não casar, quem não querem ser mães, casais homoafetivos. Essa construção discursiva posta e não posta, tem fundamentos ideológicos que falam muito sobre a imagem construída até os dias atuais entorno das mulheres. Quando aparecem com o filho, existe na maioria das vezes a presença do marido, o que não é dito, é que reproduzem o modelo de família heteronormativa. Outra questão revelada nas formações ideológicas, é que parte dessas mulheres é submissa ao marido.

O silêncio não é diretamente observável e, no entanto, ele não é vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está “lá” (no sorriso da Gioconda, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões, nas pausas). (ORLANDI, 2007 p. 45).

Vejamos o exemplo que trazemos do LDLP do 7ª ano, página 192. Texto: O adivinho escolhe sua esposa entre três pretendentes. Reginaldo J. Prandi.



*Orunmilá, “...precisava urgentemente de uma boa mulher que lhe fizesse companhia. Perguntou as pretendentes quais eram suas boas qualidades.”*

*“eu tenho tudo o que desejar ter”, disse Riqueza.*

*“eu tenho tudo o que os outros querem ter”, falou a discórdia.*

*“Eu tenho tudo o que posso ter”, confessou Paciência.*

*“Orunmilá voltou para casa decepcionado, mas convencido de que não ter tomado nenhuma decisão apressada tinha feito a melhor coisa. “Pois quem tem Paciência tem tudo”, disse Orunmilá, e se casou com Paciência.*

Temos a presença de uma história da mitologia afro-brasileira. Nesse sentido, observa-se uma busca para incluir na coleção elementos da cultura afro-brasileira, e visibilizar a população negra nos livros didáticos atendendo aos requisitos da Lei 10.639/03, que trata da inclusão no currículo escolar da história e cultura afro-brasileira. É possível perceber que o Estado brasileiro, ao reconhecer a imbricação entre desigualdades e diversidade, vem incorporando, ao poucos, a raça de forma ressignificada em algumas de suas ações e políticas, especialmente na educação. (GOMES, 2017, p.36).

Olhando para a AD, percebemos no texto a presença de formações ideológicas que norteiam o entendimento do que é ser uma boa mulher. A Orunmilá, é atribuído um poder, por ele ser um sábio, culto e respeitado, o direito de escolher uma mulher.

A posição-sujeito das candidatas à boa mulher, é um sugar de inferioridade, evidenciada no texto, quando ele pergunta quais não suas qualidades? Para que assim possa ter condições de escolher. No final da história ele acaba escolhendo a Paciência, pois as formações ideológicas entorno do perfil dessa esposa, lhe dará a tranquilidade necessária. Não foi dito, mas nesse perfil paciente, está uma mulher com mais possibilidade de ser submissa ao marido.

No nosso segundo exemplo, presente no LDLP do 8º ano, página 103, o texto: O príncipe infeliz e as abóboras desprezadas. Destacamos dois trechos:

*“Ordenou às mulheres da casa que trouxessem água fresca e panos limpos em grande quantidade.”*

*“Ordenou a esposa que fosse correndo ao mercado, que tomasse dinheiro emprestado, que pedisse fiado, e que comprasse tudo que pudesse para agradar ao paladar de um príncipe faminto, porém exigente.”*

Mais uma vez a posição-sujeito das mulheres é um lugar de submissão diante do poder que é atribuído aos personagens masculinos. Os discursos estão duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que os relacionam a formações discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua (ORLANDI, 2007, p. 22).

Identificamos a presença das mulheres em lugares de comando, de protagonismo, evidenciando a autonomia das mulheres, embora de forma não predominante nas construções discursivas. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 16 – Protagonismo das mulheres (ações, funções, iniciativas realizadas por mulheres)

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES APARECEM	PROTAGONISMO DAS MULHERES (AÇÕES, FUNÇÕES, INICIATIVAS REALIZADAS POR MULHERES)	%
6º	28	11	Torcedora	
7º	28	16	Voluntária Consumidora Reclamante Depoimento: A narrativa do texto é de uma mulher	
8º	28	14	Mulher entrevistada Especialista em neuropsicologia Coordenadora de pesquisa Presidente de Comitê Jurídico	
9º	25	15	-	
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>8</b>	<b>14,3%</b>

No quadro 16, que trata de ações que revelam um protagonismo das mulheres. Elas aparecem em 8 (oito) textos, ou seja 14,3%. Nesse sentido as mulheres foram visibilizadas como: torcedora, voluntária, consumidora, reclamante, entrevistada, coordenando pesquisa, entre outros. A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade histórica. Como o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso (materialidade específica da ideologia) que melhor podemos observar esse ponto de articulação (ORLANDI, 2007 p. 20). Nesse sentido, podemos concluir que as construções discursivas

presentes em uma pequena quantidade de textos com o protagonismo das mulheres, confirma, que a ideologia predominante nesta coleção, é de apresentar a mulher de forma estereotipada, reproduzindo ideologias de uma sociedade patriarcal que subalterniza as mulheres.

Vejamos um exemplo que não é representa a ideologia predominante presente do LDLP do 8º ano, página 224. Texto: Publicidade infantil deve ser feita com responsabilidade em vez de proibida, dizem especialistas. Diana Lott.

*“Para Luciana Corrêa, coordenadora da área de pesquisa sobre Família e tecnologias do ESPM Media Lab, a publicidade, seja ela direcionada ao público infantil ou não, já faz parte do cotidiano da criança.”*

*“É necessário que os pais ajam como moderadores, diz Luciana, cuja pesquisa é voltada para as plataformas digitais. Em relação ao YouTube, a regra deve vir, em primeiro lugar, de casa.”*

A posição-sujeito da mulher é lugar de notório conhecimento, uma especialista no assunto em questão. No quadro 17, temos a identificação de alguns comportamentos atribuído às mulheres. Vejamos:

Quadro 17 - Comportamento das mulheres

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES APARECEM	COMPORTAMENTO DAS MULHERES	%
6º	28	11	Doçura: 01 Crítica ao comportamento da mulher: 01 Cuidado: 01 Solidariedade: diante da pobreza. 01 (“...vivia arranjando livros, papel e lápis para os meninos paupérrimos.”)	36%
7º	28	16	Doçura: 02 Usou de representações simbólicas para mostrar o comportamento esperado por mulher: 02 ( A Fada e a bruxa; as três esposas: Riqueza, Discórdia e Paciência); Comportamento não esperado: 01	37,5%
8º	28	14	Comportamento criticado: 01 (“Isso é coisa de menina	27%

			fácil...” 01 Dona Laranjeira (é amável educada, tem bondade...)	
9º	25	15	Doçura: 01 Escandalizada: 01	
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>13</b>	<b>23,2%</b>

No quadro 17, que destaca comportamentos percebidos nos textos, atribuídos às mulheres como: doçura, solidariedade, entre outras características consideradas femininas.

Novamente percebe-se a presença nas formações discursivas de construções históricas e sociais, que estão refletidas em formações ideológicas, associando as mulheres comportamentos considerados “típicos de mulheres” e não “típicos de homens”, e quando existe uma ruptura com essa construção ideológica, ocorre o estranhamento, uma reação. Percebemos em diversos textos, o comportamento da mulher marcado pela doçura, pela amabilidade, pela solidariedade, bondade. Tiburi, (2018, p.50) diz que, para docilizar as pessoas marcadas como mulheres foi inventado o “feminino”. O feminino é o termo usado para salvaguardar a negatividade que se deseja atribuir às mulheres no sistema patriarcal. Elogiado pelo poetas e filósofos nada mais é do que a demarcação de um regime estético-moral para as mulheres marcadas pela negatividade.

Vejamos o exemplo presente no LDLP do 6º ano, página 73, o texto: Romance – A escola da vila, Viriato Corrêa. Que descreve a característica de uma diretora de escola.

*Dona Janoca, a diretora:*

*“...cheia de corpo...”;*

*“...maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe.”;*

*“A sua voz era doce...”*

*“Se um aluno adoecia, ela, apesar dos afazeres, encontrava tempo para lhe levar uma fruta, um biscoito, um remédio.”*

*“Vivia arranjando livros, papel e lápis nas casas comerciais para o meninos paupérrimos,”*

No segundo exemplo, presente no LDLP do 8º ano, página 33, texto: Fala sério, mãe!

*“- O quê? Foi você que deu o beijo nele?”*

*- Ah, tipo assim... eu tomei a iniciativa, mas ele já estava me azarando desde a lanchonete.*

*- você tomou a iniciativa? Isso é coisa de menina fácil, Maria de Lourdes!*

*Trata-se de um diálogo entre mãe e filha”*

No primeiro exemplo Dona Janoca, a diretora, possui todos os comportamentos “esperados”, já no segundo Maria de Lourdes, a filha em diálogo com a mãe, confessa que teve iniciativa de beijar um rapaz, fato que deixou a mãe chocada, pois não deveria ser um comportamento de uma menina, chamando de coisa de “menina fácil”

Orlandi (2017, p. 21) afirma que a interpelação do indivíduo sem sujeito resulta uma forma-sujeito histórica. Esta por sua vez sofre um processo de individualização pelo Estado e aí reencontramos o indivíduo agora não mais bio e psico, mas socialmente, resultado de processos institucionais de individualização. Esse indivíduo que hoje se distingue do indivíduo constituído.

Seguindo nas análises textuais, identificamos que o corpo da mulher nos textos tem um destaque, vejamos como ocorre:

Quadro 18 – 1.1 Faz referência ao corpo da mulher: estética; forma de vestir-se; sensualidade.

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES APARECEM	FAZ REFERÊNCIA AO CORPO DA MULHER: ESTÉTICA; FORMA DE VESTIR-SE; SENSUALIDADE; IDADE	%
6º	28	11	Corpo: 01(reprovado ao nascer) Roupa: 01 Padrão estético: 02 Sensualidade: 01 Autonomia sobre o corpo: 01 Idade: 01	
7º	28	16	Corpo: 01 (corpos negros à venda) Roupa: 0 Padrão estético: 0 Sensualidade: 0 Idade: 02	
8º	28	14	Corpo: 0	

			Roupa: 0 Padrão estético: 01 Sensualidade: 0 Idade: 1	
9º	25	15	Corpo: 0 Roupa: 01 Padrão estético: 03 Sensualidade: 0 Idade: 03	
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>18</b>	<b>32%</b>

O quadro 18 trata da visibilidade das mulheres destacando roupa, o corpo, sensualidade. Elas são citadas em 18 (dezoito) textos, 32%. O corpo da mulher tem lugar de destaque no livro. Quer seja em referência a reprodução de padrões de beleza, sensualização do corpo da mulher, entre outros. Vejamos o exemplo do LDLP do 6º ano, página 84. Texto: a Crônica - Na escola, Carlos Drummond de Andrade. O texto trata de uma professora, que resolve consultar os alunos, para saber se deve usar calça comprida. Diante da indagação da professora, os alunos começam a opinar, Vejam trecho do diálogo:

*“Surgiu um movimento para as professoras usarem calça comprida nas escolas. O governo disse que deixa, a diretora também, mas no meu caso eu não quero decidir por mim. O que se faz na escola deve ser de acordo com os alunos.”*

:

*Aparecida: “...O quadril, sabe? Fica meio saliente”*

*Edmundo: “...O seu quadril é certinho”*

*Professora: “...Meu quadril não está em votação, Edmundo. A calça, sim...”*

*Peter: “...Sei lá. Negócio de mulher eu não me meto, professora.”*

*Rinalda: “Evidente. Cada um curtindo a sua vontade.”*

No segundo exemplo, destacamos a referência a idade da mulher, presente em diversos texto. Vejamos o do LDLP do 9º ano, página 15, texto: Conto - O vagabundo na esplanada, Manuel da Fonseca.

*“Uma velha senhora a outra velha de igual o modo escandalizada.”*

No terceiro exemplo, destacamos referência a idade e a padrão de beleza, presente no LDLP do 9º ano, página 49. Texto: A pata da Gazela. José de Alencar

*“Dentro do carro havia duas moças, uma delas alta e esbelta, tinha uma presença encantadora. A outra de pequena estatura, muito delicada de talhe, era talvez mais linda que a sua companheira.”*

Para Orlandi (2017, p.21) a forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais. As palavras, proposições, expressões, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. A mulher sempre teve seu povo atravessado pela ideologia. Os fragmentos de texto mostram que o corpo da mulher tem um lugar de destaque, tem uma evidência, por ser um corpo que está autorizado ideologicamente a ser avaliado, julgado, submisso, entre outros.

Outra questão, que chamou nossa atenção nos textos, foi a pequena presença de textos que evidenciam a diversidade étnica e racial das mulheres nos textos. Identificamos no quadro a seguir:

Quadro 19 - Diversidade Étnica Racial

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES APARECEM	DIVERSIDADE ÉTNICA E RACIAL	%
6º	28	11	-	0
7º	28	16	Família negra vendida: 01	6,2%
8º	28	14	Índia: 01 Mulher negra com o filho: 01	14,2%
9º	25	15	-	0
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>3</b>	<b>5,3%</b>

No quadro 19 trata da visibilidade da diversidade étnica e racial, as mulheres aparecem em 3 (três) textos, que representam 5,3%. As mulheres negras e indígenas estão silenciadas nos textos, em um dos textos é uma imagem, em outro seu marido um rei africano, e é vendido e vai junto a sua mulher, os filhos e vassallos, ou seja, com menos valor ainda, o homem, mesmo na condição de escravizado, tem mais valor que a mulher. Tiburi (2018, p. 62), destaca que, em todos os campos de atividades, dos menos aos mais concorridos, as mulheres são

as pessoas que recebem menor remuneração e se acumularem a opressão de raça, como as mulheres negras, receberão menos do que todos. Mesmo quando chegam aos cargos mais desejados, como diretoras ou presidentes de corporações, as mulheres costumam receber salários menores. As mulheres negras raramente chegam a cargos mais valorizados.

Vejamos mais detalhes do exemplo citado que consta no LDLP do 7º ano, página 200. Lenda- História de Chico Rei, Theobaldo Miranda Santos.

*Chegando no Novo Mundo, o rei negro foi comprado, com sua mulher, filhos e alguns vassalos... Marchavam a pé para minas Gerais. O rei, de calças de algodão, o busto nu caminhava a frente dos escravos de cabeça erguida, como se fosse ainda o soberano daquela gente.*

*Após ano de trabalho e privações permitiram A Chico Rei juntar o dinheiro necessário para sua alforria e de sua mulher. Continuando a economizar, Chico Rei libertou seus filhos e , em seguida , os vassalos...  
... descobriu uma mina de ouro. E Chico Rei ficou rico... à frente, vinham Chico Rei, a rainha, suas filhas e damas de honra, todas com as carapinhas (cabelo muito crespo) empoadas de ouro.*

Posição-sujeito da mulher, nos dois momentos, que seja escravizada ou rica, o homem esteve sempre na posição de superioridade. É assim que podemos compreender o silêncio fundador como o não-dito que é história e que, dada a necessária relação do sentido com o imaginário, é também função da relação (necessária) entre língua e ideologia. O silêncio trabalha então essa necessidade. (ORLANDI, 2007 p. 21).

Chama nossa atenção para a visibilidade da estética negra, a referência ao cabelo crespo. O Movimento Negro responsável por trazer a arte, a corporeidade, o cabelo crespo, as cores da África para o campo da estética, da beleza, do reconhecimento e da representatividade. A autora complementa, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. É preciso que nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo. Postura essa que não



nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista. (GOMES, 2017, p.24).

Chegamos agora no quadro que mostra a visibilidade dada pela coleção de LDLP, às problemáticas sociais vivenciadas por mulheres. Vejamos:

Quadro 20 - Visibilizam as problemáticas sociais vivenciadas por mulheres

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES APARECEM	VISIBILIZAM AS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS VIVENCIADAS POR MULHERES	%
6º	28	11	-	0
7º	28	16	Assassinato: 01 (Hera foi assassinada por Zeus, e ainda foi responsabilizada por causar sua ira)	1,8%
8º	28	14	-	0
9º	25	15	Vítima de <i>fake news</i> : 01 Pobreza: 02 Desigualdade de gênero: 01	7,1%
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>05</b>	<b>9%</b>

O quadro 20 trata da visibilidade das problemáticas sociais vivenciada pelas mulheres. Elas estão presentes em 5 (cinco) textos, 9%. A autora em apenas um texto, utiliza um texto para falar que existe a pobreza e desigualdade de gênero e isso, impactar de forma mais forte na vida das mulheres, sobretudo, as que possuem filhos. Podemos concluir que existe um silenciamento das desigualdades de gênero imposta às mulheres. De forma muito sutil a coleção de LD entra nessa questão, percebe-se a existência de uma censura. O silêncio local que se refere a censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura), Isto tudo nos faz compreender que estar no sentido em silêncio são modos absolutamente diferentes entre si. E isso faz parte da nossa forma de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e com as pessoas. (ORLANDI, 2007, p. 24). É preciso lembrar que pensamos a relação indireta entre o produto e sua “origem”, sua “causa”. Sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio (ORLANDI, 2007 p. 45).

No exemplo a seguir presente no LDLP do 9º ano, página 230. Texto: Jovens que não estudam e nem trabalham: escolha ou falta de opções? Neste fragmento de

texto, traz um tema significativo para os jovens, porém sem muito destaque na coleção. As construções discursivas não evidenciam as problemáticas sociais.

*“A culpa não é dos jovens. O estudo mostra que algumas condições relacionadas à pobreza e ao gênero produzem um conjunto de barreiras difíceis de superar. Essas limitações prejudicam sobretudo as mulheres, que se veem afetadas na capacidade de imaginar seus futuros, perseverar e ter resiliência” avalia a cientista social alemã.*

A seguir identificamos textos que remetem estereótipos atribuído à mulheres identificados como coisas de mulher ou de menina. Vejamos:

Quadro 21 – 1.2 Considerado coisas de mulher ou menina

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES SÃO VISIBILIZADA.	CONSIDERADO COISA DE MULHER OU MENINA	%
6º	28	11	01- “negócio de mulher eu não me meto professora”	9%
7º	28	16	01- Mulheres, consumidoras compulsivas	6%
8º	28	14	01- Boneca/ menina	7,1%
9º	25	15	01- Uma festa em que meninas comemoram, os 15 anos	6,6%
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>04</b>	<b>7,1%</b>

No quadro 21 se trata de visibilidade das mulheres em situações consideradas de forma estereotipadas “coisas de mulher ou de menina”. Constatamos em 04 (quatro) textos, 7,1%. Vejamos o exemplo presente no LDLP do 6º ano, página 85, texto: Na escola, Carlos Drummond de Andrade.

*“...negócio de mulher eu não me meto, professora”  
“cada um escolhe o seu”*

Dois alunos manifestam-se no sentido de recusar opinar sobre se a professora deve usar calças ou não, no sentido de entender que é uma decisão que deve ser da professora e não dos outros. O direito dela decidir sobre o seu modo de se vestir. Temos o não-dito, significativo. Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significativo (ORLANDI, 2007, p.23)

No segundo exemplo, presente no LDLP do 7º ano, página 224, texto: *Maioria dos Brasileiros utilizou crédito por impulso em fevereiro. Leonardo Guimarães.*

*“Os itens mais comprados fora do planejamento... Entre as mulheres, o destaque foi para a aquisição de peças de vestuário e acessórios (23%). A compra de produtos eletrônicos ficou em primeiro lugar entre os homens (13%)”*

Na coleção quando se trata de consumo, as mulheres possuem um destaque, existe toda uma construção discursiva para atribuir a mulher essa posição de destaque. Na reportagem desse segundo exemplo, essa posição é reafirmada. Porém, não é dito que existe toda uma política de mercado voltada para atrair o público feminino para o consumo, além disso, quando a mulher consome, não é apenas para si, ela pensa na família.

Se uma dessas características livra o silêncio do sentido “passivo” e “negativo” que lhe foi atribuído nas formas sociais da nossa cultura, a outra liga o não-dizer à história e à ideologia. (ORLANDI, 2007, p. 12).

Chegando ao final das análises dos textos da coleção, identificamos a mulher visibilizada como heroína em alguns textos. Vejamos:

Quadro 22 – Mulher heroína

SÉRIE	TOTAL DE TEXTOS	TOTAL DE TEXTO QUE AS MULHERES SÃO VISIBILIZADA	MULHER HEROÍNA	%
6º	28	11	01- Nome em homenagem a maior heroína do Afeganistão	9%
7º	28	16	-	
8º	28	14	-	
9º	25	15	01-Superjornalista; superprofessora	6,6%
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>56</b>	<b>2</b>	<b>3,5%</b>

No quadro 22, trata da visibilidade das mulheres como heroína, aparecem em dois textos, que representa 3,5%, a menor representação. O que reforça que são atitudes associadas ao masculino. Porém, vejamos um exemplo de exceção, presente no LDLP 6º ano, página 25. Texto: Autobiografia (fragmento). Nasce uma menina, Christina Lamb e Malala Yousafzai.

*“Para a maioria do pachtuns, o dia que nasce uma menina é considerado sombrio. O primo de meu pai, Jehan Sher Khan Yousafzai, foi um dos poucos a nos visitar para celebrar meu nascimento e até mesmo nos deu uma boa soma em dinheiro. Levou uma grande árvore genealógica que remontava até meu trisavô, e que mostrava apenas as linhas de descendência masculina. Meu pai, Ziauddin, é diferente da maior parte dos homens pachtuns. Pegou a árvore e riscou uma linha a partir do seu nome, no formato de um pirulito. Ao final da linha escreveu “Malala”.*

*“Meu nome foi escolhido em homenagem a Malalai de Maiwand, a maior heroína do Afeganistão.”*

Percebemos que as autoras iniciam o texto trazendo Malala, inclusive destacando que seu nome é uma homenagem a uma heroína do Afeganistão, destaca a alegria do seu pai com o seu nascimento, contrariando uma cultura, onde é motivo de festa apenas o nascimento dos meninos.

Constamos que a coleção de LDLP, reforça o estereótipo que atribui heroísmo ao gênero masculino, as mulheres foram ao longo da história tiveram seu protagonismo silenciado. Na AD, o silêncio do sentido torna presente não só a iminência do não dito que se pode dizer, mas o indizível da presença: do sujeito e do sentido (ORLANDI, 2017, p. 70)

Apresentamos a seguir um quadro com o resumo geral da coleção de LD, de acordo com as abordagens identificadas nos 56 textos, que visibilizam mulheres ou personagens femininos, na seção *Prática de Leitura* no livro *Tecendo Linguagens*.

Quadro 23 - Síntese das abordagens identificadas na coleção de LDLP

ABORDAGENS QUE VISIBILIZAM MULHERES IDENTIFICADAS NOS TEXTOS	QUANTIDADE DE TEXTOS	%
<b>Mulheres ou personagens femininos presentes nos textos</b>	<b>56</b>	<b>51,3%</b>
Aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã	20	36%
Mulher aparece associada ao casamento, namoro, amor	9	16%
Protagonismo (ações, funções, iniciativas realizadas por mulheres)	8	14,3%
Identificação de comportamento das mulheres	13	23,2%
Faz referência ao corpo da mulher: estética; forma de vestir-se; sensualidade; idade	18	32%

Diversidade étnica e racial	3	5,3%
Visibilizam as problemáticas sociais vivenciadas por mulheres	5	9%
Considerado coisas de mulher ou menina	4	7,1%
Mulher Heroína	2	3,5%
Profissões exercidas mulheres	Formam identificadas 13 profissões, exercida por mulheres e 18 trabalhadoras.	

Nesta primeira etapa da análise, também buscamos identificar a quantidade de mulheres e homens autores dos textos da seção *Prática de Leitura*. Chegamos aos seguintes números: total de 109 textos, sendo 55 (50,4%) de autoria de homens, 23 textos (21%), de autoria de mulheres, 01 texto (0,9%) de autoria de um homem e uma mulher e 32 textos (27,5%), sem autores/as identificados, pois são matérias jornalísticas, leis, mitos, dentre outros tipos de textos. Veja no quadro a seguir:

Quadro 24 - identificação das autorias dos textos da seção Prática de Leitura

SÉRIE	AUTORES	AUTORAS	AUTORES E AUTORAS	NÃO TEM AUTORIA DE PESSOAS (PESQUISA, REPORTAGEM...)
6º	13	08	1	06
7º	09	08	-	11
8º	15	03	-	10
9º	18	04	-	03
<b>TOTAL: 109</b>	<b>55</b>	<b>23</b>	<b>1</b>	<b>30</b>
<b>%</b>	<b>50,4%</b>	<b>21%</b>	<b>0,9%</b>	<b>27,5%</b>

Analisando a autoria dos textos dessa seção, podemos constatar uma expressiva desigualdade de gênero, que impacta fortemente as mulheres no seu reconhecimento, nesse “lugar de autoria”, até então considerado naturalmente masculino. Confirmando um lugar de mais oportunidade para os homens escritores visibilizarem seus textos. Por isso, tão importante e necessário a valorização e estímulo da escrita de mulheres e de mulheres negras, assim como seguimentos historicamente invisibilizados. Ribeiro, (2020, p. 73) afirma que Spivak concorda com Foucault no que diz respeito a pensar a existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede e invalida saberes produzidos por grupos subalternizados. Nesse aspecto, destacamos que os textos da coleção apresentam uma linguagem no masculino, apresentada como neutra, forma que não é suficiente para refletir as relações gênero constituídas na nossa sociedade. Podemos concluir que a coleção de LDLP, afirma a sua não neutralidade. Ela reforça a partir de seus textos analisados, a superioridade masculina, que silencia as mulheres e reproduz uma

visão estereotipada das mulheres na maioria dos textos que estão presentes. Para Orlandi (2007, p. 23) o silêncio fundador não significa aqui “originário”, nem o lugar do sentido absoluto. Nem tampouco que haveria no silêncio um sentido independente, autossuficiente, preexistente. Significa que o silêncio é a garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio.

Assim, reforça-se, como atribuído por Tiburi (2018, p. 58):

Na ordem do discurso patriarcal, o “homem branco” é uma figura e uma lógica ao mesmo tempo está autorizado a falar sobre todos os assuntos, a fazer o que bem entender, muitas vezes até a perversão, ao produzir e reproduzir uma visão de mundo que o favorece.

Na próxima etapa, buscamos analisar a relação de gênero na autoria dos textos indicados para leitura.

### 3.2 2ª ETAPA DE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO – SEÇÃO AMPLIANDO HORIZONTES

Prosseguindo para a segunda etapa de nossas análises, na seção *Ampliando Horizontes*, presente em toda a coleção de LDLP, trata-se de indicações de leituras aos estudantes. Deste modo, identificamos um total de 115 livros indicados, desses 68 são de autores e 47 são de autoras, ou seja, 59,1% são homens e 40,9% são mulheres.

Este novo diagnóstico mostra uma presença maior dos homens na autoria dos livros indicados para leitura, fato similar ao que identificamos na autoria dos textos da seção anterior. Mas uma vez os homens estão em vantagem nas autorias, porém, diminuiu a distância entre homens e mulheres.

O modo como temos considerado a censura e o silenciamento pode nos fazer entender melhor o mecanismo de apagamento da autoria, muito comum nos meios acadêmicos (ORLANDI, 2007, p.133). A autora complementa que, se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio signifiante: “o silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem sua significância própria” (ORLANDI, 2007, p. 23).

Tiburi (2018, p. 57) afirma ser verdade que em um contexto democrático pressupõe-se que todos podem falar. No entanto, os caminhos da fala, bem como os

da produção de discursos e os meios de comunicação, pertencem às elites econômicas, que vivem no contexto dos privilégios de raça, gênero, sexualidade, plasticidade, idade e classe social. Fora do sistema dos privilégios a expressão é contínua, digamos que ela é econômica e politicamente administrada.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi a necessidade de uma biblioteca nas escolas com condições de estimular a leitura e disponibilizar aos estudantes a possibilidade de conhecer os livros sugeridos nos LD, entre outros. A seção *Ampliando Horizontes* da Coleção de LDLP será irrelevante aos estudantes, se os mesmos não tiverem acesso aos livros. Confirmando a necessidade de uma política educacional, alinhada com uma proposta pedagógica que estruture a escola e criando possibilidades de construção de leitores. Veja a seguir o quadro resumo da seção *Ampliando Horizontes*, identificando o gênero dos autores dos textos.

Quadro 25 - Análise das Autorias dos livros na Seção *Ampliando Horizontes*

SÉRIES	AUTORES	AUTORAS
6º ano	14	16
7º ano	14	10
8º ano	10	15
9º ano	30	06
<b>TOTAL: 115</b>	<b>68</b>	<b>47</b>
<b>%</b>	<b>59%</b>	<b>40,9%</b>

### 3.3 3ª ETAPA DE ANÁLISE DAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO NA COLEÇÃO TECENDO LINGUAGENS: IREMOS AVALIAR POR SÉRIE, DO SEXTO AO NONO ANO, COMO AS MULHERES ESTÃO SENDO VISIBILIZADAS NAS IMAGENS PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO EM ESTUDO.

Chegando a etapa final de nossas análises, passamos a olhar para as imagens presentes na Coleção de LDLP. Seguimos a mesma metodologia, identificando em cada série como as mulheres são visibilizadas e dialogando com os referenciais teóricos da AD. Perceberemos que partes das imagens estão relacionadas aos textos trabalhados.



## Série: 6º ano

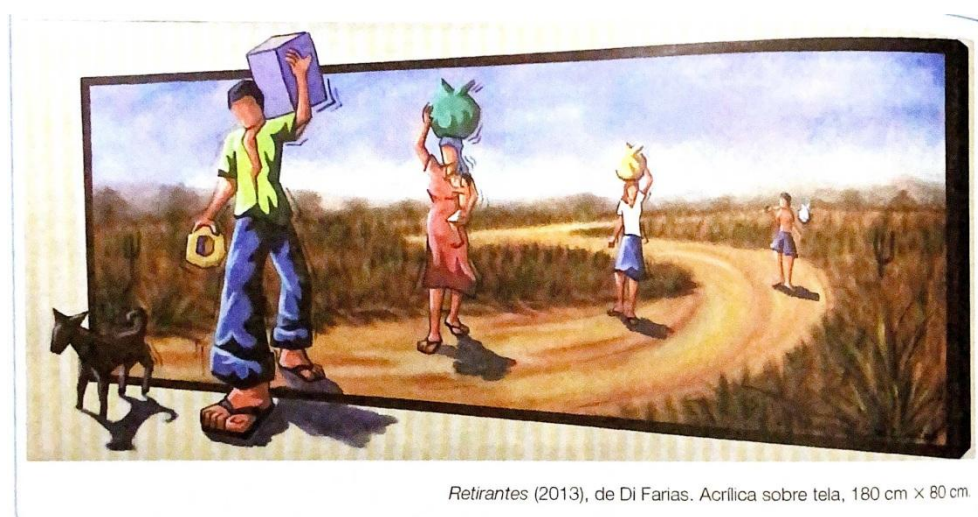
- Mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã e associada a família.

Figura 1- Página 112



Na figura 1 podemos observar uma tirinha na qual se destaca a posição sujeito-mulher, que é a mãe, pessoa responsável por cobrar a organização do quarto do filho, exercendo o papel de educar o filho e responsabilidade com o cuidado da casa. Uma posição social atribuída às mulheres. O homem aparece, mas fica em silêncio nesse aspecto, justamente por ser uma responsabilidade onde a autoridade é a mulher. Como aponta Pêcheux (1975), não podemos pensar o sujeito como origem de si. Aí se estabelece o teatro da consciência segundo o qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, pelo simbólico (ORLANDI; LAGAZZI, 2017, p.21).

Figura 2 - Página 164





Na figura 02 aparece uma família de retirantes da seca do nordeste. O homem tem uma posição de destaque sendo o primeiro da fila, exerce a papel de provedor da família, a mulher grávida, com uma criança no colo e carregando uma trouxa de roupa na cabeça é a segunda da fila. Avaliando a relação de poder, podemos constatar que o homem, exerce uma posição de superioridade em relação à mulher. Destaque para a força da mulher, que mesmo grávida, carrega outra criança no colo e ainda a trouxa de roupa. A forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais. (ORLANDI; LAGAZZI, 2017, p.20). Neste sentido a construção social e histórica da mulher não a coloca em destaque em relação ao homem. A memória discursiva reforça a posição do homem provedor.

### - Mulheres aparecem com o recorte da diversidade étnica e racial

Figura 3 - Página 103

- Pergunte a seus familiares a respeito das fotos, principalmente sobre a mais antiga. Peça-lhes também para contar a história dessas fotos e anote o relato, colocando como título "Álbum de família."
- Aproveite a oportunidade para ouvir histórias vividas por sua família. Faça perguntas sobre o ano de nascimento de seus familiares e sobre o lugar onde nasceram, como foi a infância deles, como e quando seus pais ou avós se conheceram.
- Peça-lhes que contem um fato marcante na vida deles e um grande sonho que ainda gostariam de realizar.
- Coloque toda a sua curiosidade em ação... e divirta-se com as histórias familiares!



Família de imigrantes italianos no Espírito Santo, por volta de 1888.



Família que vive em Ruanda, 2015.



Família indígena da aldeia Arayo. Mato Grosso, 2016.

Figura 4 - Página 162

*Lixo Extraordinário*. Direção: Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley. Produção: Angus Aynsley e Hank Levine. Intérprete: Vik Muniz. Londres: Almega Projects/São Paulo: O2 Filmes, 2010 (99 min).

Será possível produzir beleza com o que é retirado do lixo? O artista plástico brasileiro Vik Muniz provou ser possível ao utilizar resíduos de um lixão e interagir com as pessoas que sobreviviam catando lixo e criar obras de arte reconhecidas em todo o mundo.

O artista realizava um trabalho fotográfico sobre o lixo descartado no aterro sanitário de Gramacho, na periferia do Rio de Janeiro, quando, ao buscar objetos, deparou-se com pessoas. Isso redirecionou sua perspectiva, tirando do seu foco o lixão e convertendo os catadores de lixo em protagonistas de uma obra composta de gigantescas telas, concebidas de objetos postos de lado por não apresentarem aparente serventia.

Seu trabalho é documentado no filme *Lixo extraordinário*, indicado ao Oscar, que mostra o desespero dos trabalhadores no momento em que é anunciado o fechamento do aterro e eles são impelidos a pensar na vida fora daquele lugar. Mostra, também, como a arte transforma a consciência das pessoas sobre si e sobre o mundo.

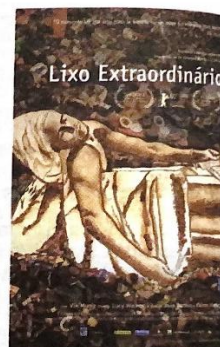


Figura 5 - Página 163



Nas figuras 03, 04 e 05, percebe-se uma visibilidade étnica racial, quer seja na figura 03, que traz imagens de tipos de famílias, como nas imagens de obras artísticas nas figuras 04 e 05, onde o artista utiliza material reciclável de um aterro sanitário, chamando atenção para a questão ambiental.

Ao ressignificar a raça, o Movimento Negro indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas

próprias vítimas (GOMES, 2017, p.21). Enquanto mulheres negras ainda buscam não serem animalizadas pela sociedade, combatendo um estereótipo de raivasas que sempre lhes persegue, mulheres brancas falam sobre a importância de não precisarem performar feminilidade (BRUM, 2020, p. 49).

Cabe aqui ressaltar que essa não existência em relação ao saber corpóreo não significa a invisibilidade total do corpo negro no discurso e na prática educacional brasileira, sobretudo na escola. Trata-se de um processo engenhoso. A não existência do corpo negro e dos seus saberes pode se fazer presente quando esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação. (GOMES, 2017, p.79).

### - Mulher visibilizada como heroína

Figura 6 - Página 25

**Nasce uma menina**

No dia em que nasci, as pessoas da nossa aldeia tiveram pena de minha mãe, e ninguém deu os parabéns a meu pai. Vim ao mundo durante a madrugada, quando a última estrela se apaga. Nós, **pachtuns**, consideramos esse um sinal **auspicioso**. Meu pai não tinha dinheiro para o hospital ou para uma **parteira**; então uma vizinha ajudou minha mãe. O primeiro bebê de meus pais foi **natimorto**, mas eu vim ao mundo chorando e dando pontapés. Nasci menina num lugar onde rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar.

Para a maioria dos pachtuns, o dia em que nasce uma menina é considerado sombrio. O primo de meu pai, Jehan Sher Khan Yousafzai, foi um dos poucos a nos visitar para celebrar meu nascimento e até mesmo nos deu uma boa soma em dinheiro. Levou uma grande árvore genealógica que remontava até meu trisavô, e que mostrava apenas as linhas de descendência masculina. Meu pai, Ziauddin, é diferente da maior parte dos homens pachtuns. Pegou a árvore e riscou uma linha a partir de seu nome, no formato de um pirulito. Ao fim da linha escreveu "Malala". O primo riu, atônito. Meu pai não se importou. Disse que olhou nos meus olhos assim que nasci e se apaixonou. Comentou com as pessoas: "Sei que há algo diferente nessa criança". Também pediu aos amigos para jogar frutas secas, doces e moedas em meu berço, algo reservado somente aos meninos.



JUSTONESHUTTERSTOCK

Malala Yousafzai.



Figura 7 - Página 27



- Agora, responda: Por que o menino se compara a Hércules e Sansão?  
Ao se comparar a Hércules e Sansão, o menino, às vezes, se considera forte como um herói.

Figura 8 - Página 45

**Identidade**

1 Às vezes nem eu mesmo  
2 sei quem sou.  
3 Às vezes sou  
4 "o meu queridinho",  
5 às vezes sou  
6 "moleque malcriado".  
7 Para mim  
8 tem vezes que eu sou rei,  
9 herói voador,  
10 caubói lutador,  
11 jogador campeão.  
12 Às vezes sou pulga,  
13 sou mosca também,  
14 que voa e se esconde  
15 de medo e vergonha.  
16 Às vezes sou Hércules,  
17 Sansão vencedor,  
18 peito de aço,  
19 goleador!

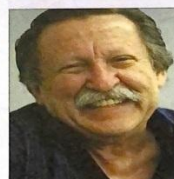
20 Mas o que importa  
21 o que pensam de mim?  
22 Eu sou quem sou,  
23 eu sou eu,  
24 sou assim,  
25 sou menino.

BRUNO BANNA

BANDEIRA, Pedro. *Cavalgando o arco-íris*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

**CONHECENDO O AUTOR****Pedro Bandeira**

Nasceu em Santos (SP), em 1942. Mudou-se para São Paulo em 1961, onde passou a escrever para revistas e jornais. Mas foi ao escrever para o público adolescente que encontrou grande sucesso, tendo publicação ao longo da carreira mais de oitenta títulos. *A droga da obediência* (1984) é uma de suas obras mais conhecidas. O escritor recebeu vários prêmios literários, como o Troféu APCA da Associação Paulista de Críticos de Arte e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.



Nas figuras 06, 07 e 08, faz referência a heróis e heroínas, guerreiros (as), é importante destacar que o livro inicia com a história de Malala, destacando a origem do seu nome, os preconceitos que sua família enfrentou por ela ter nascido menina, sua postura contrariando os valores culturais do seu país. E ainda a origem do seu nome, que foi uma homenagem a uma heroína. Em outro momento do livro em que faz referência a Hércules, um guerreiro, forte que luta com leões e também aparece Sansão lutando com um leão. O LDLP reforça as formações ideológicas atribuindo ao masculino qualidades de heróis e guerreiros.

O corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e também isto não lhe é transparente, porque as instituições como seu discurso silenciam isto. Tratando o social individualizado. O corpo do sujeito é, nas condições sócio-históricas em que vivemos, parte do corpo social tal como ele está significado na história. (E.ORLANDI, 2017, p. 93).

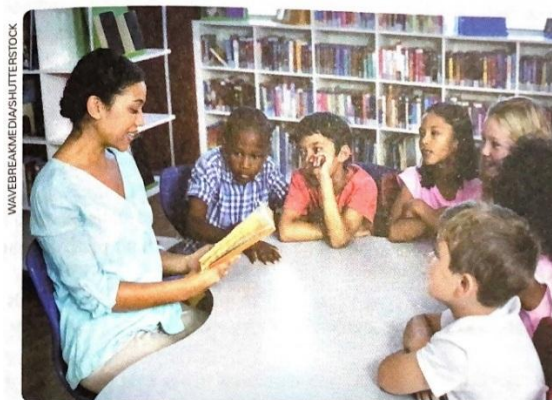
Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições, existe a relação de força. É assim que as condições de produção estão presentes os processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos. E as identidades resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia. (ORLANDI, 2020, p. 39).

### - Profissões exercidas por mulheres

Figura 9 - Página 72



Figura 10 - Página 73



Professora e alunos na biblioteca.

Figura 11 - Página 85

– Por quê?  
 – Porque é melhor não usar.  
 – E por que é melhor não usar?  
 – Porque minissaiá é muito mais bacana.  
 – Perfeito. Um voto contra. Marilena, me faz um favor, anote aí no seu caderno os votos contra. E você, Leonardo, por obséquio, anote os votos a favor, se houver. Agora quem vai responder é Inêsita.  
 – Claro que deve, professora. Lá fora a senhora usa, por que vai deixar de usar aqui dentro?  
 – Mas aqui dentro é outro lugar.  
 – É a mesma coisa. A senhora tem uma roxo-cardeal que eu vi outro dia na rua, aquela é bárbara.  
 – Um a favor. E você, Aparecida?  
 – Posso ser sincera, professora?  
 – Pode, não. Deve.  
 – Eu, se fosse a senhora, não usava.  
 – Por quê?  
 – O quadril, sabe? Fica meio **sa-lente**...  
 – Obrigada, Aparecida. Você anotou, Marilena? Agora você, Edmundo.  
 – Eu acho que Aparecida não tem razão, professora. A senhora deve ficar muito bacana de calça comprida. O seu quadril é certinho.  
 – Meu quadril não está em votação, Edmundo. A calça, sim. Você é contra ou a favor da calça?  
 – A favor 100%.  
 – Você, Peter?  
 – Pra mim tanto faz.  
 – Não tem preferência?  
 – Sei lá. Negócio de mulher eu não me meto, professora.  
 – Uma abstenção. Mônica, você fica encarregada de tomar nota dos votos iguais ao de Peter: nem contra nem a favor, antes pelo contrário.  
 Assim iam todos votando, como se escolhessem o presidente da República, tarefa que talvez, quem sabe? no futuro sejam chamados a desempenhar. Com a maior circunspeção. A vez de Rinalda:  
 – Ah, cada um na sua.  
 – Na sua, como?  
 – Eu na minha, a senhora na sua, cada um na dele, entende?  
 – Explique melhor.  
 – Negócio seguinte. Se a senhora quer vir de **pantafona**, venha. Eu quero vir de midí, de máxi, de **short**, venha. Uniforme é papo-furado.  
 – Você foi além da pergunta, Rinalda. Então é a favor?  
 – Evidente. Cada um curtindo à vontade.

Figura 12 - Página 93

**palmatórias.** Então, formou 150 jovens idealistas e as espalhou por Minas Gerais, com a missão de mudar a escola por dentro. Uma dessas jovens era a dona Glorinha, que, entre outras coisas e contra a vontade das velhas professoras do Grupo Escolar e de sua rabugenta diretora, retirou a palmatória furadinha da parede de minha classe. Só mais tarde foi que percebi a luta de dona Glorinha. Que ela venceu. Descobrindo – bem mais tarde – que sua presença em minha vida tinha sido fundamental para que não a perdesse por aí. A vida, digo. Um domingo, fiz a primeira comunhão e não ganhei santinho. Na segunda-feira, ela mandou me chamar na secretaria. “Você fez primeira comunhão ontem, não fez?” Como é, meu Deus, que uma pessoa adulta, tão importante, pôde prestar atenção num menino pardo fazendo primeira comunhão naquela catedral tão grande? (Pois minha cidadezinha tinha catedral...) Ela aí perguntou: “Você ganhou um santinho de recordação?” Não havia ganhado, não. Aí, ela abriu a gaveta, tirou um santinho lindo e escreveu uma dedicatória onde li as palavras “brilhante” e “futuro” que, na hora, não fizeram o menor sentido para mim. Somente um pouco mais tarde descobri que ela sabia tudo da minha vida, vinha me observando no meio de centenas de alunos do velho Grupo e até já havia mandado chamar meu pai pra conversar...

Engraçado, agora, remoendo essas lembranças, descubro que tive uma professora maluquinha, sim. Foi a dona Glorinha d’Ávila, tão pequeninha, tão frágil, tão bonitinha...

ZIRALDO. Sua presença em minha vida foi fundamental. Nova Escola, São Paulo: Ed. Abril, set. 1998.



Figura 13 – Página 96

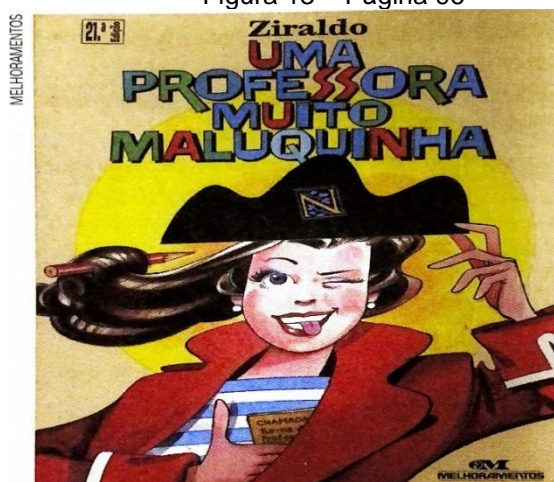


Figura 14 - Página 74

A igreja acanhadinha e velha, onde os morcegos voejavam, tinha aos meus olhos um esplendor estonteante.

A Casa da Câmara, acaçapada e pesadona, com o vasto salão onde, às vezes, se realizavam festas, parecia-me um palácio.

O que mais me encantou foi a escola.

Quando chegamos à vila, já haviam acabado as férias. Durante os quinze dias em que fiquei em casa curando-me das febres, eu via, da janela, as crianças passarem em grandes bandos, à hora em que terminavam as aulas. A vontade de ficar bom para misturar-me com aquela meninada alegre apressou a minha cura.

A escola funcionava num velho casarão de vastas salas, que devia ter mais de meio século. Quando lá entrei, no primeiro dia, levado pela mão de meu pai, senti no peito o coração bater jubilosamente.

Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já tivessem brincado comigo.

Eu, que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo na alma.

A escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia o é da noite.

Dona Janoca tinha vindo da capital, onde aprendera a ensinar crianças.

Era uma senhora de trinta e cinco anos, cheia de corpo, simpática, dessas simpatias que nos invadem o coração sem pedir licença.

Havia nas suas maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe.

A sua voz era doce, dessas vozes que nunca se alteram e que mais doces se tornam quando fazem alguma censura.

Mostrava, sem querer, um grande entusiasmo pela profissão de educadora: ensinava meninos porque isso constituía o prazer de sua vida.

Se um aluno adoecia, ela, apesar dos afazeres, encontrava tempo para lhe levar uma fruta, um biscoito, um remédio.

Vivia arranjando livros, papel e lápis nas casas comerciais para os meninos paupérrimos. Se um pai se recusava a mandar o filho à escola, corria a convencê-lo de que o pequeno nada seria na vida se não tivesse instrução.

Quando chegou da capital para dirigir o grupo escolar da vila, o prédio em que as aulas funcionavam estava em ruínas e o mobiliário, de tão velho e maltratado, já não servia para nada.

Era preciso dar àquilo um jeito de coisa decente. Mas não havia vintém.

Ela trazia, como auxiliares, as suas irmãs Rosinha e Nenén, ambas moças.

E as três deixaram o povo surpreendido: saíram de casa em casa a pedir auxílio para as obras, fizeram rifas, organizaram festas, leilões, bazares de sorte, tudo enfim que pudesse render dinheiro.

E a vila, cochilona e desacostumada a novidades, viu, com pasmo, Dona Janoca e as irmãs, de broxa e pincel nas mãos, caiando e pintando paredes.

E a velha casa, de mais de meio século, ressuscitou maravilhosamente, como os palácios surgem nos contos de fada.

Nas figuras 09, 10, 11, 12, 13 e 14, podemos observar que no livro do 6º ano, que professora é profissão que predomina, entre as profissões exercidas por mulheres, destaca-se que não há nenhuma imagem de homem exercendo a

profissão de professor. A posição-sujeito mulher está voltada para o exercício de suas atividades profissionais, em uma profissão marcada pela forte presença de mulheres.

Podemos recordar que a chegada de mulheres e crianças ao mundo do trabalho foi possível considerando que, para o capitalismo, seria força de trabalho mais desvalorizadas e conseqüentemente mais lucrativa. Outro fato importante, diz respeito às funções que as mulheres forma exercer no mundo do trabalho, que levou em consideração habilidades e saberes que as mulheres por terem competências “naturais”, estariam mais preparadas que os homens, como é o caso da profissão professora que chama atenção na coleção. Nesse sentido, é necessário considerar que as condições de produção que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam das relações um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. (ORLANDI, 2020, p.37)

### - Considerado coisas de mulher/homem ou menina/menino

Figura 15 - Página 111

**Pronome demonstrativo**


1. Leia o trecho de poema a seguir.

**Sapato de menino**

Menino,  
amarra **esse** sapato,  
senão...

Você vai acabar  
pisando  
**nesse** cordão!

RIBEIRO, Nye. *Roda de letrinhas*.  
São Paulo: Roda & Cia, 2004.



Na figura 15, o título do texto “sapato de menino” e a imagem de um menino e o texto, remetem às formações imaginárias e ideológicas materializada no texto como um “comportamento considerado masculino”, o de esquecer-se de amarrar o cordão do sapato. Nesse mesmo aspecto, não foi dito, mas podemos concluir que



somos norteados por formações imaginárias em nossa sociedade, que nos remete a concluir que da mesma forma, temos os sapatos de meninas e comportamentos atribuídos como “típico de menina”.

- Mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã e associada a família.

Figura 16 - Página 114

4

## Nossos relacionamentos


**PARA COMEÇO DE CONVERSA**

1. Com quem você mora? Quem são as pessoas que você considera parte de sua família?  
*Resposta pessoal.*
2. Descreva um de seus familiares ou uma das pessoas que cuidam de você. Podem ser seus pais ou avós, se você os conhece e convive com eles, ou outras pessoas que considera próximas.  
*Resposta pessoal.*
3. Observando a imagem ao lado, é possível perceber que na parte superior da árvore genealógica estão representados os avós maternos e paternos. Responda:
 

a) Onde estão os avós maternos?  
*No lado esquerdo da árvore.*

b) E os paternos?  
*No lado direito da árvore.*

c) Como você percebeu isso?  
*Os alunos poderão fazer essa identificação observando a ligação estabelecida pelos galhos, com o pai à direita e a mãe à esquerda.*


4. É possível notar nessa imagem uma relação entre o passado e o presente? Explique.  
*Sim, pois retrata pessoas de gerações diferentes de uma mesma família.*
5. Alguém já lhe falou sobre os costumes das famílias de antigamente? Conte o que você sabe sobre isso.  
*Resposta pessoal.*
6. Em sua opinião, os hábitos das famílias mudam com o tempo? Por quê?  
*Resposta pessoal.*
7. Você sabe qual é o significado da palavra *genealogia*? Pesquise em um dicionário e depois escreva o que entendeu por árvore genealógica. *Resposta pessoal.*

**PRÁTICA DE LEITURA**

**Texto 1 – Diário Íntimo**

Observe a página de texto a seguir.

1. Você conhece esse tipo de página? De qual suporte você acha que ela foi retirada? *Resposta pessoal.*
2. Há algum lugar onde você escreve seus segredos? O que acha do hábito de escrever os pensamentos em um lugar só seu, a que ninguém mais tenha acesso? *Resposta pessoal.*
3. Você já escreveu textos para falar de seus sentimentos? Em caso afirmativo, de que sentimentos costuma falar? *Resposta pessoal.*

Na figura 16, observa-se o homem no centro da árvore genealógica, com sua imagem ampliada em relação aos demais membros. Demonstrando uma posição de maior importância em relação aos outros membros da família, a posição de

provedor. A mulher, tanto no tamanho da imagem é menor, como está abaixo da imagem do homem. Ocupando uma posição-sujeito de inferioridade ao homem, marido, provedor.

Ao refletir sobre o silêncio, que tem como base a formulação de questões que passem pelo o “não-dito” discursivamente, para que se tornassem visíveis aspectos deste que não aparecem no tratamento linguístico ou pragmático dado a ele, também alguns aspectos da análise de discurso se tornaram mais claros. (ORLANDI, 2007 p. 15). Do posto, consideramos que as formações ideológicas, reforçam a existência de um gênero dominante, que silencia e secundariza o papel da mulher na família e na sociedade em diversos aspectos. O que foi chamado por Bourdieu (2019), de dominação masculina.

### - Imagem de homem associado a carro

Figura 17 - Página 208

la um **piazinho** estrada fora no seu **petiço** – trop, trop, trop – (este é o barulho do trote) – quando, de repente, ouviu – fufufupubum! fufufupubum chiiiiipum!

E eis que a “coisa”, até então invisível, apontou por detrás de um capão, bufando que nem touro brigão, saltando que nem pipoca, se traqueando que nem velha coroca, chiando que nem chaleira derramada e largando fumo pelas ventas como a mula sem cabeça.

“Minha Nossa Senhora!”

O **piazinho** deu meia-volta e largou numa disparada louca rumo da cidade, com os olhos do tamanho de um pires e os dentes **rilhando**, mas bem cerrados para que o coração aos **corcoveios** não lhe saltasse pela boca. É claro que o **petiço** **ganhou luz** do bicho, pois no tempo dos primeiros autos eles perdiam para qualquer **matungo**.


Chegado que foi, o **piazinho** contou a história como pôde, mal e mal e depressa, que o tempo era pouco e não dava para maiores explicações, pois já se ouvia o barulho do bicho que se aproximava.

Pois bem, minha gente: quando este apareceu na entrada da cidade, caiu aquele montão de povo em cima dele, os homens uns com porretes, outros com garruchas que nem tinham tido tempo de carregar de pólvora, outros com **boleadeiras**, mas todos de pé, porque também nem houvera tempo para montar, e as mulheres umas empunhando as suas vassouras, outras as suas pás de mexer marmelada, e os guris, de longe, se divertindo com os seus **bodoques**, cujos tiros iam acertar em cheio nas costas dos combatentes. E tudo abaixo de gritos e pragas que nem lhes posso repetir aqui.

Até que enfim houve uma pausa para respiração.

O povo se afastou, resfolegante, e abriu-se uma clareira, no meio da qual se viu o auto emborcado, amassado, quebrado, escangalhado, e não digo que morto porque as rodas ainda giravam no ar, nos últimos tranSES de uma teimosa agonia. E, quando as rodas pararam, as pobres, eis que o motorista, milagrosamente salvo, saiu penosamente engatinhando por debaixo dos escombros de seu ex-automóvel.

– **A la pucha!** – exclamou então um **guasca**, entre espantado e penalizado – o animal deu crta!



QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. São Paulo: Global, 2006.

Na figura 17, trata-se de um rapaz cavalgando em uma estrada de terra, um cenário do campo e um carro logo atrás. Importante destacar que no texto, faz o seguinte comentário: *“se traqueando que nem velha coroca”*.

*“Já em outra parte aos homens estão associado a objetos como porretes, objetos para a caça, e as mulheres seus objetos são: “suas vassouras e outras com suas pás de mexer marmelada”*.

Refletindo sobre as citações no texto podemos ver na primeira, que a mulher idosa, está sendo depreciada com a expressão *“velha coroca”*. Já na citação seguinte, os objetos associados aos homens, estão relacionados a força, e coragem para a caça. Enquanto as mulheres possuem iniciativa, mas seus objetos refletem a sua rotina dentro de casa, através das vassouras e as pás. Percebe-se nitidamente formações ideológicas, que mais uma vez prendem a mulher a esfera da vida privada.

Outra questão a ser destacada trata-se da imagem. Verifica-se uma imagem do personagem masculino cavalgando, e ainda em um cenário que aparece um carro. Olhando para o cenário, temos um personagem masculino, um cavalo e um carro no campo. Enunciados que remetem a uma liberdade desse personagem masculino e ainda sua habilidade com o cavalo.

Não devemos esquecer que, embora as noções de imaginário, real e simbólico estejam definidas como tal no campo da psicanálise, o modo como a análise de discurso vai articular essas três noções é próprio de seu campo específico. Essa especificidade está em que a articulação dessas três noções se dá, na análise de discurso, em relação à ideologia e à determinação histórica e não ao inconsciente, como é o caso da psicanálise. Isso produz certo deslocamento no modo de pensar essas noções em suas posições relativas, particularmente em relação ao que a análise de discurso trata no domínio do imaginário e dos efeitos da evidência, produzido pelos mecanismos ideológicos. (ORLANDI, 2007 p. 16)



Figura 18 – Página 201

**O defunto vivo**


Um homem dirigia um caminhão que levava um caixão de defunto para ser entregue numa cidade próxima. No caminho, um sujeito pediu carona e o motorista respondeu que ele poderia viajar na parte de trás, junto com o caixão. Foi quando começou a chover, e o caroneiro, não tendo onde se esconder da chuva, resolveu abrigar-se dentro do caixão. Com o balanço da viagem, ele acabou pegando no sono.

Ao longo do caminho o motorista encontrou mais pessoas pedindo carona, e recolheu a todas. Num momento em que a carroceria já estava apinhada de gente, o caminhão deu um solavanco ao passar por um buraco na estrada. A sacudida acordou o dorminhoco, que abriu a tampa do caixão e perguntou: "Será que já parou de chover?".

Foi um Deus nos acuda. As pessoas se jogaram do caminhão e dizem que até hoje ainda tem gente correndo...

WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995. Dr. Eco e Companhia. São Paulo: Paulus, 1996.

4. b) Uma pessoa, que pegava carona com um caminhoneiro, se aloja no caixão que estava na carroceria do veículo devido a uma chuva. No percurso, outras pessoas pedem carona e, quando o caminhão dá um solavanco ao passar por um buraco, a pessoa que estava dentro do caixão acorda, abre a tampa e provoca susto nas outras pessoas, que saem correndo, porque achavam que se tratava de um defunto vivo.



4. O texto "O defunto vivo", assim como "Dois caboclos na enfermaria", é um causo, por isso apresenta algumas características desse gênero de texto. Responda:

a) O contador se apresenta ou contextualiza o causo que vai contar? Explique.  
*Resposta pessoal. Não. O texto já é iniciado com a narração do fato.*

b) Que fato pitoresco é narrado?

c) Há alguma situação desse causo que pode provocar humor ou surpresa? Explique.  
*Resposta pessoal.*

d) Em sua opinião, essa história parece verdadeira ou fictícia? Por quê?  
*Resposta pessoal.*

e) Há no texto o uso de uma variedade linguística regional para representar o modo de falar dos personagens? Explique. *Não. O texto todo se apresenta na norma-padrão em situação de escrita da língua, sem representação da fala.*

Na figura 18, verifica-se um cenário de campo, queremos destacar que o carro aparece mais uma vez, e um personagem masculino dirigindo, reforçando as formações ideológicas, que remetem à habilidades atribuídas aos homens. Fato que é confirmado na profissão de motorista ser exercida por uma predominância do gênero masculino. Na imagem também buscou variar os gêneros e a raça. Embora com maior quantidade de homens.

**Série: 7º ano**

**- Mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã e associada a família.**

Figura 19 - Página 206

3. Leia a charge de Ivan Cabral:



- O que você vê na imagem?
- De onde foi tirada a citação da charge?
- Do que trata a charge? Qual é a crítica social que ela apresenta?
- Explique a ironia presente nesta charge.

A figura 19, temos uma charge, na qual o autor critica a falta de proteção à infância no Brasil. Citando parte do hino nacional que diz: “dos filhos deste solo é mãe gentil pátria amada Brasil”, a bandeira brasileira e uma criança chorando e gritando “manhêêê”. De outra forma o autor diz que o tratamento dado à crianças, não é compatível com um tratamento de mãe. Pois associamos ao comportamento de uma mãe com o filho, uma relação de cuidado e proteção. Relacionando com a teoria da AD, Courtine (1984) explica considerando a constituição- o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já-ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2020, p. 30, 31).

Figura 20 - Página 170



Na figura 20, uma tirinha apresenta um diálogo entre duas crianças, o menino conta para a colega da falta de energia e mostra que aquilo que poderia ser ruim, transformou-se em uma noite especial. Onde ele diz que foi a noite mais legal da sua vida. Após acender uma vela, o seu pai leu um livro para ele. Seu encantamento, pode ter sido ocasionado pelo próprio conteúdo do livro e pela atenção do pai com ele. Talvez a rotina do pai, impedisse de ter momentos como esse, e somente com a falta de energia isso foi possível, já que o pai não teria como fazer outra atividade e foi uma oportunidade desse momento entre pai e filho. Podemos relacionar esse texto com o pensamento de M. Pêcheux (1975), onde afirma que podemos distinguir duas formas de esquecimentos no discurso. [...] o da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, forma-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. [...] o outro esquecimento é o ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. (ORLANDI, 2020, p. 33).



Figura 21 - Página 243



Na figura 21, trata-se de uma história em quadrinhos, observa-se que a personagem Magali, recebe do pai a sua mesada. Na família coube ao pai fazer o pagamento da mesada da filha. Nesse sentido, percebe-se que é o pai que trabalha fora de casa, a mãe ausente na história em quadrinhos, pois seu papel social na família, está votado para os cuidados com a casa e a educação do filha. Vejamos

que a posição sujeito do pai de Magali, é uma posição de provedor da família. O que nos remete a construção da memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 2020, p. 29).

Figura 22 - Página 153



Na figura 22, temos um pai lendo um livro para os dois filhos, nessa imagem podemos observar que o homem divide com a mulher o papel social de cuidar dos filhos. A ausência da mulher na foto, pode ser associada ao exercício da sua vida profissional ou pode ser um casal divorciado, entre outros. Porém, o mais relevante é identificar que o papel social do cuidado com os filhos não está como uma responsabilidade apenas a mulher. A posição-sujeito homem, pai, mostra um comportamento de uma relação mais igualitária de gênero no que trata de cuidar dos filhos. Na ótica da AD, essas imagens atua como operadoras de memórias, pois estão retomando posições-sujeitos e uma rede de memórias e reatualizando as redefinindo-as na memória do presente. Tais imagens funciona como unidade de sentido em relação à situação. (SILVA; AZEVEDO. 2018, p.13)


Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça, apurados de acordo com o censo Escolar de 2011, há 5,5 milhões de crianças brasileiras que não possuem o nome do pai em sua certidão de nascimento. O número é expressivo, mas cresce ainda mais quando o assunto são crianças que sofrem com o abandono paterno. (BRUM, 2020, p. 104)





Figura 24 - Página 41

lá. A história é longa longa longa depois eu conto.


7 Você querido, você sabe que você é o meu melhor amigo e é a pessoa que mais me entende, é por isso que eu vou pedir a sua ajuda para resolver um grande problema. Você sempre resolve todos 


8 Você, esse meu amigo é muito muito muito pobre. Ele e a família dele estão sofrendo muito aqui em São Paulo, eles moram num lugar que você nem imagina onde é, às vezes eles não têm o que comer e às vezes passam frio. O meu amigo não está na escola. As irmãs dele (são 3) também não estão. O irmãozinho dele é um bebê. O pai e a mãe estão procurando de emprego mas eles não acham.


9 Meu irmãozinho, você precisa arrumar um trabalho para eles aí na fazenda Santa Rita. Aí tem casa, tem bastante terra para plantar, bastante animal, bastante fruta no pé. Aí faz calor. Aí não tem polícia ruim. E a mãe do irmãozinho pode ajudar a Sebastiana e as duas vão ajudar a você.

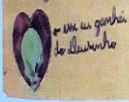
10 Espero uma resposta sua e a sua ajuda para esse nesse assunto "belaio".

11 Adoro você, verô do coração.  
Um beijo da sua netá  
Julia Branca









LACERDA, Luzia. Foi! Não foi! Foi! Rio de Janeiro: Record, 2004.

Nas figuras 23 e 24, queremos fazer um comparativo entre a relação na figura 23, entre a avó e o neto e na figura 24, a relação da neta com o avô.

Observa-se que na primeira figura, o texto mostra que a avó que saber notícia do neto, ela tem um comportamento de proteção com ele. Já na segunda figura, o texto mostra, parte de uma carta de uma neta para o avô, onde ela pede emprego para os pais de um amigo muito pobre na fazenda. Ainda reforça que o avô sempre resolve todos os problemas. Nessas relações os netos, percebe-se que na primeira situação, a construção discursiva mostra a avó voltada para proteger o neto, reforça-se o papel social atribuído a mulher, sempre voltado para o cuidado e proteção de filhos, netos, pessoas da família em geral. Já no segundo exemplo, o avô parece ter uma boa situação financeira, constatado na fala da neta, que destaca a sua capacidade na resolução de problemas, inclusive financeiro. O avô é uma figura importante da família, é o provedor.

De acordo com a AD, as formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que se empregam adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI; LAGAZZI, 2017, p. 20)

### - Profissões exercidas por mulheres

Figura 25 - Página 183





Na figura 25, a mulher é visibilizada profissionalmente como professora, na legenda da imagem, vemos a presença do interdiscurso no trecho que refere-se a leitura: “...a instalação de novos softwares em seus cérebros”. Nesse aspecto, Orlandi (2007) aponta que toda vez que se coloca o que é “já-dito” noutra formação discursiva, há um deslocamento de sentido.

### ***Apresenta autonomia das mulheres***

Figura 26 - Página 62

#### **Voluntárias brasileiras dão assistência a refugiados venezuelanos em Roraima**

Publicado em 09/03/2018 Atualizado em 12/03/2018

Na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima que abriga milhares de venezuelanos forçados a deixar seu país em busca de proteção, duas brasileiras decidiram fazer a diferença na vida de quem está vivendo em condições de extrema vulnerabilidade. Basta observar a movimentação na praça Simón Bolívar, onde centenas de pessoas estão acampadas e recebem alimentos e doações arrecadados por elas. O relato é da Agência da ONU para Refugiados (Acnur).



Em Boa Vista, Ana Luciola e outros voluntários entregam marmitas para mulheres venezuelanas em situação de vulnerabilidade.

Na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima que abriga milhares de venezuelanos forçados a deixar seu país em busca de proteção, duas brasileiras decidiram fazer a diferença na vida de quem está vivendo em condições de extrema vulnerabilidade. Basta observar a movimentação na praça Simón Bolívar, onde centenas de pessoas estão acampadas e recebem alimentos e doações arrecadados por elas.

A advogada Ana Luciola Franco, de 56 anos, e a médica Eugênia Moura, de 60, vivem na cidade e realizam trabalhos sociais desde que eram adolescentes. Já ajudaram indígenas, haitianos e outras populações vulneráveis que passaram pela capital de Roraima.

Na figura 26, a mulher voluntária, reforço do estereótipo que a mulher tem uma competência natural para o cuidado com as pessoas. As virtudes cristãs das mulheres, tais como a capacidade de cuidar e a compaixão, a compreensão e a atenção ao outro, bem como a feminilidade na forma de delicadeza, da sensualidade e da paciência, tudo isso serve como texto para ocultar o subtexto do machismo que nos informa “para que serve” uma mulher. E elas servem. (TIBURI, 2018 p. 65).

## - Mulheres aparecem com o recorte da diversidade étnica e racial

Figura 27 - Página 192

**O adivinho escolhe sua esposa entre três pretendentes**

No país dos príncipes do destino havia um adivinho de nome Orunmilá. Era um sábio culto e respeitado e tinha aprendido todas as histórias dos **odùs**, dos quais era um funcionário exemplar.

Orunmilá vivia sozinho e queria se casar, pois precisava urgentemente de uma mulher que lhe fizesse companhia.

Ele foi então apresentado a três belas pretendentes. Eram três irmãs: Riqueza, Discórdia e Paciência. Orunmilá deveria escolher uma delas para esposa. Queria tomar logo a decisão, pois precisava urgentemente de uma boa mulher que lhe fizesse companhia. Perguntou às pretendentes quais eram suas boas qualidades.

"Eu tenho tudo o que desejo ter", disse Riqueza.

"Eu tenho tudo o que os outros querem ter", falou Discórdia.

"Eu tenho tudo o que posso ter", confessou Paciência.

O primeiro impulso de Orunmilá foi casar-se com Riqueza, pois quem tem Riqueza tem tudo, pensou ele.

Quando estava para anunciar a decisão, foi procurado em sua casa por um mendigo, que dizia precisar de seus favores de adivinho. Ele recebeu o pobre homem e imediatamente o reconheceu. Era nada mais, nada menos que um grande milionário, que contou ter perdido todos os seus bens por causa de má sorte. Havia se tornado um homem desprezado e infeliz.

Depois de ter jogado búzios para o mendigo, Orunmilá resolveu rever sua escolha. A riqueza vem, mas a riqueza vai, pensou ele.


Restava escolher então entre as duas outras irmãs, Discórdia ou Paciência? Paciência ou Discórdia? Tinha que se decidir logo, pois precisava realmente da companhia de uma boa esposa.

Estava quase decidido por Discórdia, que das três era a mais popular, quando foi chamado ao palácio do rei para ser testemunha num julgamento de dois amigos seus, que, numa briga, das maiores baixezas, trocando socos e cruzando pontapés.

E quem estava lá, incentivando a briga, jogando amigo contra amigo? Discórdia.

Orunmilá voltou para casa decepcionado, mas convencido de que não ter tomado nenhuma decisão apressada tinha sido a melhor coisa. "Pois quem tem Paciência tem tudo", disse Orunmilá, e se casou com Paciência.

PRANDI, J. Reginaldo. *Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira*. v. 2. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.



Na figura 27, mulheres negras ilustram um texto de histórias da mitologia afro-brasileira.

Figura 28- Página 201

Ficaram todos em Vila Rica. O rei negro foi batizado com o nome de Francisco. Mas os outros escravos, que o respeitavam e admiravam, chamavam-no Chico Rei. **perseverante e obstinado**, o negro trabalhava nas minas, sem pausa nem descanso. A **bateia**, em suas mãos duras e fortes, agitava-se, sem cessar, como se fosse uma máquina. Os outros escravos, seus antigos guerreiros, seguiam o exemplo do rei. De modo que torrentes de pepitas de ouro jorravam das mãos daqueles trabalhadores incansáveis, enriquecendo, cada vez mais, o seu senhor.

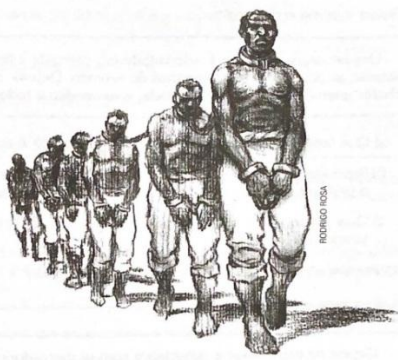
Anos e anos de trabalho e privações permitiram a Chico Rei juntar o dinheiro necessário para sua alforria e a de sua mulher.

Continuando a economizar, Chico Rei libertou seus filhos e, em seguida, os vassallos que o haviam acompanhado na escravidão. Mais tarde, conseguiu comprar um pedaço de terra na Encardideira. Quando foi revolvê-lo para a plantação, descobriu uma mina de ouro. E Chico Rei ficou rico, aumentando o grupo de escravos libertados que o seguiam e veneravam. Usando manto de veludo e coroa de ouro, Chico Rei era aclamado nas festas de Nossa Senhora do Rosário, como um verdadeiro soberano.

Em sua volta, dançavam, cantavam negros e negras, entusiasmados com o **garbo** e o luxo de seu chefe. No dia 6 de janeiro de cada ano, saía da Encardideira um cortejo monumental de negros, trajados de seda e enfeitados de ouro, como se fosse um Reino da África, bailando nas ruas de Vila Rica, em louvor da Padroeira dos Escravos. À frente, vinham Chico Rei, a rainha, suas filhas e damas de honra, todas com as **carapinhas** empoadas de ouro.

Quando terminava a festa, a rainha e suas vassalhas banhavam a cabeça na pia de pedra que há no Alto da Cruz. No fundo da pia, ficava, brilhando, todo o ouro que enfeitara os penteados das negras. Esse ouro era utilizado para libertar outros escravos. Por isso, em Minas Gerais, ninguém esquece Chico Rei, o negro soberano, generoso e heroico, que venceu o destino, conquistou a liberdade e concorreu, com o melhor do seu esforço, para a grandeza e a prosperidade da boa terra que o acolheu.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Lendas e mitos do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.



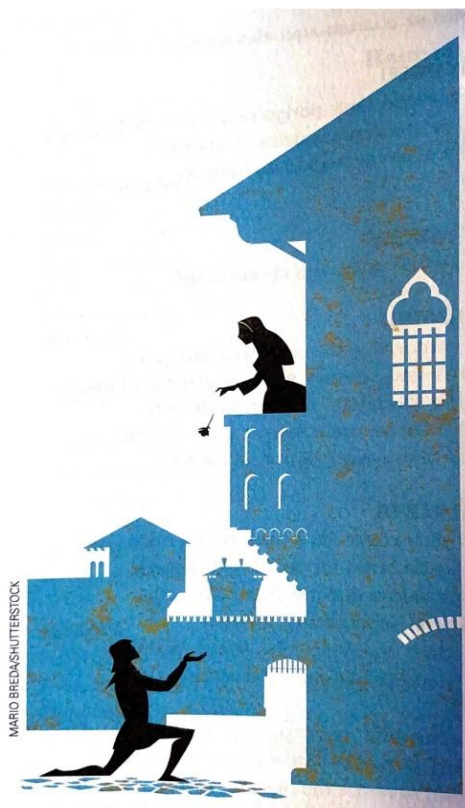
Na figura 28, tem-se trecho da história de Chico Rei. Na figura evidencia os homens negros escravizados, embora tenham mulheres participando da história, a esposa e filhas, ela não aparecem na imagem, apenas no texto. Evidencia aspecto de coragem e força.

O movimento negro trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para o cerne das discussões teóricas e epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico. (GOMES, 2017, p.17).

O corpo pode ser regulado de duas maneiras: a dominante (o corpo escravizado; o corpo estereotipado; o corpo objeto) e a dominada (o corpo cooptado pelo dominante como, p.ex., a industrialização do corpo negro a serviço do comércio capitalista, falsamente autonomizado pelo mercado; o corpo como mercadoria). Na escravidão, os corpos negros estiveram presentes, mas de forma escravizada. Nesse contexto o corpo era importante, mas como não humano, como força de trabalho e como coisa. O corpo regulado é também p copo estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal branca, eurocentrada e, no limite, miscigenada em contraposição a pele preta. (GOMES, 2017, p.96).

**- Mulher aparece associada ao casamento, namoro, amor**

Figura 29- Página 120



Na figura 29, temos Romeu e Julieta, uma relação de amor correspondido, porém, proibido com conta da briga entre suas famílias. A posição-sujeito da mulher Julieta, está em uma condição de igualdade com Romeu. Os dois expressam juras de amor. Orlandi e Lagazzi (2017, p. 23), afirmam que a materialidade dos lugares dispõe a dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializa novos/outros lugares, outras posições. Neste sentido, o tempo histórico, a cultura, as relações sociais estabelecidas, acabaram influenciando no desfecho da história de Romeu e Julieta.



- Considerado coisas de mulher/homem ou menina/menino

Figura 25 - Página 90



Entorno do futebol, sofremos diversas formações ideológicas que, fazem desse esporte um dos mais populares do país, sendo objeto de muito interesse do público masculino, no entanto as mulheres sempre estiveram nesse meio também, no entanto invisibilizadas. É crescente a participação das mulheres nos estádios como torcedoras e ainda destacando-se em campeonatos de futebol feminino profissional. Além disso, diversas mulheres vem profissionalmente ocupando funções, até então, ocupadas predominantemente por homens, como é o caso das mulheres que atuam na arbitragem. Porém, a desigualdade de gênero é grande no meio futebolístico. As formações discursivas baseiam ideologias que reforçam que futebol faz parte do universo masculino.

Na AD, essas imagens atuam como operadoras de memórias, pois mostram posições sujeitos em uma rede de memórias e reatualizando as, redefinindo as na memória do presente. Tais imagens funcionam como unidade de sentido em relação à situação. Neste sentido, iremos observar a posição-sujeito, observar a identidade



dos sujeitos com a produção de sentidos nas figuras relacionadas ao futebol, e o silenciamento das mulheres.

Através figura 30, Temos um grupo de garotos, posicionados como se fossem jogadores de um time, alguns com camisas de time e uma bola. Imagem comum nas periferias do Brasil, onde nossos meninos e jovens costumam jogar partidas de futebol, as famosas “peladas”. Uma relação de identidade, discurso e memória. Pêcheux (1969), afirma que os sentidos sempre são históricos. Esses meninos da figura 30, ocupam uma posição-sujeito de jogadores amadores, que em seus cotidianos brincam de futebol, muitos alimentam o sonho inclusive de ser jogador profissional.

Figura 26 - Página 92

### Violência e futebol

Por Francisco Djacyr Silva de Souza/Professor  
00:00 – 30/08/2017

É cada vez mais **notório** e triste o esvaziamento dos campos de futebol e os porquês são claros no momento em que vemos a violência a campear nos estádios, fora deles e nas redes sociais. É comum, agora, em qualquer derrota ou mau resultado a agressão a dirigentes, jogadores e comissão técnica de forma direta. Torcedores estão se tornando bárbaros, prontos a agredir com palavras e fisicamente qualquer integrante do espetáculo esportivo e até quem está fora dele.

Muitos parecem não temer a Justiça, a Polícia ou qualquer forma de repressão e aproveitam o momento de uma derrota do seu time para satisfazerem egos **bestiais** de ignorância plena e sem sentido. É triste ver torcedores transformarem as imediações dos estádios em campos de batalha, em guerras travadas, às vezes, até entre membros de uma mesma cor clubística. O pior de tudo é que há mentes que atribuem o esvaziamento dos campos de futebol à proibição de bebida alcoólica no interior das arenas.

O futebol, infelizmente, está perdendo os verdadeiros torcedores para doentes, pessoas que vêm transformando momentos da magia fenomenal e tão belos do esporte em palcos para agressões bestiais. Do jeito que a coisa vai, poucas serão as pessoas sérias que participarão deste belo teatro do futebol, diante dos horrores da agressão, da destruição sem piedade.

Como um jogador virá para um Estado, onde atletas podem ser agredidos de forma **vil** e traiçoeira a qualquer momento? Treinadores saíram de nosso Estado **acossados** por doentes vestidos de torcedores. Para onde vai nosso futebol? Quem vai pagar pelo esvaziamento?



SOUZA, Francisco Djacyr Silva de. Violência e futebol. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 30 ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2EWVpt>>. Acesso em: 28 set. 2018.

Figura 27 - Página 95

**CORINTHIANS 1 × PALMEIRAS 0 – 13/5/2018**

(Vinheta e jingle da Rádio Jovem Pan)

**NILSON CÉSAR (locutor):** Estamos de volta no futebol da Pan para todo o Brasil. Você estará conosco no nosso canal do YouTube, Jovem Pan Sports, [...] na AM 720 e FM 100,9, aqui na Arena Corinthians, 5ª rodada do Campeonato Brasileiro. (Propaganda.) Aqui o Corinthians vai pro aquecimento à minha esquerda. Palmeiras se aquece à minha direita. Na Arena de Itaquera, grande público chegando [...] para Corinthians e Palmeiras. Daqui a pouco vai o Corinthians; aliás, vai agora (*Hino do Corinthians ao fundo*) Corinthians de tanta história! Corinthians de tantos títulos, de tantas conquistas! Corinthians, atual campeão brasileiro! Corinthians, bicampeão paulista! Diretamente da Arena Corinthians em Itaquera, vamos lá para todo Brasil! Manda lá, André Ranieri! Manda o Coringão! Manda o Corinthians, André Ranieri!

**RANIERI (repórter de campo):** Em busca do bicampeonato brasileiro, já escalado pelo técnico Fábio Carille, que repete a mesma escalação que bateu o Vitória, no meio da semana. Pedrinho, pelo terceiro jogo seguido, será titular. Cássio completa 350 jogos. Cássio, 12; Mantuan, 2; Balbuena, 4; Henrique, camisa 3; Sidcley, 16, meio de campo; com Gabriel, 5; Maycon, camisa 8. Na frente, Pedrinho... a torcida gosta... Pedrinho 38; Jadson, capitão, camisa 10; Rodriguinho, 26. E também o artilheiro aqui da Arena, em Itaquera, Romero, camisa 11. [...] No banco de reservas, as opções, caso o técnico Carille queira mexer durante o jogo: Caique, 1; Pedro Henrique, 34; Marlon, camisa 13; Capixaba, meia dúzia; Paulo Roberto, 28; Mateus Vital, 22 [...] Marquinhos, 31; Thiaguinho, 17; Roger, agora opção no banco de reservas, 9; Emerson Sheik, 47; Dutra, 19; e o jovem Matheus Matias, camisa 29. Essa é a escalação do timão, que daqui a pouquinho tenta mais uma vitória. [...]


**NILSON CÉSAR (locutor):** Tá, portanto, o nosso André Ranieri, trazendo o Coringão pra você! (propaganda) Atenção, torcedor alviverde! De Eurico, de Alfredo, de Luís Pereira, do Zaca, do Dudu, do Ademir, do Leivinha, do César, do Nei! Palmeiras de Antônio Carlos! Palmeiras do Klebão! Palmeiras do Cafu! Palmeiras de Roberto Carlos, de Edmundo, de Evair! Meu Deus, de César Sampaio, sempre ligado no futebol da Pan! Palmeiras de tantas conquistas! Palmeiras de tantos títulos! Vamos lá, rapaz, Marcio Spimpolo! (*Hino do Palmeiras ao fundo*).



Na figura 32, posição-sujeito jogador profissional, onde existe um valor maior atribuído aos jogadores, pois existe uma estrutura que investe em busca de resultado positivo. Nesse sentido as cobranças, a relação dos jogadores com a direção do time, com os torcedores/as, com os patrocinadores exige uma posição profissional. Diante da nova posição assumida pelo sujeito, Orlandi (2001) aponta que toda vez que se coloca o que é já-dito noutra formação discursiva, há um deslocamento de sentido. A seguir, nas próximas figuras, temos os sujeitos do discurso na posição de torcedor.

Figura 28 - Página 109

**FLA-FLU**

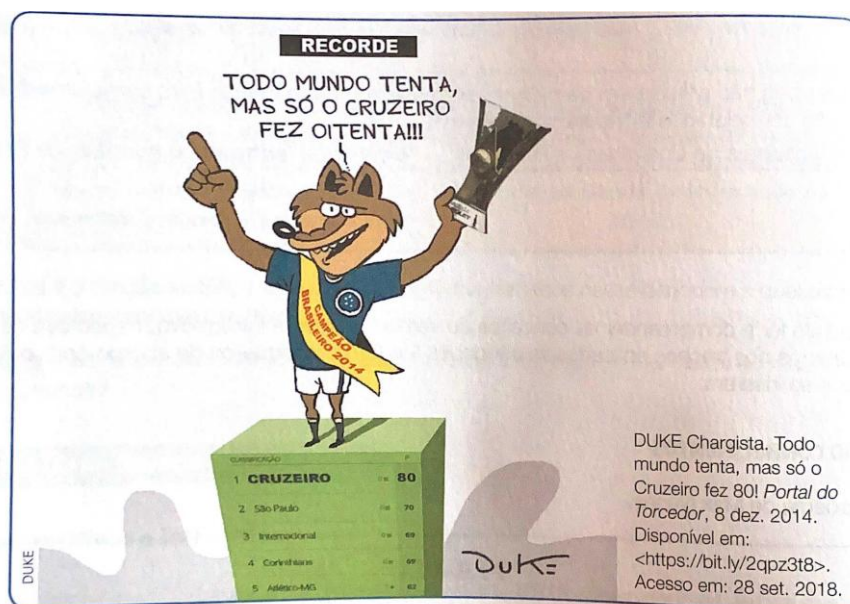
<p>Agonizava. Mas com o radinho. Junto à orelha O jogo do seu time ele escutava. Esperando E agonizando, Ele torcia E não morria.</p>	<p>Mas quando aconteceu o gol, Ele morreu feliz, Feliz morreu. E nem ficou sabendo Que o gol que ele esperava Não valeu.</p>	
---	--	---

NUNES, Max. *O pescoço da girafa*: pílulas de humor por Max Nunes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Na figura 33, posição-sujeito torcedor apaixonado, que mesmo doente, torcia pelo time, ao ponto de morrer quando aconteceu o gol do seu time.



Figura 29 - Página 116



Na figura 34, temos uma charge, onde temos a posição-sujeito torcedor, comemorando o bom desempenho do seu time.

Figura 30 - Página 111



Na figura 35, temos a posição-sujeito torcedor. Para a AD, o efeito metafórico como constitutivo do funcionamento discursivo, liga-se ao modo de se conceber a ideologia, discursivamente. Em termos de interpretação, isso não aponta para o “discurso duplo e uno”. Segundo Althusser, a leitura sintomática, falando de

ideologia, é a que revela o ir-revelado do próprio texto que lê, e o remete a um outro texto, presente no primeiro por uma ausência necessária. Essa duplicidade que faz refletir um discurso a um discurso outro para que ele faça sentido envolve a questão do equívoco. Na AD, essa duplicidade, esse equívoco é trabalhado com uma questão ideológica fundamental, pensando a relação do discurso à língua e a da ideologia ao inconsciente. (ORLANDI; LAGAZZI, 2017, p.31).

### - Profissões exercidas por mulheres

Figura 31 - Página 157



Figura 32 - Página 22

Observe atentamente as imagens a seguir.



Figura 33 - Página 35



Nas figuras 36, 37 e 38, temos ilustrações de profissões, a mulher mais uma vez sendo visibilizada profissionalmente como professora na imagem 36; na 37, como profissional da saúde. Ambas as profissões com um predomínio de mulheres. Na 38, o personagem masculino, para exercício da profissão sua imagem está associada a tecnologia.

Finalmente, se a reflexão sobre o silêncio, nos mostra a complexidade das análises de discurso, já que por ela podemos nos debruçar sobre os efeitos contraditórios da produção de sentidos na reação entre o dizer e o não-dizer, essa reflexão nos ensina também e que, embora seja preciso que já haja sentido para produzir sentidos, estes não estão nunca completamente lá (ORLANDI, 2007, p.24).



## - Consumismo

Figura 34 - Página 223



DENNY. *Black Friday*. 29 nov. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2ASkxQZ>>. Acesso em: 28 set. 2018.

Figura 35 - Página 228



Figura 36 - Página 235





Figura 37 - Página 236



ANDRÉ. Disponível em: <<https://bit.ly/2DuNKUq>>. Acesso em: 28 set. 2018.

Nas figuras 39, 40, 41 e 42, são imagens do capítulo do livro que fala sobre consumismo. Das quatro imagens, em apenas uma tem um homem demonstrando um comportamento consumista compulsivo. Na figura 39, uma bolsa feminina é o objeto de anúncio na propaganda da *black friday*. Na figura 40, trata-se de uma mulher em uma sessão de terapia, cujo enunciado é: confissões de uma consumidora compulsiva. Na figura 41, sobre o título: A tentação mora ao lado, temos a imagem de casal em uma loja. A mulher ao lado do marido, busca convencê-lo da compra de uma geladeira, é “tentada” e “tenta” o marido à comprar uma geladeira que sai água na porta. Na figura 42, o personagem masculino está associado a tecnologia para efetuar compras pela internet.

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos). As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. (ORLANDI, 2007, p. 20).



## - Personagens masculino visibilizados como herói

Figura 38 - Página 211



Figura 39 - Página 190



Nas figuras 43 e 44 temos imagens de heróis, todos personagens masculinos, demonstrando força, coragem, agilidade entre outras atitudes atribuídas ao masculino. Temos um silenciamento das mulheres na posição-sujeito heroína. Orlandi (2007,84-85) afirma que o apagamento e o desejo de completude desempenham, em conjunto, um papel fundamental no processo de constituição, um papel fundamental no processo de constituição do sujeito (e do sentido). A situação de censura, de que falamos, é uma situação-limite que torna mais visíveis as “artimanhas” do silêncio em sua relação com o sujeito da linguagem, na constituição da sua identidade. Se há um silêncio que apaga, há um silêncio que explode os limites do significar.

**Série: 8º ano**

**- Mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã e associada a família.**

Figura 40 - Página 249



Na figura 45, temos um texto em forma de imagem, de uma mãe e um filho negro lendo um livro, sentados em um gramado, trata-se de um material de uma campanha contra o consumismo infantil. A posição-sujeito da mulher reflete uma postura de cuidado, carinho e proteção com o filho, destacando o recorte racial.

A partir do ano 2000, uma politização da estética negra diferente daquela do final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX. Consumo, mercado, mídia, presença do corpo negro em espaços acadêmicos, formação de núcleos e associação de pesquisadores negros, presença de negros no governo federal, nos ministérios e secretarias especializadas acabam por trazer uma nova leitura e uma nova visão do corpo negro. [...] não podemos negar que as políticas de ações afirmativas reeducam os negros e as negras na sua relação como o corpo e também reeducam a sociedade brasileira no seu olhar sobre o corpo negro. (GOMES, 2017, p.75).

O sentido não pertence, de direito, nem ao texto nem ao sujeito que o produziu, mas é resultado da relação entre os sujeitos históricos que o produziu, mas é resultado da relação entre os sujeitos históricos envolvido em sua produção/interpretação. (INDURSKY, 2017, p. 77).

Figura 41 - Página 254

ZIRALDO. *O Menino Maluquinho: as melhores tiras*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

Na figura 46, temos uma tirinha do Menino Maluquinho e sua mãe. O personagem utiliza da interdiscursividade para acrescentar itens na lista de compras do supermercado. Faz referência ao congresso, onde deputados e senadores fazem emendas nos projetos de lei.

O interdiscurso determina a formação discursiva, “ele é constitutivo de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer”. (ORLANDI; LAGAZZI, 2017, p.20).

Figura 42 - Página 179






Na figura 47, a mãe demonstra surpresa diante da reação do filho, o pai age com naturalidade, ao choro desesperado do filho por não ter a senha do *wi-fi* da escola. Na construção discursiva, a mãe assume seu papel de protetora.

Figura 43 - Página 53

**Bronquinhos e protestos em família**

- Para de ficar horas pendurada nesse telefone! Dá uma chance para os outros!
- Dá para diminuir o som?
- Na sua idade eu era estudioso, disciplinado, bem-educado e nunca levantava a voz com o meu pai...
- Você ainda não tem idade para isso!
- Desta vez você passou dos limites!
- Chega de invadir todos os espaços com suas coisas! A casa não é só sua!
- Para de bisbilhotar minhas coisas!
- Toda hora estão mandando eu fazer alguma coisa. Não tenho um minuto de sossego.
- Ele nunca escuta o que eu falo, está sempre lendo o jornal.
- Toda vez que eu quero sair vocês fazem mil perguntas... não vejo a hora de ser independente!
- Você quis o gato e agora quer que eu cuide dele!
- Mãe, você vive prometendo... mas cumprir que é bom...
- Juro que eu sei que as notas são ruins... mas não quero ouvir tudo de novo!



RENATO ARLEM

IACOCCA, Liliana; IACOCCA, Michele. *O livro do adolescente*. São Paulo: Ática, 2005.

Figura 44 - Página 147



CABRAL, Ivan. Educação contingenciada. *Sorriso Pensante*, 9 jun. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2zj1aiP>>. Acesso em: 29 set. 2018.

Nas figuras 48 e 49, temos dois pais bravos exercendo o papel de pai, porém com pouca paciência com os filhos. Comportamento autorizado aos homens na educação dos filhos. Não precisam ter muita paciência, diferente do comportamento esperado das mães. Na figura 49, remete também a presença do interdiscurso. Sutilmente ironizando, atribuindo suas notas baixas o contingenciamento, vivenciado constantemente nos recursos da educação.

Na relação de forças, podemos dizer que o lugar a partir do qual o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. “Como nossa sociedade é constituída por elações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”” (ORLANDI, 2020, p. 37). Da mesma forma podemos considerar o lugar de fala que a posição-sujeito pai ocupa está legitimada e exerce uma relação de poder sobre os filhos.

Figura 45 - Página 235 família





Na figura 50, temos um cartaz de uma campanha de combate à pobreza organizado por uma ONG (Organização Não governamental), onde uma família demonstra pedido de ajuda. O cartaz chama a atenção para invisibilidade dos problemas sociais enfrentado por famílias pobres que são invisibilizados. Para Orlandi, (2007, p.85), é a hipótese do silêncio fundador que faz com que “não-dizer” tenha um sentido. A construção imagético-discursiva de uma mulher que está ali ao lado do marido no momento de dificuldade.

### - Mulheres aparecem com o recorte da diversidade étnica e racial

Figura 46 - Página 104



E o banquete que foi preparado e comido nunca mais seria esquecido por ninguém do lugar. Os príncipes comeram até se fartar, comeram bem como nunca tinham comido antes.

Terminada a comilança, os odus despediram-se do irmão e prometeram voltar outras vezes, pois comida deliciosa e farta como aquela não havia.

De barriga cheia como estavam então, não deram conta de levar suas desprezíveis abóboras e as largaram todas abandonadas no quintal de Obará.

Os príncipes partiram e Obará ficou sozinho. Sua mulher limpando os restos da principesca comilança, as abóboras abandonadas abarrotando o quintal, os credores já ameaçando bater à sua porta.

Quando no dia seguinte todos os mercadores do lugar se recusaram a vender fiado a Obará o que quer que fosse antes que ele pagasse o que devia, faltou de novo comida na mesa de Obará.

Conformado, ele disse à mulher: “Vamos comer abóbora”.

Foi até o quintal onde os príncipes abandonaram as abóboras e com a faca partiu uma que lhe parecia bem madura.

A abóbora estava recheada de pepitas de ouro!

Obará, boquiaberto, abriu a segunda abóbora: no lugar das sementes, diamantes, enormes. A outra trazia pérolas e a seguinte, esmeraldas. Obará estava enlouquecido.

Ele gritava, dançava, gargalhava, abraçava a mulher e ia abrindo as abóboras.

Foi assim que Obará se transformou no mais rico dos príncipes do destino, e ele gosta muito de contar essa sua história.

Foi assim que Obará se transformou no mais respeitado, invejado e querido de todos os videntes de sua terra, o mais desejado de todos os padrinhos.

Todos os pais e mães querem que seus filhos tenham Obará para seu odu. Nunca mais ele foi chamado de Príncipe Infeliz.

Pois o odu Obará é o odu da riqueza inesperada.

Suas histórias agora falam também de prosperidade, de muito dinheiro e bem-estar material, contam de ganhos, conquistas, vitórias e finais felizes.

Mas para alcançar tamanho sucesso, além da proteção do padrinho Obará, é preciso ter o coração bom (ou, como dizem alguns, ter o juízo um pouco mole), como tem Obará.

Foi o próprio Obará que, com muita alegria, contou essa história na segunda reunião com Ifá, tendo sido ajudado pelo príncipe Ejicôc, que enfatizava as passagens mais interessantes. Seus irmãos permaneciam quietos e cabisbaixos enquanto Obará se divertia com a narrativa.

Mas ao final, quando o banquete foi servido, um grande contentamento voltou a tomar conta de todos na casa celeste de Ifá.

PRANDI, Reginaldo. *Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira*. São Paulo: Cosac Naif, 2001.

Na figura 51, temos um texto de uma história da cultura afro-brasileira, desenho de pessoas negras, com roupas e adereços da cultura afro-brasileira. O corpo emancipado, “a dança como expressão e libertação do corpo. A arte como

forma de expressão do corpo negro. Os cabelos crespos, os penteados afros, as roupas e formas de vestir que transmitem uma ancestralidade africana”, que foi “recriada e ressignificada no Brasil” (GOMES, 2017, p.97).

A regulação não deixou de existir após a abolição da escravatura, mas assumiu contornos diferentes junto como os processos de regulação capitalista e, nos dias atuais, com aqueles gerados pela globalização neoliberal. (GOMES, 2017, p.97).

Figura 47 - Página 109

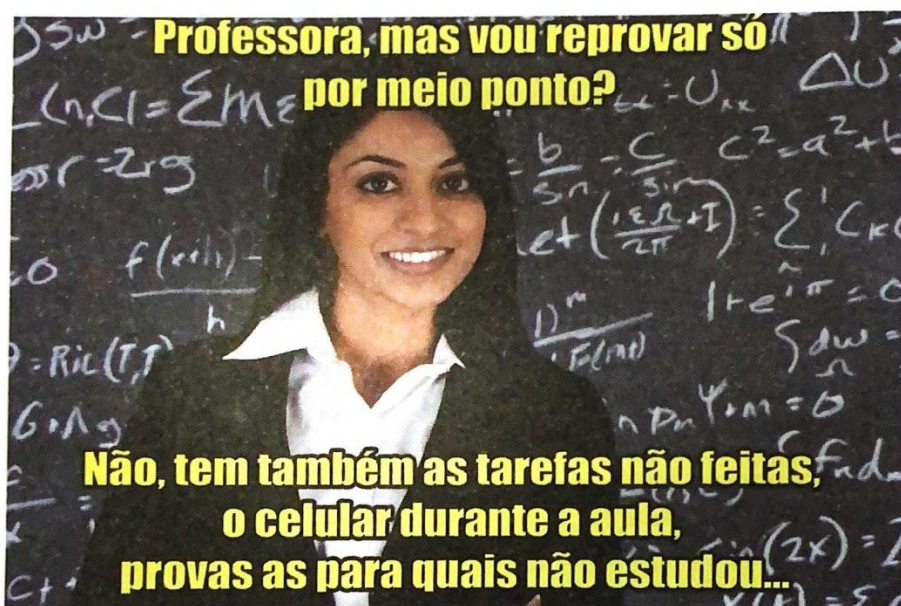




Nas figuras 50 e 51, tem-se ilustrações da diversidade étnica e racial. Na figura 50, temos desenho de pessoas negras com roupas da cultura afro-brasileira ilustrando um texto de história da mitologia afro-brasileira. Na figura 51, tem-se um trecho de uma lenda. Temos a partir da figura 51, o único momento de visibilidade da cultura indígena na coleção. A percebe-se a presença de formações ideológicas que visibilizam questões étnicas raciais, refletidas na FD.

### - Profissões exercidas por mulheres

Figura 48 - Página 172



Na figura 53, a mulher aparece novamente como professora. Orlandi (2007, p. 97), afirma que a forma-sujeito, isto é, o sujeito tal como é definido historicamente no imaginário da sociedade, e a forma-do-sentido, considerando que os dois são determinados historicamente em seus processos de constituição e funcionamento.



- Linguagem masculina como neutra.

Figura 49 - Página 174



Na figura 54, trata-se de um cartaz de uma campanha de inclusão do ministério público, porém, não tem uma linguagem inclusiva de gênero. Assim como em todo o texto, o masculino é apresentado como neutro, capaz de representar toda diversidade de identidade social.

Pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. (ORLANDI, 2020, p. 39). Além desse aspecto, a autora destaca escrever é uma reação particular com o silêncio. A escrita permite o distanciamento da vida cotidiana, a suspensão dos acontecimentos. Ela permite que se signifique em silêncio, "É um modo de reação ao automatismo do cotidiano marcado pela censura".

## - Considerado coisas de mulher/homem ou menina/menino

Figura 50 - Página 213

**FOLHA DE S. PAULO**  
DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO      SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 2018      EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01:01 • R\$ 4,00

## Potência

França ganha o bi mundial, consagra geração jovem e se firma entre as grandes seleções



Kylian Mbappé, 19, jogador mais novo a marcar numa final desde Pelé em 1958 e eleito o melhor jovem da Copa, festeja sob chuva na Rússia. Imagem: Getty Images

**copa 2018**

Na final de Copa com mais gols desde 1966, a França derrotou a Croácia por 4 a 2 e se consagrou entre as grandes forças do futebol. Bicampeão, o país igualou-se a Argentina e Uruguai. Com 12 conquistas, a Europa ampliou a vantagem sobre a América do Sul, que soma 9 taças. Foi a vitória de uma copalpe jovem — com média de 26 anos, era a segunda mais nova da Copa. Mbappé, Griezman e Pogba foram os destaques da seleção campeã. A Fifa deu ao croata Luka Modrić o prêmio de melhor jogador da competição. Mas a novidade do Mundial, o VAR (árbitro de vídeo) teve protagonismo na final, ajudando a marcar um pênalti para a França. O jogo teve ainda lances de campo do grupo park Fussy Kick, em protesto contra o presidente russo, Vladimir Putin. **Copa 2018**



O presidente francês, Emmanuel Macron, comemora no estádio Lujniki, em Moscou

## Mortalidade infantil tem 1º aumento desde 1990

Houve piora de 5% no cômputo mais recente; retrocesso está ligado a zika e crise econômica, segundo governo



Brasil contabilizou em 2016 o primeiro aumento da taxa de mortalidade infantil desde 1990, segundo dados do Ministério da Saúde. Houve 14 mortes de crianças a cada mil nascimentos, alta próxima de 5% sobre o ano anterior. Entre as causas para o retrocesso, na avaliação da pasta, estão a epidemia do vírus da zika e o recessão econômica. A primeira, por causa queda de rumos e mais mortes por malária e outras doenças. A segunda estaria ligada a doenças evitáveis, causadas por diarréias e pruridos, que sofrem influência da perda de renda. Desde os anos 1990, a taxa vinha caindo em média 4,9% ao ano. **cadastre-se**

**EDITORIAIS A2**

**Corda esticada**  
Acerca de estratégia eleitoral PT em estado de Lula.

**Tenado elétrico**  
Sobre obstáculos à privatização no setor de energia.

**ATMOSFERA B2**

São Paulo hoje



29° / 14°

Amazônia: 27° / 14°    Nordeste: 28° / 16°    Sudeste: 28° / 16°

ANO 88 - Nº 32.613  
CIRCULAÇÃO: 304.818 (Impressões e digitais)  
ABONAMENTOS: 28.349.179 (estipulados em reais/ano)

**ENTREVISTA DA 2ª**  
**Mike Godwin**  
**Comparação com Hitler não deve ser feita levemente**  
Criador da lei de Godwin, segundo a qual longas debates desdobram em citações ao nazismo, critica paralelo feito levemente. Mas diz que ela não impede comparações envolvendo Donald Trump. **42**

Primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*, de 16 de julho de 2018. A imagem da parte inferior da página foi descaracterizada por veicular um anúncio comercial.

Na figura 55, tem-se uma capa do jornal *Folha de São Paulo*, com a imagem em destaque de três jogadores de futebol, um deles beijando a taça da copa, comemorando a vitória. As formações ideológicas acerca do “mundo do futebol”, produz efeitos de completudes. Orlandi (2007, p.96) afirma que a ideologia produz efeitos de “evidencia”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como “natural”.



## Série: 9º ano

### - Mulheres aparecem como: Mãe/avó/tia/irmã e associada a família.

Figura 51 - Página 93


evidente hoje. Então, para evitar informações distorcidas, a melhor maneira é ensinar em um espaço de aprendizagem, não só disciplinar, mas para a vida.

A melhor solução para esse dilema é o trabalho em equipe, ou seja, pais e escola unidos na educação sexual das crianças e adolescentes. O que não pode ocorrer é a inversão de valores de uma família no campo escolar, pois assim a escola estaria invadindo um espaço que não é seu. Desse modo, ficaria para a escola o papel de ensinar as crianças e adolescentes sobre o papel da sexualidade [...], ensinando métodos preventivos contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Já para a família, caberia a transmissão dos valores, o que varia de uma para a outra, para a criança ou adolescente.

O problema que ocorre nessa pós-modernidade é que, com os adultos superenvolvidos no trabalho a maior parte do tempo, a escola que antes só possuía o papel de ensinar, passou a ter o papel de educar também. Talvez seja nisso que muitos pais se confundem e acreditam que a escola deve transmitir tudo para seus filhos, inclusive valores e princípios. Porém, muitos desses mesmos pais não apoiam a educação sexual nas escolas, o que é muito contraditório. A educação sexual precisa ser passada nas escolas, com acompanhamento dos pais, pois estes podem passar informações corretas acerca do assunto, uma vez que o fácil acesso a informação é algo evidente hoje. Então, para evitar informações distorcidas, a melhor maneira é ensinar em um espaço de aprendizagem, não só disciplinar, mas para a vida.

Aceitar esse tipo de ensino escolar é um passo para desmistificar um pouco esse assunto que gera tantos calafrios. É contribuir para que a sexualidade não seja mais algo banalizado e ridicularizado, como ocorre muitas vezes, principalmente entre adolescentes desinformados. É contribuir para a formação de adultos mais sensibilizados ao toque, ao amor, as relações íntimas, fazendo de cada momento algo especial, valorizando a si mesmo e as pessoas com quem irá se envolver ao longo da vida.

REITZ, Joice. Quem deve falar sobre sexualidade com os filhos: pais ou escolar? (En)Cena, 29 abr. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2Awtrnyu>>. Acesso: 27 set. 2018.



Na figura 56, temos um texto que acompanha uma figura que parece ser de uma família na escola. Onde o texto destaca a necessidade da união da família e da escola na orientação das crianças sobre sexualidade. Se uma dessas características livra o silêncio do sentido “passivo” e “negativo” que lhe foi atribuído nas formas sociais da nossa cultura, a outra liga o não-dizer à história e à ideologia. (ORLANDI, 2007, p. 12)

Figura 52 - Página 124



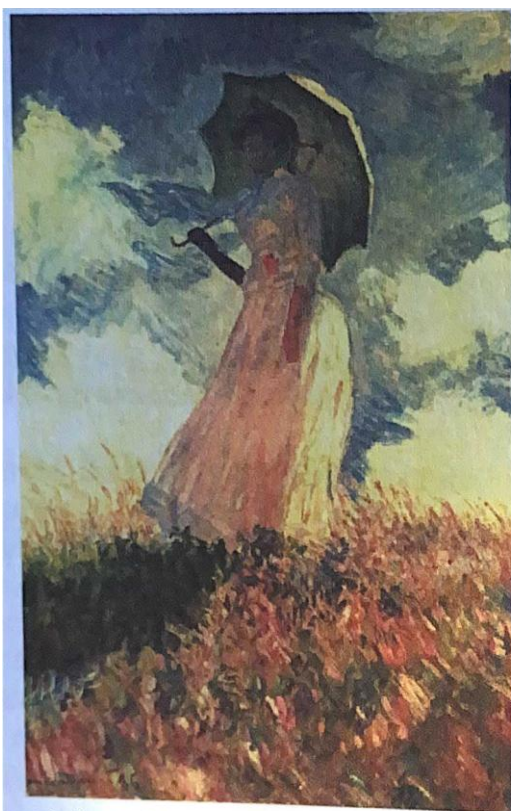
ARIONAURO. Violência nas escolas. Arionauro Cartuns, 8 abr. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2KHjOFI>>. Acesso em: 29 set. 2018.

Na figura 57, temos a imagem de uma mãe levando a filha para a escola, porém, com um colete a prova de balas, mostrando a necessidade de proteção diante da violência.

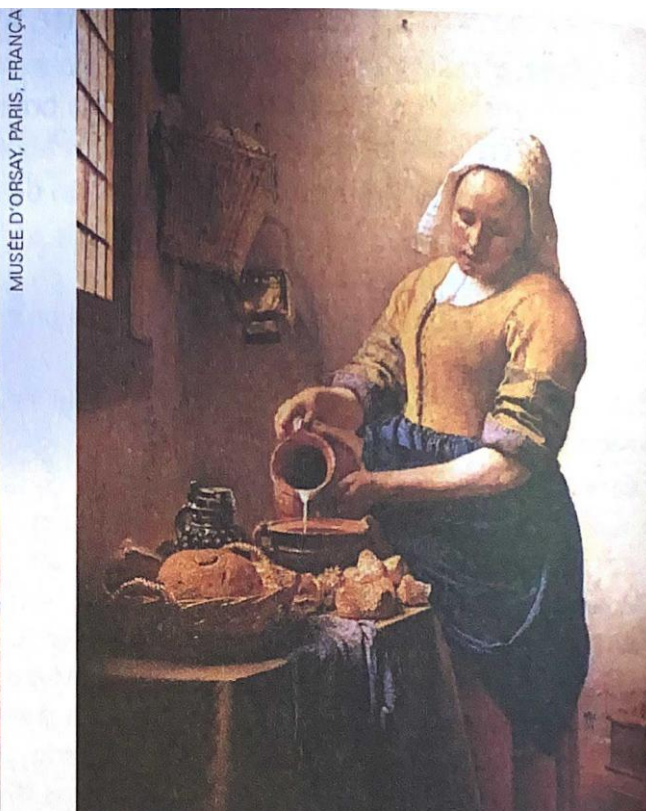
Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. “São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer como sua exterioridade, suas **condições de produção**”. Esses sentidos têm a ver com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2020, p. 28, grifo da autora).

### - Comportamento de mulher

Figura 53 - Página 56



*Mulher olhando para a esquerda* (1886), de Claude Monet. Óleo sobre tela, 131 cm x 88 cm.



*A leiteira* (1657-8), de Johannes Vermeer. Óleo sobre tela, 45,5 cm x 41cm.



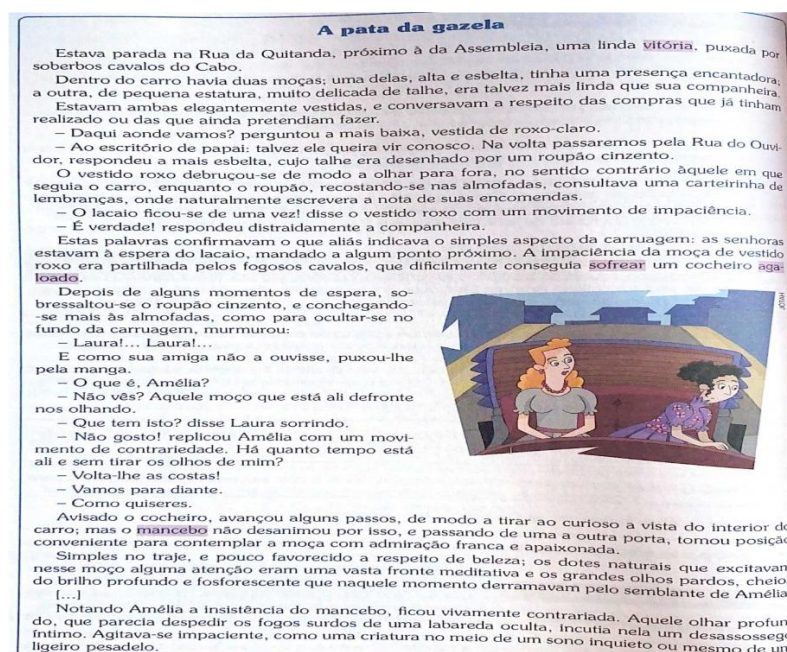
Na figura 58, temos duas telas, onde a mulher é retratada pelo artista com um aspecto suave e serena, remetendo a “doçura da mulher”, uma construção ideológica, visibilizada através da arte.

Figura 54 - Página 15



Na figura 59, chama atenção as mulheres que aparecem cochichando na calçada, enquanto homens passam. Demonstrando uma reação surpresa. Se observarmos a imagem das mulheres, suas expressões remetem as formações ideológicas que atribuem as mulheres o estereótipo de “fofoqueiras”.

Figura 55 - Página 50



Na figura 60 destacamos alguns aspectos do texto e da imagem. Trata-se de duas mulheres jovens, brancas, em uma carruagem, com vestidos de época. Remete a uma realeza, destaca-se no texto, aspectos estéticos e comportamentos das mulheres como: magra, alta, beleza, delicadeza, entre outros.

Essa possibilidade de movimento, de deslocamento de palavras em presença e ausência, leva-nos a fazer um paralelo que mostra ao mesmo tempo uma relação fundamental entre a linguagem e o tempo (ORLANDI, 2007, p.25).

Figura 56 - Página 27



ECA em tirinhas para crianças. Câmara dos Deputados. Secretaria de Comunicação Social – Plenarinho. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2vIDeIL>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Na figura 61, retrata desenhos tratando da proteção à infância nas três imagens, as mulheres estão com destaque, mostrando que as mulheres são importantes para garantir a proteção das crianças, e ainda são amorosas, que seja na família, como mãe, ou trabalhando na educação ou na saúde. Imagem que reforçam a produção do efeito de sentido de docilidade. Na AD, o interdiscurso é acionado nessa relação constitutiva na historicidade, pois essa imagem significa ao enunciar, inscrevendo-se numa memória.



Figura 57 - Página 35



Na figura 62, temos quatro imagens, dois jovens escalando montanha, uma mulher agricultora, na outra imagem várias pessoas carregando um cadeirante e por último uma moça e uma mulher cadeirante conversam com um livro na mão. Destaque para o fato das mulheres estarem associadas ao trabalho no campo e a conversa com a cadeirante, parecendo ser uma cuidadora, e os homens, estarem associados ao esporte e a um evento com um público predominantemente masculino no caso do rapaz cadeirante.

Formações imaginárias – posição-sujeito mulher em uma imagem voltada para o trabalho no campo e na outra fazendo companhia para uma senhora cadeirante.

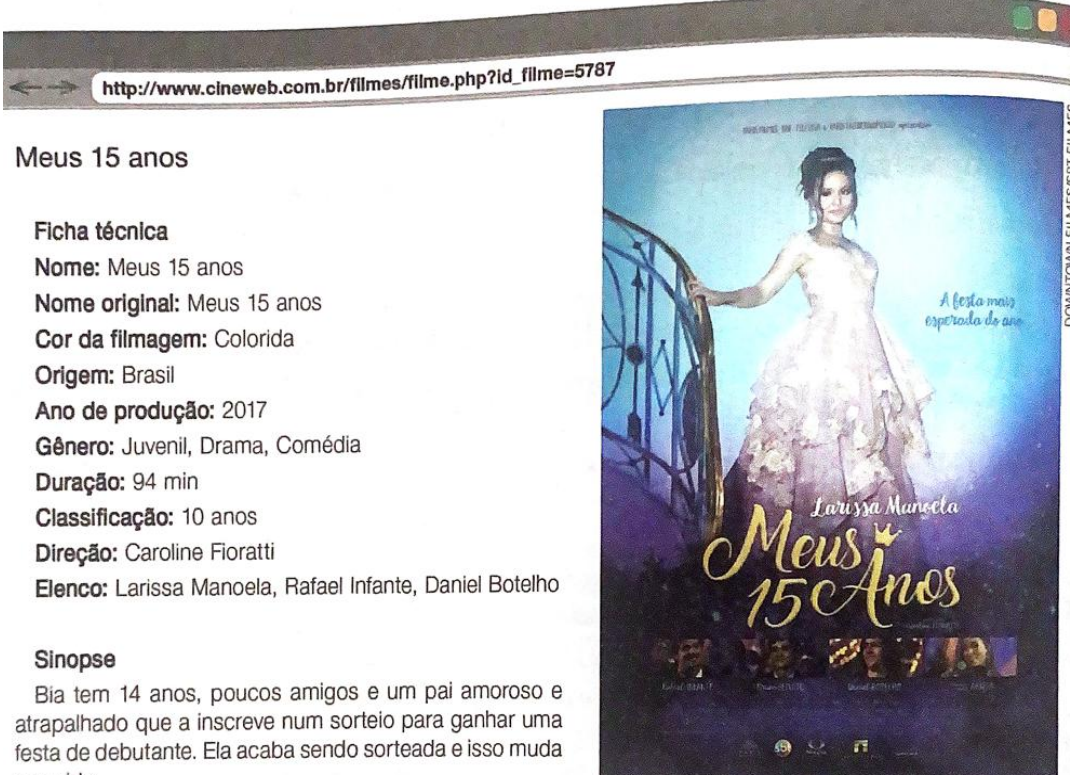
O funcionamento da língua em relação a si própria, enquanto realidade reativamente autônoma; e é preciso, por conseguinte, reservar a expressão



processo discursivo (processo de produção do discurso) não funcionamento da base linguística em relação a representações postassem jogo nas relações sociais. Isso permite compreender porque formações ideológicas muito diversas podem se construir sobre uma única base (PÊCHEUX, 2015, p. 128)

### - Considerado coisas de mulher/homem ou menina/menino

Figura 58 - Página 110



**Meus 15 anos**

**Ficha técnica**

**Nome:** Meus 15 anos  
**Nome original:** Meus 15 anos  
**Cor da filmagem:** Colorida  
**Origem:** Brasil  
**Ano de produção:** 2017  
**Gênero:** Juvenil, Drama, Comédia  
**Duração:** 94 min  
**Classificação:** 10 anos  
**Direção:** Caroline Fioratti  
**Elenco:** Larissa Manoela, Rafael Infante, Daniel Botelho

**Sinopse**

Bia tem 14 anos, poucos amigos e um pai amoroso e atrapalhado que a inscreve num sorteio para ganhar uma festa de debutante. Ela acaba sendo sorteada e isso muda sua vida.

Cartaz do filme *Meus 15 anos* (2017).

CINEWEB. Disponível em: <<https://bit.ly/2r30Ks8>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

Na figura 63, trata-se de um filme *Meus 15 anos*, com Larissa Manoela, uma construção ideológica que se constituiu entorno da vida das meninas. Uma festa realizada apenas para as meninas, efeito dos contos de fadas, o desejo de ser princesa revelado em muitas fases da vida das mulheres.

Brandão (2012, p.42), traz os embasamentos teóricos de Pêcheux, para afirmar que a constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, vai construir uma tríade básica nas formulações teórica da AD.

Figura 59 - Página 116



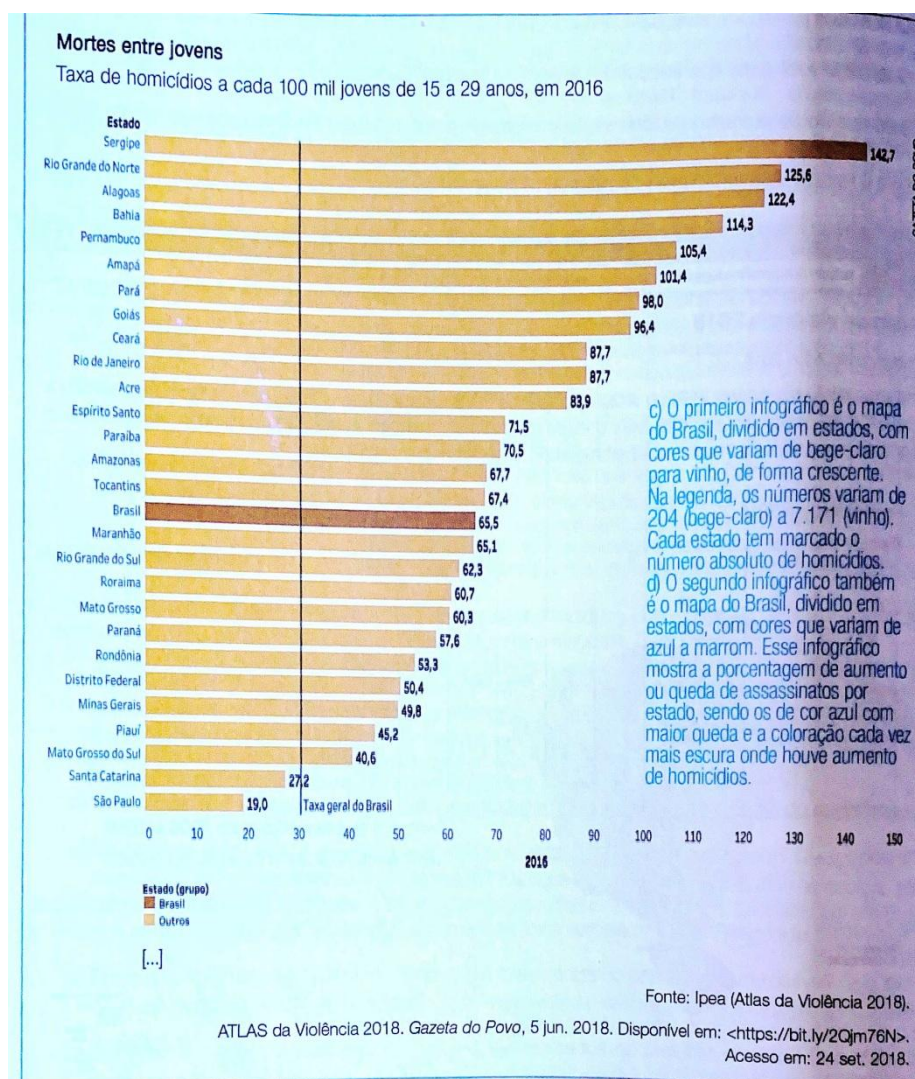
Na figura 64, temos a imagem de um casal estressado, pois a mulher deseja assistir novela e o homem futebol. Aí resolvem comprar uma televisão. Na sequência reinicia a discussão pois os dois querem assistir sua programação no quarto e ninguém que assistir na sala.

A tirinha, reforça o esteriótipo que as mulheres gostam de novela e os homens de futebol. O mais interessando a associação da mulher a novela e o homem ao futebol.

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2020, p. 28,29).

**-Visibilizam as problemáticas sociais vivenciadas na sociedade**

Figura 60 - Página 136

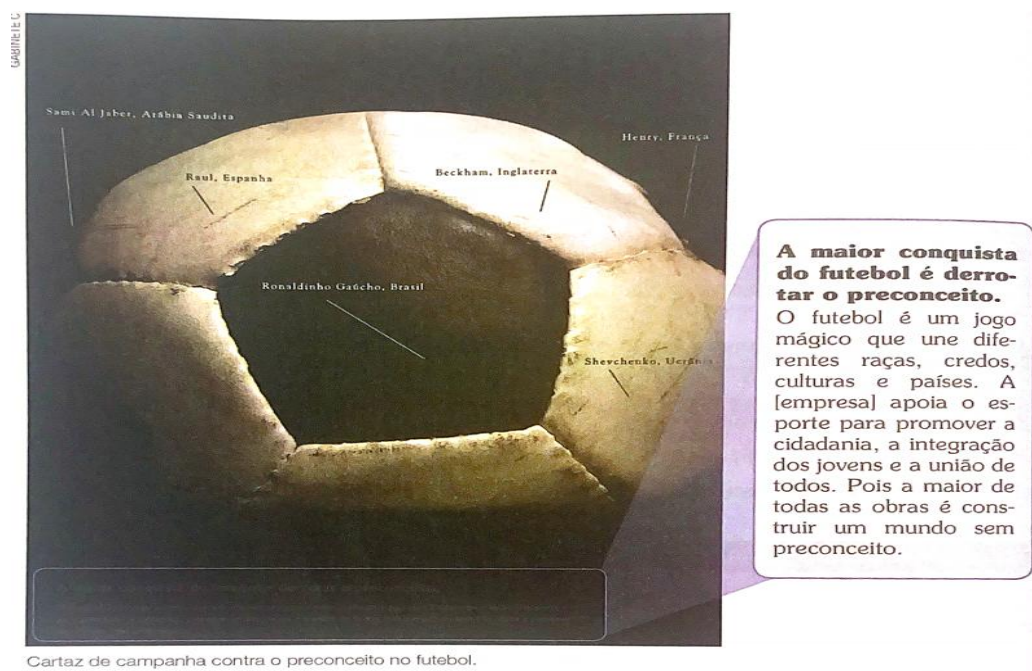


Na figura 65, destaque para a pesquisa de violência vivenciada pela juventude. Uma problemática social, com o foco na juventude, não evidenciando o recorte de gênero e nem racial, dois recortes que são fundamentais para compreender que alguns grupos estão mais marcados pela violência e ao mesmo tempo foram silenciados no texto.

Vale destacar que partir do advento das ações afirmativas configurou-se um outro perfil de juventude negra que se afirma por meio da estética e da ocupação de lugares acadêmicos e sociais. Juventude essa, em sua maioria periférica, que aprendeu a ter orgulho de ser negro e da periferia, numa postura afirmativa e realista. (GOMES, 2017, p.75).



Figura 61 - Página 170



**A maior conquista do futebol é derrotar o preconceito.**

O futebol é um jogo mágico que une diferentes raças, credos, culturas e países. A [empresa] apoia o esporte para promover a cidadania, a integração dos jovens e a união de todos. Pois a maior de todas as obras é construir um mundo sem preconceito.

Na figura 66, temos um cartaz de uma campanha contra o preconceito no futebol. Um posicionamento que vem sendo evidenciado em virtude de diversas denúncias de racismo no futebol, porém no texto é tratado do preconceito em geral. A palavra racismo não aparece. Ao olhar a imagem, percebe-se uma construção imagética-discursiva que nos remete a uma campanha contra o racismo, porém essa palavra foi censurada.

Os saberes estéticos-corpóreos, sendo os mais visíveis do ponto de vista da relação do sujeito negro como o mundo, contraditoriamente podem ser mais facilmente transformados em não existência no contexto do racismo brasileiro e do mito da democracia racial, os quais são capazes de transformar as diferenças inscritas na cultura negra em exotismo, hibridismo, negação; ou seja, em formas peculiares de não existência do corpo negro no contexto brasileiro. Estas formas atingem o imaginário da sociedade brasileira como um todo (inclusive os próprios negros), e dessa forma afetam o discurso e a prática pedagógica, desde os manuais didáticos até a relação pedagógica na sala de aula e com o conhecimento (GOMES, 2017, p.78).

Figura 62 - Página 171

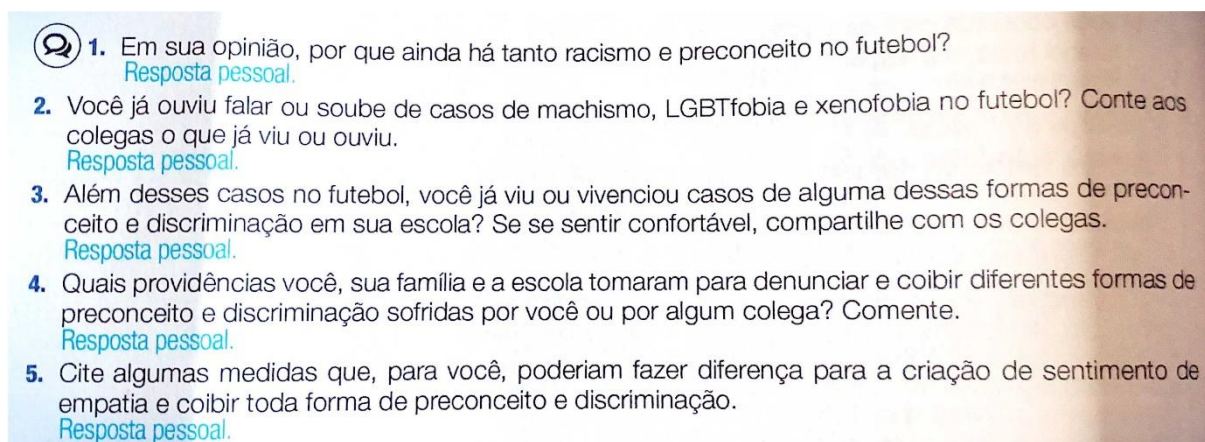


Na figura 67, trata-se de uma campanha de combate ao assédio contra as mulheres nos estádios. Utilizando-se do interdiscurso para se comunicar. Uma linguagem mais simples e direta para dizer que não pode assediar as mulheres nos estádios.

O corpo seria um dispositivo como objeto de percepção e lugar de inscrição do sujeito. Um corpo que fala e também, um corpo que falta, onde percebemos a relação da noção de real do corpo, ao lado do real da língua e do real do sujeito. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo seria o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste. (CAVALCANTI; AZEVEDO, 2020, p. 04)

O corpo é feito de linguagem. O corpo discursivo “se constrói pelo discurso, configura em torno de limites e se submete a falta. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (LEANDRO FERREIRA, 2013, p. 78).

Figura 63 - Página 172



Na figura 68, é o primeiro e único momento que é mencionado violência contra a população LGBTQIA+, diferentemente das questões raciais percebemos durante toda a coleção de livros, as vezes estereotipada, outras vezes não. Quer seja nos personagens, nas indicações de leitura ou eventualmente nos texto. Existe uma censura revela.

No silenciamento: Orlandi (2007) considera o *silêncio constitutivo* que é aquele que nos indica o que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras) e o *silêncio local*, que refere-se a censura (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura).

No contexto atual da educação, regulada pelo mercado e pela racionalidade científico-instrumental, esses saberes forma transformado em não existência; ou seja, em ausências (GOMES, 2017, p.43).

Silêncio [...] lugar de recuo necessário para que possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio que chamamos de silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode ser outro. Mas que há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam. (ORLANDI, 2020, p. 81).

Entre o dizer e o não-dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. (ORLANDI, 2020, p.81).



Figura 64 - Página 92

← → <http://encenasaudemental.net/post-destaque/afinal-quem-deve-falar-sobre-sexualidade-com-os-filhos-pais-ou-escolas/>


## Quem deve falar sobre sexualidade com os filhos: pais ou escolas?

29 de abril de 2017 | Joice Reitz

Afinal, quem deve falar sobre sexualidade com os filhos: pais ou escola? [...] Ocorre uma dúvida frequente acerca do que falar e como falar sobre sexo e a quem cabe esse papel, se é aos pais ou a escola.

A melhor solução para esse dilema é o trabalho em equipe, ou seja, pais e escola unidos na educação sexual das crianças e adolescentes. O que não pode ocorrer é a inversão de valores de uma família no campo escolar, pois assim a escola estaria invadindo um espaço que não é seu. Desse modo, ficaria para a escola o papel de ensinar as crianças e adolescentes sobre o papel da sexualidade [...], ensinando métodos preventivos contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Já para a família, caberia a transmissão dos valores, o que varia de uma para a outra, para a criança ou adolescente.

O problema que ocorre nessa pós-modernidade é que, com os adultos superenvolvidos no trabalho a maior parte do tempo, a escola que antes só possuía o papel de ensinar, passou a ter o papel de educar também. Talvez seja nisso que muitos pais se confundem e acreditam que a escola deve transmitir tudo para seus filhos, inclusive valores e princípios. Porém, muitos desses mesmos pais não apoiam a educação sexual nas escolas, o que é muito contraditório. A educação sexual precisa ser passada nas escolas, com acompanhamento dos pais, pois estes podem passar informações corretas acerca do assunto, uma vez que o fácil acesso a informação é algo



SHUTTERSTOCK

Na figura 69, trata-se da questão da sexualidade, sobre quem se deve falar a respeito: com os filhos, pais ou escola? Uma censura imposta a escola, aos professores nos tempos atuais.

Figura 65 - página 146

Leia o texto a seguir e observe a imagem que o acompanha para responder às questões.

← → <http://revistapress.com.br/disque-denuncia-ganha-campanha-para-o-combate-a-violencia-no-rj/>

## Disque Denúncia ganha campanha para o combate à violência no RJ


10 de maio de 2018

Para ajudar a combater a onda de violência no Rio de Janeiro, a Nacional criou uma nova campanha para o Disque Denúncia. O objetivo é encorajar os cidadãos a revelarem informações que podem ser valiosas para as investigações dos mais diversos crimes que ocorrem no dia a dia, garantindo o anonimato e a integridade de quem fizer uma denúncia.

As peças, que trazem o conceito "Você expõe o crime. A gente não expõe você.", destacam ainda o telefone do Disque Denúncia, uma das principais ferramentas contra o crime. Serão veiculadas nas mídias impressa e exterior, cartazes em pontos de venda e também nas redes sociais da ONG.

[..]

DISQUE Denúncia ganha campanha para o combate à violência no RJ. *Portal Press*, Porto Alegre, 10 maio 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2E24hPO>>. Acesso em: 25 set. 2018.



DISQUE DENÚNCIA-RJ

VOCÊ EXPÕE O CRIME  
A GENTE NÃO EXPÕE VOCÊ.

Na figura 70, trata-se de uma campanha de combate a violência contra as mulheres no Rio de Janeiro. Uma problemática que impacta na vida das mulheres e de toda a sociedade. Denunciar o agressor é algo que não é tão simples para as mulheres, pois as mulheres são atravessadas pela cultura patriarcal, quer seja pela esperança na mudança de comportamento do agressor, quer seja pelo sentimento de incompletude. Podemos afirmar que o sistema patriarcal que constituiu muitas mulheres faz com que muitas delas sejam silenciadas diante da violência. O machismo é um sistema de crenças em que se aceita a superioridade dos homens devido a sua masculinidade (TIBURI, 2018 p. 63).

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1997, p.119)

### - Linguagem masculina como neutra

Figura 66 - Página 176

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) lançará campanha "Todos são Iguais". A iniciativa que se inicia a partir da 1ª rodada do Brasileirão, busca quebrar o preconceito e a discriminação, mostrando que o futebol é um esporte de todas as cores, origens, crenças, gêneros e condições físicas.

As cores da logomarca representam as variadas peles, credos e ideologias que o futebol une sem preconceitos.



Campanha "Todos são Iguais", da Confederação Brasileira de Futebol, contra discriminação.



Na figura 71, temos um cartaz da campanha da CBF contra preconceito e discriminação. Porém, a linguagem inclusiva de gênero não existe, utilizasse o masculino como se fosse um gênero neutro. O trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá: é justamente quando esquecemos quem disse “colonização”, quando, onde e porquê, que o sentido de colonização produz efeitos. (ORLANDI, 2020, p. 47).

### - Profissões exercidas por mulheres

Figura 67 - Página 227



WATTERSON, Bill. *Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo* por Bill Watterson. São Paulo: Conrad, 2011.

Na figura 72, temos uma história em quadrinhos, com um diálogo entre o estudante e a professora. A partir do questionamento do estudante e o diálogo com a professora, é revelado que ele não é um estudante tão dedicado. A sua reação de dizer: “então esqueça”, podemos dizer na AD que é o dizível. As palavras se

acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio. (ORLANDI, 2020, p. 81).

Manda carta e manda conta pra mamãe e pro papai  
 E o supergari, o lixeiro, o quê que faz?  
 Bota o lixo no lixo que aqui tem lixo demais  
 Cada um faz o que sabe, cada uma sabe o que faz  
 Ninguém menos ninguém mais, todo mundo corre atrás  
 E volta pra casa com saudade do filho  
 Enfrentando o desafio, desviando do gatilho  
 Mais uma jornada, adivinha quem chegou?  
 São as aventuras do supertrabalhador

Sou o supertrabalhador  
 Alimento minha família com orgulho e amor  
 Supertrabalhador  
 São as aventuras do supertrabalhador  
 Sou o Supertrabalhador  
 Enfrento os desafios, o perigo que for  
 Supertrabalhador  
 São as aventuras do Supertrabalhador  
 Demorou

[...]

Supertrabalhador  
 Taxista, motoboy, assistente, diretor  
 Supertrabalhador  
 Pipoqueiro, pedagogo, poteiro, pesquisador  
 Supertrabalhador  
 Ambulante, feirante, astronauta, ilustrador  
 Supertrabalhador  
 Comandante, comissário, caixa, vendedor  
 Supertrabalhador  
 Cozinheiro, garçom, bibliotecário, escritor  
 Supertrabalhador  
 Maquinista, sambista, surfista, historiador  
 Supertrabalhador  
 Marceneiro, carpinteiro, ferreiro, minerador  
 Supertrabalhador  
 Telefonista, salva-vidas, bombeiro, mergulhador  
 Supertrabalhador  
 Pára-quedista, arqueólogo, filósofo, pintor  
 Supertrabalhador  
 Sapateiro, boiadeiro, farmacêutico, cantor  
 Supertrabalhador

GABRIEL, o pensador. Supertrabalhador. In: *Gabriel, o Pensador, para crianças*. São Paulo: Abril/Moderna, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2E52Gsx>>. Acesso em: 28 set. 2018.

Na figura 73, diversas profissões ilustradas, não há flexão de substantivo para o gênero feminino. Na construção discursiva buscou-se colocar a representação de mulheres em profissões consideradas masculinas.

Essa possibilidade de movimento, de deslocamento de palavras em presença e ausência, leva-nos a fazer um paralelo que mostra ao mesmo tempo uma relação fundamental entre a linguagem e o tempo. (E. ORLANDI, 2007, p.25).



Figura 68 - Página 41

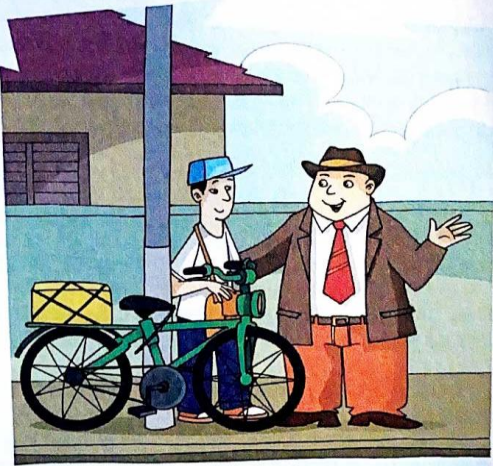
– É que se eu fosse poeta poderia dizer o que quero.  
 – E o que é que você quer dizer?  
 – Bom, o problema é justamente esse. Como não sou poeta, não posso dizer.  
 [...]

Neruda apertou os dedos no cotovelo do carteiro e o foi conduzindo até o poste onde havia estacionado a bicicleta.

– [...] Agora vá para a enseada pela praia e, enquanto você observa o movimento do mar, pode ir inventando metáforas.  
 – Dê-me um exemplo!...  
 – Olhe este poema: “Aqui na Ilha, o mar, e quanto mar. Sai de si mesmo a cada momento. Diz que sim, que não, que não. Diz que sim, em azul, em espuma, em galope. Diz que não, que não. Não pode sossegar. Chamo-me mar, repete, atirando-se contra uma pedra, sem convencê-la. E, então, com sete línguas verdes, de sete tigres verdes, de sete cães verdes, de sete mares verdes, percorre-a, beija-a, umedece-a e golpeia o peito, repetindo seu nome”.

Fez uma pausa satisfeita.  
 – O que você acha?  
 – Estranho.  
 – “Estranho.” Mas que crítico mais severo!  
 – Não, Dom Pablo. Estranho não é o poema. Estranho é como eu me sentia quando o senhor recitava o poema.  
 – Querido Mário, vamos ver se você desenreda um pouco, porque eu não posso passar toda a manhã desfrutando o papo.  
 – Como se explica? Quando o senhor dizia o poema, as palavras iam daqui para ali.  
 – Como o mar, ora!  
 – Pois é, moviam-se exatamente como o mar.  
 – Isso é ritmo.  
 – Eu me senti estranho, porque com tanto movimento fiquei enjoado.  
 – Você ficou enjoado...  
 – Claro! Eu ia como um barco tremendo em suas palavras.  
 As pálpebras do poeta se despregaram lentamente.  
 – “Como um barco tremendo em minhas palavras.”  
 – Claro!  
 – Sabe o que você fez, Mário?  
 – O quê?  
 – Uma metáfora.  
 – Mas não vale porque saiu só por puro acaso.  
 – Não há imagem que não seja casual, filho.

SKÁRMETA, Antonio. *O carteiro e o poeta*. Rio de Janeiro: Record, 1996.



Concluimos a análise das imagens com a figura 74, que apresenta a imagem e texto relacionado ao diálogo entre dois homens, que exercem duas profissões que existe uma presença maior dos homens. Sintomático ao pensarmos toda discussão estabelecida até aqui, na qual se observa uma aparente predeterminação que atribui dadas profissões às mulheres. Utilizando da própria frase no texto, “Não há imagem que não seja casual”, prova-se ao longo da toda análise que essa afirmação se contradiz ao pensarmos o discurso e que se constrói a partir do mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade social é uma das características mais cruéis associadas ao nosso país. São desigualdades de gênero e raça, regionais, de renda, de acesso a bens e serviços, entre tantas outras. Nesse sentido, destacamos a desigualdade de gênero, evidenciadas em diferentes formas de violência contra as mulheres, resultantes de práticas discursivas alicerçadas em um sistema capitalista e patriarcal, que ao longo da história da humanidade subalternizaram mais profundamente as mulheres, como classificou Spivak (2010).

Nesse aspecto, a violência doméstica, as diferenças salariais entre homens e mulheres, a ausência das mulheres em espaços de decisões, a baixa participação política, a cultura do estupro, o cuidado com a casa, filhos, doentes da família, entre outros, revelam que existe uma ideologia patriarcal que estrutura a sociedade e busca naturalizar as desigualdades de gêneros impostas às mulheres.

Com isto, nossa pesquisa confirma a escola como um espaço de controle ideológico de Estado, como afirmou Althusser (1980). Nos últimos tempos a educação brasileira vem sendo alvo de muitas disputas ideológicas nas políticas educacionais, que buscam impor censuras à educação, entre elas a discriminação de notícias fraudulentas, sobre questões de gênero, impulsionada por grupos religiosos fundamentalistas com representação no parlamento, com o objetivo de manipular a opinião pública em relação aos conteúdos trabalhados na escola, à liberdade de cátedra e a linguagem a ser utilizada no espaço da escola. Podemos confirmar que essa censura também chega aos livros didáticos de língua portuguesa.

Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) passam a ser obrigatórios, inclusive nos livros didáticos a partir de 2021. E deve buscar garantir os objetivos da nova BNCC, que mesmo construída sem diálogo e sem as articulações necessárias com os seguimentos sociais, entre seus objetivos deve trabalhar a contextualização e articulação entre os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de mundo, a fim de promover o desenvolvimento integral dos (as) estudantes para trabalho.

Na coleção de LDLP, nosso *corpus* de estudo, podemos concluir que no funcionamento discursivo sobre as representações de gênero no Livro Didático de Língua Portuguesa as mulheres ou personagens femininos estão presentes, porém



na maioria das vezes que são visibilizadas, possuem papéis sociais secundarizados, estereotipados. Estão responsáveis pelo cuidado e educação dos filhos, sempre associada imagem da “família ideal”, onde a mãe exerce suas funções voltadas para vida privada, o cuidado com a casa e a família, o pai é o provedor, o que sai para trabalhar e garante o sustento da família. Profissionalmente, as mulheres exercem as profissões consideradas típica de mulheres, sendo funções nas quais as mulheres já teriam um “dom natural” para exercê-las, tendo destaque as profissões ligadas a educação, como professora, e empregada doméstica. Podemos perceber que o livro silencia o quanto as mulheres vêm ocupando espaços na sociedade, seja profissionalmente, exercendo diversas profissões, inclusive aquelas que sempre foram atribuídas aos homens, seja na própria família, sendo responsáveis pelo sustento da casa e ainda as mães solas. Destaca-se também, que não há visibilidade para as desigualdades de gênero que as mulheres vivenciam e impactam toda a sociedade. Percebemos que as autoras buscam visibilizar a população negra, atendendo da transversalidade da Lei 10.639/03, mas em relação à Lei 11645/08, que trata da inclusão da população indígena, deixa muito a desejar. E, no que trata a população LGBTQIA+, apenas em um único momento, aparece a temática de forma muito breve. O que reflete a censura, quanto ao tema na educação brasileira, desconsiderando que o Brasil é um dos países mais violentos do mundo para esse seguimento. Já os homens ou personagens masculinos, são fortes, heróis, corajosos, rigorosos com os filhos, bem sucedidos entre outras características que não são atribuídas às mulheres. O fato de ser uma coleção de LDLP escrita por mulheres, não evitou que esses estereótipos fossem reproduzidos. Constatamos uma predominância de formações discursivas marcadas por uma ideologia patriarcal, que reforça uma superioridade masculina e quer impor as mulheres modelos de comportamento considerados “aceitáveis”, “adequados” para o gênero feminino. Os LDLPs quase não discutem ou mostram as problemáticas vivenciadas pela população feminina brasileira, por toda a coleção, apenas aparece em apenas um texto do 7º ano e em quatro do 9º ano.

Considerando os autores da Seção Prática de Leitura, os textos principais trabalhados na coleção de LDLP são escritos predominantemente por homens, representando somente 21% a participação das mulheres nesse lugar de autoria. Ao verificar a Seção Ampliando Horizontes, a participação feminina foi de 40,9% na autoria de livros indicados para leitura. Efeitos de um silenciamento histórico das

mulheres, que vai desde a negativa do direito à educação, quando parte teve acesso a escola, a limitação quanto aos conteúdos que poderiam estudar, e os dias de hoje, onde a mulher ocupa diversos espaços, mas ainda não há uma consciência coletiva da existência da desigualdade de gênero e a necessidade de avanços rumo a igualdade.

Buscou-se com essa pesquisa, despertar uma percepção pedagógica crítica, com vistas às formações discursivas em torno das mulheres presentes nos LDLPs; Perceber as formações imaginárias, as ideologias e discursos presentes nos textos atribuídas às mulheres e personagens femininos e aos homens e personagens masculinos nos LDLPs; Identificar a posição-sujeito mulher nos LDLPs e seus efeitos discursivos; Significar os sentidos do silêncio atribuído às mulheres.

Considerando o LD enquanto espaço de produção de sentidos e de (re)produção de discurso, é pertinente considerar que há um prejuízo referente ao letramento social dos estudantes, uma vez que, ao invés de estarem em contato com condições passíveis à produção de suas próprias narrativas com base nas abordagens, o gesto autoritário da concepção hegemônica sobre o conteúdo dos livros coage a discussão a respeito da diversidade de gênero, reforçando o estereótipo do que é representado como mulher, reproduzindo o silenciamento e o apagamento em detrimento da propagação da cultura hegemônica patriarcal.

Os LDLPs reproduzem valores culturais sexistas, comportamentos tipificados atribuídos às mulheres e aos homens. O seguimento não-binário, mais invisibilizado ainda. O que revela a não neutralidade do livro didático e nem da linguagem. Os livros didáticos seguem a utilização do masculino genérico como regra, sendo indiferente aos novos acontecimentos linguísticos que vem surgindo, impulsionados a partir da geração tecnológica, a geração Z, que são os nascidos por volta dos anos 90 até 2010, que são parte considerável da juventude em idade escolar. Bourdieu (2003, p.3) diz que “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la”.

Portanto, a intervenção dos educadores e a proposta pedagógica são indispensáveis no processo educativo. Nesse sentido, o livro didático precisa ser olhado de forma crítica desde no processo de escolha. A escola precisa desenvolver projetos que contribuam para a construção de valores igualitários, possibilitar condições de acesso a uma educação emancipatória. Além disso, é necessário pensar que valores humanos a escola está reforçando em seu cotidiano. E, essa

construção passa pelos conteúdos, pelos materiais didáticos, pela linguagem, pelas relações estabelecidas também na escola, que reflete na sociedade.

O livro didático não é neutro, pode reforçar desigualdades de gênero e outras formas de discriminações. As políticas educacionais, a escola, o currículo escolar, o fazer pedagógico deve ter um olhar crítico aos LDLP.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1974.

ANTRA. **Violência crescente contra pessoas trans em 2018**. 2018. Disponível em: <https://antrabrazil.org/2018/03/29/violencia-crescente-contra-pessoas-trans-em-2018/>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

ARRAES, Jarid. **A sexualidade da mulher negra**. In: Portal Geledés. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-sexualidade-da-mulher-negra/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

AUGÉ, Marc. **Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity**. Translated by John Howe. London: Verso, 1995.

AVELAR, Marina. **O público, o privado e a despolitização nas políticas educacionais**. In: Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. MARIANO, Alessandro... [et al.]; organização Fernando Cássio; prólogo de Fernando Haddad. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Boitempo, 2019,

ÁVILA, Manuela d'. **E se fosse você?: sobrevivendo às redes de ódio e fake News**. 1<sup>a</sup> edição. Porto Alegre: Instituto E se Fosse Você, 2020.

\_\_\_\_\_. **Por que Lutamos?: um livro sobre amor e liberdade**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de; DELA SILVA, Silmara; DARÓZ, Eliane Pereira. **Linguagem e produção de sentidos: a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso**. In: Barros et al (ORGS). Ensino, Texto e Discurso. Curitiba: Editora CRV, 2014 (no prelo)

BAGNO, Marcos. **Polêmica: Presidenta, sim!**. 2011. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/rodrigovianna/brodrigovianna-presidenta-sim>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

BATISTA, A. A. G.; ROJO, R. **Livros escolares no Brasil: a produção científica**. In: COSTA VAL, M. da G.; MARCUSCHI, B. (Org.). Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp.13-45.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**.

São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

BERLUCCI, Pri; ZANELLA, Andrea. **MANIFESTO ILE PARA UMA COMUNICAÇÃO RADICALMENTE INCLUSIVA**. 2015. Disponível em: <http://www.ssexbbo.com/2015/11/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

\_\_\_\_\_. **Um guia para promover a linguagem inclusiva em português**. 2020. Disponível em: <https://diversitybbo.com/pt/um-guia-para-promover-a-linguagem-inc>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BONOTO, Carolina; STORCH, Laura. **Jornalismo e construções identitárias: as representações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no discurso jornalístico do Correio do Povo**. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL – INTERCOM. Anais. Palhoça: Intercom, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 15ª ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: [www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br)

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun 2014a. Seção 1 (ed. extra), p. 1. Disponível em: [www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br). Acesso em: 08 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.642 de 03 de abril de 2018.** Disponível em: Altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres. Disponível em: [www.jusbrasil.com.br/topicos/186325898/lei-n-13642-de-03-de-abril-de-2018](http://www.jusbrasil.com.br/topicos/186325898/lei-n-13642-de-03-de-abril-de-2018) Acesso: 10 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 12 de outubro de 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento final. MEC. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em 13 de outubro de 2020

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. MEC. Brasília, DF, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em: 31 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. **Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim). Publicado em 27/08/2020.** Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/programas-e-acoes/programa-nacional-das-escolas-civico-militares-pecim>. **Acesso em: 20 de outubro de 2020.**

\_\_\_\_\_. **Decreto 10.004/19, Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/d10004.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d10004.htm) Acesso: 20 de agosto de 2020.

BRASIL 247. **Congresso aprova projeto de Luizianne que é pioneiro contra misógina na web.** 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/03/congresso-aprova-projeto-de-luizianne-que-e-pioneiro-contramisoginia.html/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BRUM, Daniela Moraes. **Feminismo para quem?** Bauru/SP: Astral Cultural, 2020.

BUTLER, Judith P. **Discurso de ódio: uma política do performativo.** Traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

\_\_\_\_\_. **Corpos que importam – Os limites discursivos do “sexo”.** Tradução Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.



CARA, Daniel. **Contra a barbárie, o direito à educação**. In: Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. MARIANO, Alessandro... [et al.]; organização Fernando Cássio; prólogo de Fernando Haddad. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CAVALCANTI, Cristiane; AZEVEDO, Nadia. **Representações do corpo feminino**. *Cadernos de Linguística*, v. 1, p. 01-16, 2020.

CEARÁ. **Decreto Estadual nº 33.510, de 16 março de 2020**. Disponível em: [www.ceara.gov.br](http://www.ceara.gov.br). Acesso em 31 de março de 2021

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHOPIN, Alain (1992). **Les manuels scolaires: historie et actualité**. Paris : Hachette Éducation.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Base Nacional Comum Curricular- Dilemas e perspectiva**. São Paulo: Cortez, 2018.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax,. São Paulo: Editora Elefante, 2017

\_\_\_\_\_. **O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Patriarcado do Salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismos**. Tradução Heci Regina Candiani. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, M.C. L. **O corpo como materialidade discursiva**, *Redisco*. Vitória da Conquista, vol 2, nº1, 2013, p.77-82. Disponível em: <http://periódicos.uesb.br/index.php/redisco/artice/viewFile/1996/1723>.> Acesso em: 13 de novembro de 2021.

FERREIRA, Rita de Cássio Cunha. **A comissão nacional do livro didático durante o estado novo (1937 - 1945)**. Assis 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. São Paulo, Forence Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Corpos Dóceis: Vigiar e Punir**. MICHEL FOUCAULT. 1997

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, paz e terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Tolerância**. Organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo Freire, [2. ed].- Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M. T.; SILVA, J. A. da. & LEITE, M. C. L. (2018). **Diretrizes invisíveis e regras distributivas nas políticas curriculares da nova BNCC**. Currículo sem Fronteiras, 18(3), 857-870. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss3articles/freitas-silva-leite.pdf>

G1. **Livros didáticos atuais são 'lixo', e governo vai 'suavizar' linguagem a partir de 2021, diz Bolsonaro**. 2020. Disponível em: em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/03/livros-didaticos-atuais-sao-lixo-e-governo-vai-suavizar-linguagem-a-partir-de-2021-diz-bolsonaro.ghtml/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. [2ª ed. 1989, 4ª ed.2002]. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOLPÍDIA. **Impeachment pra quem?** 2016. Disponível em: <https://golpidia.wordpress.com/2016/12/07/impeachment-praquem/>. Acesso em 12 set. 2021.

GOMES, Nilma Lino, **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. Tradução Manuel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRISONI, Dominique; MAGGIORI, Robert. **Ler Gramsci**. Lisboa: Inicativas Editoriais, 1974.

IBGE. **Censo 2014**. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/arquivo/noticias/pdf/analise\\_estimativas\\_2014.pdf](https://www.ibge.gov.br/arquivo/noticias/pdf/analise_estimativas_2014.pdf) . Acesso em: 10 janeiro de 2021.

IBGE. **Estudo mostra desigualdade de gênero no mercado de trabalho**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/agencia-brasil/2021/03/04/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho.htm>. Acesso em: 04 de março de 2021

INDURSKY, F. **Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces**. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda (Org.). Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 153-62

IPEA (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA). **Brasil em desenvolvimento 2013: estado, planejamento e políticas públicas**. Editores: Rogério Boueri, Marco Aurélio Costa. 3 v.: gráfs., mapas.(Brasil: o Estado de uma Nação). Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3941/1/Livro-Brasil\\_em\\_desenvolvimento\\_2013\\_v\\_3.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3941/1/Livro-Brasil_em_desenvolvimento_2013_v_3.pdf). Acesso em: 15 de agosto de 2021.

JUNQUEIRA, R. D. A "ideologia de gênero" existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. MARIANO, Alessandro... [et al.]; organização Fernando Cássio; prólogo de Fernando Haddad. 1.ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 135.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. Ingedore G. Villaça Loch, Anna Christina Bentes, Mônica Magalhaes Cavalcante. 3. Ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar**. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em: 12 set. 2021.

LONGO, Ivan. **Manuela D'Ávila denuncia ameaças de estupro contra sua filha de 5 anos por causa de pai da escola**. Revista Fórum, 2021. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/manuela-davila-denuncia-ameacas-de-estupro-contra-sua-filha-de-5-anos-por-causa-de-pai-da-escola1/>. Acessado em: 12 set. 2021.

LOPES FILHO, Otacílio. **Novo tratado de fonoaudiologia**. [et al.]. -- 3. ed. -- Barueri, SP: Manole, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírío Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, E.; LÊDO, A. C. O. **Representações de gênero social em livros didáticos de Língua Portuguesa**. RBLA, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 149-178, 2015.

MARIANO, Alessandro [et al.] **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. In: Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. CÁSSIO, Fernando (org.). São Paulo: Boitempo, 2019.

MARTINS, Isabela. **Ciro diz que “Fortaleza é Puteiro” e irrita Luizianne**. In: O Globo. 25/06/2008 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2008/ciro-diz-que-fortaleza-puteiro-irrita-luizianne-5003669>.. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

MARQUES, A. A. (2013). **Resenha: Os corpos dóceis, em vigiar e punir, de Nichel Foucault**. *Itinerarius Reflectionis*, 9(2). Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/27767>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

MARX, Karl. **O capital**. tradução e condensação de Gabriel Deville/ Bauru, SP: EDIPRO, 3. Ed., 3. reimp. 2016.

MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York, William Morrow and c. 1935 (Trad. Bras. Rosa R. Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2000)

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: prática de fichamento. Resumos, resenhas**. 13. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

METROPOLES. **Governo permitirá erros de revisão e publicidade em livros didáticos**. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/governo-permitira-erros-de-revisao-e-publicidade-em-livros-didaticos>. Acesso em 09 jan. 2021.

MIRANDA, Eduardo. **Entrega de pré-sal a empresas estrangeiras afeta saúde, educação e cultura**. Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 2018. Disponível: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/09/14/entrega-de-pr-e-sal-a-empresas-estrangeiras-afeta-saude-educacao-e-cultura>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

MORAES, Fabiana. **O Nascimento de Joicy: transsexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editora, 2015.

MUSSALIM, F.; FONSECA-SILVA, C. **Estereótipos de gênero e cenografias em anúncios publicitários**. In: Motta, A. R. & Salgado, L. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

O ESTADO. **Luizianne Lins é vítima de crime pela internet**. 2009. Disponível em: <https://oestadoce.com.br/politica/luizianne-lins-e-vitima-de-crime-pela-internet/>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, João Batista Araújo [et al]. **A política do livro didático**. Campinas: UNICAMP, 1984.

OLIVEIRA, Jorge. **Preconceito, racismo e intolerância na morte de Marielle**. Diário do Poder, 2018. Disponível em: <https://www.omorungaba.com.br/noticia/6-opiniaio/3325-preconceito-racismo-e-intolerancia-na-morte-de-marielle/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

OLIVEIRA, Luciano Amaral de. **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

O POVO [online]. **Congresso aprova projeto de Luizianne que é pioneiro contra misoginia na web**. 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/03/congresso-aprova-projeto-de-luizianne-que-e-pioneiro-contra-misoginia.html/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ORLANDI, Eni Puccienelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípio e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª edição, Campinas, SP; Pontes editora, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípio e procedimentos**. 13ª ed. Campinas/SP: Pontes, 2020.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni P.; LAGGAZZI-RODIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade**. 3ª ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2017.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **O silêncio do/no livro didático**. In: *Leitura e escrita: no caminho das linguagens*. 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. 17ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura e Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (1975)  
Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: Ed. Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. (1975). **Semântica e Discurso uma crítica a afirmação do óbvio**.  
Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_. (1969). **Analyse Authomatique du Discours**. Dunod, Paris.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fábio Viana; MANENTI, Mariana Aguiar. **Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas**. Boletim de Conjuntura, Boa Vista, ano II, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/Pereiraetal/3074>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

PIERONI, Geraldo. **Os excluídos do reino: A Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil Colônia**. 2ªed. Brasília: UNB, 2006.

POLITIZE. **Linguagem inclusiva e linguagem neutra: entenda a diferença!**  
**Publicado em 9 de março de 2021. Disponível em:**  
<https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/>.  
Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

REBOUÇAS, Hébelly. **Luizianne reage às críticas e chama Aivaldo Pinho de "moleque"**. 12/08/2011. Disponível em:  
<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/politica/2011/08/12/noticiasjornalpolitica.2278759/luizianne-reage-as-criticas-e-chama-arialdo-pinho-de-moleque.shtml>. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.



RIO GRANDE DO SUL. **Lei Estadual Nº 14.484, de 30 de janeiro de 2014**. Dispõe sobre a utilização da linguagem inclusiva de gênero no âmbito da Administração Pública Estadual. Assembleia Legislativa. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.484.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Manual para o uso Não Sexista da Linguagem: O que bem se diz bem se entende**. 2014.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALDANHA, Gabriela. **Por que o feminismo é tão importante no contexto atual brasileiro?** Disponível e: <https://www.justificando.com/2016/06/28/por-que-o-feminismo-e-tao-importante-no-contexto-atual-brasileiro>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVIANI, Dermerval. **Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de educação: significado, controvérsias e perspectivas**. 2ª ed. Coleção Educação Contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

\_\_\_\_\_. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. 7ª ed. Coleção Educação Contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

SAVIANI, Dermeval [et al.] **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3ª.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20,n.2, p. 71-99,jul./dez.1995.

SILVA, Dalexon Sérgio da; AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de. FILGUEIRAS, Arthur de Araújo. **Bela, recatada e do lar: uma análise discursiva das posições-sujeito da mulher**. Revista Veja.

\_\_\_\_\_. **Análise discursiva da identidade de torcedores do Santa Cruz Futebol Clube em suas posições-sujeito**. In: Intersecções. Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais, v. 1, p. 4-20, 2018.

SIQUEIRA, Ranyella; CARDOSO, Hélio. **O conceito de estigma com o processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana.**

Imagonautas 2 (1) / 2011/ ISSN 07190166 (artigo)

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim.** Trad. de Lando, Isa Mara. São Paulo: Cultrix, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** 1ªed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TRIVINOS, Augusto N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2015.

UOL. **Desigualdade aumenta no Brasil e 1% da população concentra 50% da riqueza.** 2021. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/24/distribuicao-riqueza-nacional---brasil.html/>. Acesso em: 03 set. 2021.

**ANEXO 01 - LEI Nº 14.484, DE 30 DE JANEIRO DE 2014.**

Dispõe sobre a utilização da linguagem inclusiva de gênero no âmbito da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte: Art. 1.º Esta Lei dispõe sobre a utilização da linguagem inclusiva de gênero na redação de atos normativos de editais e de documentos oficiais no âmbito da Administração Pública Estadual. Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, entende-se por linguagem inclusiva de gênero o uso de vocábulos que designem o gênero feminino em substituição a vocábulos de flexão masculina para se referir ao homem e à mulher. Art. 2.º Para os fins do disposto nesta Lei, são objetivos da linguagem inclusiva: I - a inclusão dos gêneros feminino e masculino, com as respectivas concordâncias, na designação, geral ou particular, dos cargos, dos empregos e das funções públicas e dos postos, patentes e graduações; II - a não predominância, na elaboração de quaisquer documentos, mídias e outros veículos de divulgação, de um gênero sobre o outro, ainda que sustentada em uso do costume ou das regras gramaticais da língua portuguesa; III - a disseminação do uso dos dois gêneros, para os casos de pluralização, ao invés do uso do gênero masculino; IV - a utilização do gênero feminino para toda referência à mulher; V - a não utilização do termo “homem”, para fins de referência a pessoas de ambos os sexos, substituindo pela forma inclusiva “homem e mulher”; e VI - contribuir para uma cultura de igualdade de gênero, por meio da linguagem inclusiva. Art. 3.º Os nomes dos cargos, empregos, funções e outras designações que recebam encargos públicos da Administração Pública Estadual, inclusive as patentes, postos e graduações dos círculos e escala hierárquica da Brigada Militar, deverão conter a flexão de gênero, de acordo com o sexo ou identificação de gênero do ocupante ou da ocupante. Parágrafo único. Para fins do disposto no “caput” deste artigo, quando da referência a cargo, emprego ou função pública ou posto, patente ou graduação da Brigada Militar, far-se-á a MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM 111 devida flexão do respectivo gênero de acordo com o sexo ou identificação de gênero do ocupante ou da ocupante, utilizando recursos de flexão e concordância da língua portuguesa. PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 30 de janeiro de 2014. TARSO GENRO, Governador do Estado. Registre-se e publique-se. Gabinete de Consultoria Legislativa publicada no DOE n.º 022, de 31/01/2014.

**ANEXO 02 - DECRETO Nº 49.994, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.**

Estabelece a utilização da linguagem inclusiva de gênero nos atos normativos, nos documentos e nas solenidades do Poder Executivo Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe confere o art. 82, incisos V e VII, da Constituição do Estado, considerando o princípio da igualdade de gênero estabelecido na Constituição da República Federativa do Brasil; considerando que o Poder Executivo Estadual deve dar igual tratamento aos seus servidores, sejam eles homens ou mulheres, e ser imprópria a menção de denominações masculinas para cargos ocupados por mulheres; MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM 107 considerando a necessidade de abolir eventuais práticas depreciativas da condição feminina e de propiciar a linguagem inclusiva como política de igualdade de tratamento; e considerando a necessidade de se estabelecer iniciativas que promovam a igualdade de oportunidades e de tratamento entre homens e mulheres no Poder Executivo Estadual, D E C R E T A: Art. 1º Fica instituído o uso da linguagem inclusiva de gênero nos atos normativos, no que couber, nos documentos e nas solenidades do Poder Executivo Estadual. Art. 2º Entende-se por linguagem inclusiva: I - a utilização de vocábulos que designem o gênero masculino apenas para referir-se ao homem, sem que seu alcance seja estendido à mulher; e II - nos textos escritos ou falados, toda referência à mulher deverá ser feita expressamente utilizando-se, para tanto, o gênero feminino. Art. 3º A menção aos cargos deverá observar o gênero de seu ou de sua ocupante, respeitada a condição feminina ou masculina. Art. 4º A linguagem inclusiva de gênero, referente aos cargos e funções, será observada nos documentos funcionais, crachás de identificação pessoal, placas de automóvel, cartões de visita, plaquetas de identificação, entre outros que visem à identificação de seu ou sua ocupante. Art. 5º Para estudo e alterações legais quanto ao uso da linguagem inclusiva de Gênero no Estado do Rio Grande do Sul será instituído um Grupo de Trabalho. Art. 6º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, produzindo seus efeitos a partir do dia 8 de março de 2013, Dia Internacional da Mulher. PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 27 de dezembro de 2012. TARSO GENRO, Governador do Estado. Registre-se e publique-se. CARLOS PESTANA NETO, Secretário Chefe da Casa Civil. Expediente nº 000872-06.01/12.1. \*PUBLICADO NO DOE Nº 248, DE 28/12/12.

**ANEXO 03 - DECRETO Nº 49.995, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.**

Institui Grupo de Trabalho com a finalidade de discutir e propor medidas para a utilização da linguagem inclusiva de gênero nos atos normativos, nos documentos e nas solenidades do Poder Executivo Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe confere o art. 82, incisos V e VII, da Constituição do Estado, D E C R E T A: Art. 1º Fica instituído Grupo de Trabalho com a finalidade de estudar e propor medidas para a utilização e adequação da linguagem inclusiva de gênero nos atos normativos, nos documentos e nas solenidades do Poder Executivo Estadual . Art. 2º Compete ao Grupo de Trabalho avaliar e discutir: I - o uso de vocábulos que designem o gênero masculino apenas para referir-se ao homem, sem que seu alcance seja estendido à mulher; II - a promoção da linguagem inclusiva como política de igualdade de tratamento; e III - a abolição de práticas depreciativas da condição feminina. Parágrafo único. O Grupo de Trabalho referido no caput deste artigo elaborará uma cartilha informativa com orientações e modelos para adequação e prática da linguagem inclusiva de Gênero no Estado do Rio Grande do Sul. Art. 3º O Grupo de Trabalho, ora instituído, será composto por representantes, titular e suplente, dos seguintes Órgãos: I - Gabinete do Governador; II - Casa Civil; III - Procuradoria-Geral do Estado; MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM 109 IV - Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital; V - Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos; e VI - Secretária de Políticas para as Mulheres. § 1º A coordenação do Grupo de Trabalho poderá requerer a participação de outros órgãos da Administração Pública Estadual Direta e Indireta Municipal, Estadual ou Federal, bem como de Entidades e Organizações da sociedade civil para participar de reuniões com a finalidade de prestar informações sobre assuntos necessários ao seu objeto. § 2º A coordenação dos trabalhos caberá à Secretaria de Políticas para as Mulheres. Art. 4º Os integrantes do Grupo de Trabalho serão indicados pelos titulares dos respectivos Órgãos e Entidades e designados mediante Portaria da Secretária de Estado de Políticas para as Mulheres. Art. 5º O Grupo de Trabalho terá até o dia 8 de março de 2013, Dia Internacional da Mulher, para apresentar o relatório de suas conclusões ao Governador do Estado, bem como a cartilha informativa com orientações e modelos para adequação e prática da linguagem inclusiva no Serviço Público Estadual. Art. 6º A função de membro do Grupo de Trabalho será considerada prestação de serviço relevante, não remunerada. Art. 7º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 27 de dezembro de 2012. TARSO GENRO, Governador do Estado. Registre-se e publique-se. CARLOS PESTANA NETO, Secretário Chefe da Casa Civil \*PUBLICADO NO DOE Nº 248, DE 28/12/12.

**ANEXO 04 - LEI Nº 14.484, DE 30 DE JANEIRO DE 2014.**

Dispõe sobre a utilização da linguagem inclusiva de gênero no âmbito da Administração Pública Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte: Art. 1.º Esta Lei dispõe sobre a utilização da linguagem inclusiva de gênero na redação de atos normativos de editais e de documentos oficiais no âmbito da Administração Pública Estadual. Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, entende-se por linguagem inclusiva de gênero o uso de vocábulos que designem o gênero feminino em substituição a vocábulos de flexão masculina para se referir ao homem e à mulher. Art. 2.º Para os fins do disposto nesta Lei, são objetivos da linguagem inclusiva: I - a inclusão dos gêneros feminino e masculino, com as respectivas concordâncias, na designação, geral ou particular, dos cargos, dos empregos e das funções públicas e dos postos, patentes e graduações; II - a não predominância, na elaboração de quaisquer documentos, mídias e outros veículos de divulgação, de um gênero sobre o outro, ainda que sustentada em uso do costume ou das regras gramaticais da língua portuguesa; III - a disseminação do uso dos dois gêneros, para os casos de pluralização, ao invés do uso do gênero masculino; IV - a utilização do gênero feminino para toda referência à mulher; V - a não utilização do termo “homem”, para fins de referência a pessoas de ambos os sexos, substituindo pela forma inclusiva “homem e mulher”; e VI - contribuir para uma cultura de igualdade de gênero, por meio da linguagem inclusiva. Art. 3.º Os nomes dos cargos, empregos, funções e outras designações que recebam encargos públicos da Administração Pública Estadual, inclusive as patentes, postos e graduações dos círculos e escala hierárquica da Brigada Militar, deverão conter a flexão de gênero, de acordo com o sexo ou identificação de gênero do ocupante ou da ocupante. Parágrafo único. Para fins do disposto no “caput” deste artigo, quando da referência a cargo, emprego ou função pública ou posto, patente ou graduação da Brigada Militar, far-se-á a MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM 111 devida flexão do respectivo gênero de acordo com o sexo ou identificação de gênero do ocupante ou da ocupante, utilizando recursos de flexão e concordância da língua portuguesa. PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 30 de janeiro de 2014. TARSO GENRO, Governador do Estado. Registre-se e publique-se. Gabinete de Consultoria Legislativa publicada no DOE n.º 022, de 31/01/2014. Associação Nacional de Travestis e Transexuais